

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

**Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino
Básico**



**A relação escola–famílias num contexto de educação pré-escolar
e 1.º ciclo do ensino básico: impacto no desenvolvimento global
da criança.**

Relatório de investigação apresentado à Escola Superior de Educação de Paula
Frassinetti para obtenção de grau de mestre em Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do
Ensino Básico.

Carlota Azevedo Muge

Porto

2019

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico



A relação escola–famílias num contexto de educação pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico: impacto no desenvolvimento global da criança.

Orientador: Doutora Maria Ivone Couto Monforte das Neves

Discente: Carlota Azevedo Muge

Porto

2019

AGRADECIMENTOS

E eis que chega ao fim um dos maiores sonhos da minha vida, o sonho de ser educadora/professora. Durante esta caminhada, foram várias as pessoas que prestaram o seu apoio, no intuito de que tudo corresse da melhor forma.

Não posso terminar esta etapa sem agradecer aos meus pais, mas, em especial, à minha mãe, pois devo-lhe tudo aquilo que sou hoje. Foi quem esteve sempre do meu lado, com palavras de apreço e carinho para conseguir chegar até aqui. Agradeço-te por acreditares sempre em mim e nunca duidares das minhas capacidades.

Ao meu príncipe Salvador, pela coragem de me mostrar que uma mãe tem mais forças do que aquilo que pensa ter. Obrigada por seres a minha inspiração e o motivo pelo qual batalho todos os dias.

À minha família que, de uma forma ou outra, sempre me incentivou e apoiou durante o meu percurso académico, especialmente aos meus avós e ao meu namorado André Alho.

A todos os meus amigos que sempre estiveram presentes nos bons e maus momentos, em especial à Maria Miguel, Patrícia Chumbo, Carolina Marques, Ana Luís e Mariana Pinto.

Às colegas de turma que me ajudaram e acompanharam durante todo o percurso académico, tornando-se incansáveis.

Não posso deixar de agradecer à Doutora Ivone Neves por todo o apoio prestado na elaboração deste relatório, por todos os conselhos, carinho e palavras de apreço e força para chegar até aqui, também por toda a disponibilidade e empenho demonstrados.

Às Doutoradas Ana Gomes e Brigitte Silva por toda a ajuda no decorrer dos estágios profissionais I e II em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Aos profissionais de educação e a todas as crianças por me terem ajudado a “crescer” como futura profissional, assim como os encarregados de educação pela disponibilidade na participação das atividades.

E, para finalizar, agradeço à ESE de Paula Frassinetti e a todos os docentes por todas as aprendizagens, ao longo deste meu percurso académico.

RESUMO

O presente relatório foi realizado no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. A temática da relação escola-famílias tem sido o enfoque de muitos investigadores, uma vez que se tem verificado que ainda há muitos obstáculos a ultrapassar para potenciar esta relação, mesmo quando existem estudos que comprovam que a participação das famílias na vida escolar do seu filho é totalmente benéfica para o seu desenvolvimento e para a aquisição de novas aprendizagens. Neste sentido, o presente relatório apresenta a seguinte pergunta de partida: De que forma o envolvimento das famílias na vida escolar da criança contribui para o desenvolvimento global da mesma?

Assim sendo, foi realizada um estudo empírico, sustentado na investigação-ação onde foram mobilizadas técnicas e instrumentos metodológicos com intuito de proceder à recolha de dados, designadamente, observação participante, entrevistas aos profissionais de educação, inquéritos por questionário aos encarregados de educação e análise documental.

Através dos dados obtidos, foi possível reconhecer que se estreitou a parceria escola-famílias, bem como, a influência dos diversos contextos sociais das famílias no grau de envolvimento na escola. Foi ainda possível perceber que os profissionais de educação, educador de infância e professor de 1º ciclo (1ºCEB) envolvidos nesta pesquisa, reconhecem que o envolvimento das famílias potencia o sucesso educativo da criança.

Este estudo veio reiterar a ideia de que o envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos influencia, de forma positiva, o desenvolvimento das crianças, através do estímulo e apoio para a aquisição de novas aprendizagens.

Palavras-chave: Envolvimento; Participação; Famílias; Desenvolvimento da Criança;

ABSTRACT

This report was performed under the Master's Degree in Pre-School and Primary School Education. The topic of school-family relationship has been the focus of many researchers, as there are still many barriers regarding it, even when there are studies that prove that the participation of families in their children's school life is wholly beneficial to their development and to learn something new. In this regard, and as a starting point, this report raises the following question: "How does the involvement of families in children's school life contribute to their global development?".

Therefore, an investigation was carried out, and methodological tools were used with the purpose of collecting data. Effectively, such data collection tools include participant observation, interviews to education professionals, surveys to guardians and document analysis.

Through the obtained data, it was possible to recognize that the school-family partnership was narrowed, as well as the influence of the diverse social contexts of the families in the degree of involvement in the school. It was also possible to perceive that education professionals, childhood educators and 1st cycle teachers involved in this research recognize that the involvement of families enhances the educational success of the child.

This study reiterated the idea that the involvement of families in children's school life positively influences the development of children through the stimulation and support to acquire new learning.

Keywords: Involvement; Participation; Families; Child Development;

LISTA DE ACRÓNIMOS E SIGLAS

1.º CEB – 1.º Ciclo do Ensino Básico

EE – Encarregado de Educação

EPE – Educação Pré-Escolar

EQuaP – Enhancing Quality in Early Childhood Education and Care

JI – Jardim de Infância

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PAA – Plano Anual de Atividades

PCT – Plano Curricular de Turma

PE - Projeto Educativo

PES – Prática de Ensino Supervisionada

RI – Regulamento Interno

TEIP - Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

Índice

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	12
1.1 Envolvimento Parental à Luz da Legislação.....	12
1.2 Envolvimento Parental vs. Participação dos Pais	17
1.3 Obstáculos face ao Envolvimento Parental.....	23
1.4 Estratégias Promotoras ao Envolvimento Parental.....	25
1.5 Família na sociedade contemporânea	29
1.6 Outros Estudos Relevantes na Temática	36
CAPÍTULO II – DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	38
1.1 Teorias do Desenvolvimento da Criança	39
CAPÍTULO III – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	41
1.1 Opções Metodológicas	41
1.2 Tipo de Estudo.....	41
1.3 Pertinência do Estudo	43
1.4 Pergunta de partida e objetivos	43
1.5 Sujeitos em Estudo	44
2.1 CONTEXTO ORGANIZACIONAL	45
2.1.1 Caracterização da Instituição de pré-escolar.....	45
2.2.2 Caracterização da Instituição de 1.º Ciclo do Ensino Básico	45
2.3.3 Caracterização das famílias do contexto de educação pré-escolar (A)	47
2.2.4 Caracterização das Famílias de 1.º CEB.....	50
2.2.5 Grupo ¾ anos.....	53
2.2.6 Turma 2.º ano	55
3.1 Instrumentos de investigação	56
3.1.1 Entrevista.....	56
3.1.2 Inquérito por questionário	59
3.1.4 Análise documental	59
3.1.5 Observação participante	60
3.1.6 Projeto EQuaP.....	61

CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS	64
1. Análises das entrevistas	64
1.1 Percepção da Educadora de Infância	65
1.2. Percepção da Professora de 1.º CEB	67
1.3 Síntese entrevistas	70
1.4 Percepção dos Pais Instituição A	72
1.5 Percepção dos Pais Instituição B	81
1.6 Síntese dos inquéritos	91
1.7 Triangulação dos dados obtidos	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Idade Pais (sexo masculino)	48
Gráfico 2 - Idade Pais (sexo feminino)	48
Gráfico 3- Grau de Habilitação (sexo masculino)	48
Gráfico 4 - Grau de Habilitação (sexo feminino)	49
Gráfico 5 - Profissões por Sectores (sexo masculino).....	49
Gráfico 6 - Profissões por Sectores (sexo feminino)	49
Gráfico 7 - N° de Irmãos (pré-escolar).....	50
Gráfico 8 - Constituição do Agregado Familiar (pré-escolar).....	50
Gráfico 9 - Idade EE (1ºCEB)	51
Gráfico 10 - Encarregados de Educação (1ºCEB)	51
Gráfico 11 - Habilitações Pais (sexo masculino) 1ºCEB	52
Gráfico 12 - Habilitações Pais (sexo feminino) 1ºCEB	52
Gráfico 13 - Profissões Sectores (sexo masculino) 1ºCEB	52
Gráfico 14 - Profissões Pais (sexo feminino) 1ºCEB.....	53
Gráfico 15 - Constituição do Agregado Familiar (1ºCEB)	53
Gráfico 16 - Idade Grupo 3 anos	54
Gráfico 17 - Idade Grupo 4 anos	54
Gráfico 18 - Idade alunos 1ºCEB.....	56

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Importância do Envolvimento Parental (pré-escolar).....	73
Tabela 2 - Motivos que comunica com a educadora.....	74
Tabela 3- Outras opções (pré-escolar)	74
Tabela 4 - Momentos em que os EE participam no JI do seu filho	75
Tabela 5 - Colaboração nas atividades desenvolvidas pela educadora	75
Tabela 6 - Participação dos pais no projeto lúdico do JI.....	76

Tabela 7 - Colaborar nas atividades feitas pela educadora.....	76
Tabela 8 - De que forma os pais se envolvem no cotidiano do JI	78
Tabela 9 - Diálogo Pais/Filhos JI.....	78
Tabela 10 - Aprendizagens/Competências JI	78
Tabela 11 - Atividades significativas JI	79
Tabela 12 - Atividades JI	79
Tabela 13 - Participação dos pais no JI.....	79
Tabela 14 - Manifestações das crianças do JI.....	80
Tabela 15 - Estratégias de comunicação Escola-Família no JI.....	81
Tabela 16 - Sugestões dos Pais do JI	81
Tabela 17 - Importância da interação dos pais com a escola 1ºCEB	83
Tabela 18 - Motivos de comunicação com a professora 1ºCEB.....	83
Tabela 19 - Momentos de participação dos pais na vida escolar dos seus filhos 1ºCEB	84
Tabela 20 - Colaboração nas atividades 1ºCEB	84
Tabela 21- Participação dos pais no projeto lúdico 1ºCEB	84
Tabela 22 - Colaboração nas atividades desenvolvidas pela professora 1ºCEB.....	85
Tabela 23 - Participação dos pais no cotidiano da escola 1ºCEB.....	86
Tabela 24 - Diálogo Pais/Filhos 1ºCEB	87
Tabela 25- Aprendizagens/Competências 1ºCEB.....	87
Tabela 26 - Atividades significativas 1ºCEB	87
Tabela 27 - Atividades 1ºCEB.....	88
Tabela 28 - Mudanças nas atividades 1ºCEB	88
Tabela 29 - Atividades desenvolvidas em 1ºCEB	88
Tabela 30 – Participação dos pais no 1ºCEB.....	89
Tabela 31 - Manifestações dos alunos 1ºCEB	89
Tabela 32 - Estratégias de comunicação utilizadas pela docente 1ºCEB	90
Tabela 33 - Sugestões dadas pelos pais 1ºCEB	90

INTRODUÇÃO

O presente relatório de estágio surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, tendo como primordial objetivo o de perceber de que forma o envolvimento das famílias na vida escolar da criança influencia o desenvolvimento e aprendizagens da mesma.

Para Diogo (1998) “A família, no sentido sociológico de termo, tem sido conotada com uma multiplicidade de imagens que torna a definição do conceito imprecisa no tempo e no espaço” (p.38), sendo que, para além disso, a família é bastante importante para as crianças visto ser o primeiro agente de socialização, bem como, o primeiro ambiente que estimula as primeiras aprendizagens.

Assim sendo, devido também a fatores pessoais, a estagiária considerou o tema bastante aliciente e desafiante, acreditando que uma boa relação escola-famílias traz vantagens para a criança nas diferentes dimensões cognitiva, psico-motora, emocional e social.

Desta forma, pretendeu-se aprofundar esta temática, em dois contextos educativos: numa instituição de ensino particular e cooperativo na valência de jardim de infância (JI) e numa escola do 1º ciclo do ensino básico (1ºCEB) da rede pública, ambos situados no distrito do Porto, no sentido de perceber de que forma as instituições onde foram vividas as experiências de estágio profissionalizante, se debruçavam para potenciar o envolvimento/participação das famílias.

Revela-se de extrema importância que a família se envolva na vida escolar do seu filho, de forma a ser uma mais-valia para o seu desenvolvimento e aquisição de aprendizagens, no entanto, o próprio estabelecimento de ensino deve, também, promover iniciativas/estratégias que impulsionem um maior envolvimento das famílias no contexto educativo. Esta relação estreita entre a escola e a família é reiterada por Sena (1999).

A escola sem a família não funciona. Se este princípio constitui um dado adquirido, inquestionável, o universo não é menos verdadeiro. A família necessita da escola, precisa de a conhecer, e de colaborar com ela para educar convenientemente os seus filhos. É uma interação criativa, na procura de

renovadas respostas e esta necessidade de colaboração, que se encontra, em grande parte, o sucesso educativo. (p.p11-12)

O presente relatório encontra-se organizado em quatro capítulos fundamentais, a saber: o enquadramento teórico onde é apresentada a revisão da literatura da temática em estudo; as metodologias de investigação e instrumentos metodológicos mobilizados, bem como, a apresentação dos contextos institucionais; a caracterização do grupo de crianças do JI e da turma de 1.º Ciclo do Ensino Básico e também a caracterização das famílias de ambas as valências. Por fim, a análise e discussão de dados recolhidos na investigação, seguida das considerações finais.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 Envolvimento Parental à Luz da Legislação

Sendo o envolvimento parental (EP) uma temática relevante ao nível da educação, importa reportar ao quadro legislativo em vigor.

Silva (2003), a este propósito, refere que “a legislação tem privilegiado a integração dos pais em vários órgãos das escolas” (p.189). Surge com sentido de incentivar os pais a desempenhar ações do foro interativo para que estes possam acompanhar de perto todas as atividades dos seus educandos.

Segundo as Orientações Curriculares do Pré-Escolar (OCEPE, 2016), é importante integrar a família nas atividades desenvolvidas pelas instituições educativas, dado que “Os pais/famílias, como principais responsáveis pela educação dos filhos/as, têm o direito de participar no seu percurso pedagógico.” (p.18). Ainda, no mesmo documento, é referenciado que as instituições devem promover o contacto e a participação das famílias no processo educativo, devendo estabelecer relações afetivas e prestar colaboração com a comunidade.

Como se pode constatar, as OCEPE (2016) vêm reiterar a importância da interação escola-famílias, aspeto este já referenciado nas OCEPE (1997) quando mencionam que “a educação pré-escolar é complementar da acção educativa da família, haverá que assegurar a articulação entre o estabelecimento educativo e as famílias.” (p.22).

Outra dimensão não menos relevante referenciada pelas OCEPE (2016) prende-se com a importância das interações entre adultos e crianças uma vez que sabemos que “O processo motor, social, emocional, cognitivo e linguístico da criança é um processo que decorre da interação entre a maturação biológica e as experiências proporcionadas pelo meio físico e social.” (OCEPE, 2016, p.6), vivenciadas em diferentes contextos vão ser cruciais e determinantes no processo de desenvolvimento da criança.

Cabe ao educador conhecer e perceber qual o contexto social do grupo com que trabalha, para que, na sua intervenção, possa adequar estratégias pedagógicas. Segundo as OCPE (2016), a informação recolhida sobre o contexto de vida da criança poderá ser feita através de diferentes registos como “registos de participação dos pais/famílias em

reuniões ou em atividades de salas.” Estas informações são essenciais para o educador planejar e adequar estratégias de trabalho com o grupo. (OCEPE, p.15)

Nesse sentido poderá ser importante ouvir as opiniões encarregados de educação, na medida em que poderá ser uma “informação relevante, que pode ser obtida através da anotação de conversas informais ou recorrendo a instrumentos mais organizados e estruturados, tais como entrevistas ou inquéritos.” (OCEPE, 2016 p.16)

Também Marques (1988), sustentado na Lei de Bases do Sistema Educativo n.º 46/86 de 14 de outubro, “a escola deve incluir os pais e os alunos nas estruturas participativas e na experiência pedagógica quotidiana” (p.33). Assim, como já se consegue perceber, o EP está fortemente ligado à qualidade do ensino, o que se explica “pelo facto de as crianças viverem num mundo «ecológico» que inclui vários cenários independentes: a família, a escola, os grupos de amigos e a vizinhança.” (Marques, 1988, p.33). Estes diversos cenários devem manter-se em comunicação, visto que, se houver uma separação num dos cenários, provoca ruturas em todos eles. Portanto, esta comunicação deve-se efetivar no intuito de promover a integração e o desenvolvimento da própria criança.

Os pais são os principais intervenientes, devem ser responsáveis por manter uma forte ligação, interagindo com a escola, os grupos de vizinhança e grupos de amigos. O envolvimento dos pais nestes grupos e instituições irá dar-lhes o poder necessário para conhecer melhor o seu papel e as suas competências para ajudarem os seus filhos a crescer de forma saudável. A escola, como instituição, é o contexto ideal para os pais exercerem a sua cidadania. Para tal, é importante a participação dos encarregados de educação de diferentes formas: “dirigirem reuniões, redigem relatórios e atas, estabelecem contactos com as autoridades escolares e exercem pressão para influenciar tomadas de decisão, estão a aprender a exercer o poder político e, nessa medida, a participação parental é, em si mesma, em forma de educação dos pais.” (Marques 1988, p.34). Ainda acerca da sociedade democrática dos pais na escola, constata-se que as famílias que se envolvem na vida escolar dos filhos são um meio de desenvolvimento da sociedade democrática. Diogo (1988), suportado em Davies, refere que as famílias atuam como “uma força contrária à tendência da reprodução das desigualdades, caso seja orientada por princípios igualitários.” (p.25)

A Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei n.º 49/2005, segunda alteração de 30 de agosto, Artigo n.º 5 da Secção I, define quais os objetivos apenas para a Educação Pré-Escolar:

- a) Estimular as capacidades de cada criança e favorecer a sua formação e o desenvolvimento equilibrado de todas as suas potencialidades;
- b) Contribuir para a estabilidade e a segurança afetivas da criança;
- c) Favorecer a observação e a compreensão do meio natural e humano para melhor integração e participação da criança;
- d) Desenvolver a formação moral da criança e o sentido da responsabilidade, associado ao da liberdade;
- e) Fomentar a integração da criança em grupos sociais diversos, complementares da família, tendo em vista o desenvolvimento da sociabilidade;
- f) Desenvolver as capacidades de expressão e comunicação da criança, assim como a imaginação criativa, e estimular a atividade lúdica;
- g) Incutir hábitos de higiene e de defesa da saúde pessoal e colectiva;
- h) Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança.

Ainda na Lei de Quadro da Educação Pré-Escolar, a Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, define quais as obrigações que os Encarregados de Educação devem ter.

No âmbito da educação pré-escolar, cabe, designadamente, aos pais e encarregados de educação:

- a) Participar, através de representantes eleitos para o efeito ou de associações representativas, na direcção dos estabelecimentos de educação pré-escolar;
- b) Desenvolver uma relação de cooperação com os agentes educativos numa perspectiva formativa;
- c) Dar parecer sobre o horário de funcionamento do estabelecimento de educação pré-escolar;
- d) Participar, em regime de voluntariado, sob a orientação da direcção pedagógica da instituição, em actividades educativas de animação e de atendimento.

No que diz respeito ao 1.º ciclo de Ensino Básico, a Lei de Bases do Sistema Educativo n.º 49/2005, de 30 de agosto, segunda alteração, tendo em conta o Artigo 7.º, Secção II, define quais os objetivos para o Ensino Básico:

- a) Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social;
- b) Assegurar que nesta formação sejam equilibradamente inter-relacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano;
- c) Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar as actividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios;
- d) Proporcionar a aprendizagem de uma primeira língua estrangeira e a iniciação de uma segunda;
- e) Proporcionar a aquisição dos conhecimentos basilares que permitam o prosseguimento de estudos ou a inserção do aluno em esquemas de formação profissional, bem como facilitar a aquisição e o desenvolvimento de métodos e instrumentos de trabalho pessoal e em grupo, valorizando a dimensão humana do trabalho;
- f) Fomentar a consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspectiva de humanismo universalista, de solidariedade e de cooperação internacional;
- g) Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas;
- h) Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio-afectiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante;
- i) Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária;

- j) Assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, devidas, designadamente, a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades;
- l) Fomentar o gosto por uma constante actualização de conhecimentos;
- m) Participar no processo de informação e orientação educacionais em colaboração com as famílias;
- n) Proporcionar, em liberdade de consciência, a aquisição de noções de educação cívica e moral;
- o) Criar condições de promoção do sucesso escolar e educativo a todos os alunos.

Todos estes objetivos, quando trabalhados, devem ir ao encontro do meio familiar da criança, isto porque a família é o primeiro agente de socialização da criança, após o seu nascimento. Assim, é com o apoio da família que a criança desenvolve as suas características pessoais e sociais e a escola aparece como segundo agente social, tendo como função complementar, a ação da família no que diz respeito à educação e ao desenvolvimento da criança. É, pois, essencial que haja uma ação conjunta, coerente e concertada entre as duas instituições, que deve ser de forma e que se traduza num trabalho de equipa entre educadores/professores e famílias.

Após consulta e análise da legislação selecionada nos diferentes contextos educativos, da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico, pode-se constatar que a legislação que tem vindo a ser definida, no que diz respeito à parceria escola-famílias, aponta para que o EP contribua cada vez mais para uma maior eficaz qualidade da oferta educativa.

Considera-se que os objetivos destas duas valências são diferentes, dado que correspondem a níveis de escolaridade distintos. Posto isto, pode verificar-se que existem objetivos comuns, tais como: promover o desenvolvimento crítico e imaginação, assim como diferentes potencialidades da criança, indo sempre ao encontro dos seus interesses, desenvolvimento de autonomia; promover situações de socialização com diferentes grupos sociais, promoção a nível de sucesso educativo/escolar e, por último, inculcar na criança valores cívicos e morais.

Como se pode constatar como foi enunciado as responsabilidades dos encarregados de educação e o envolvimento das famílias na vida escolar da criança, estão plasmadas de forma clara na Lei Quadro da Educação Pré-Escolar.

As relações escola-famílias são essenciais para que a criança se sinta bem e segura no ambiente educativo. Para tal, a instituição deve disponibilizar e promover a participação e colaboração dos pais através de diferentes formas de EP, respeitando e atendendo às características e necessidades de cada família.

1.2 Envolvimento Parental vs. Participação dos Pais

Considera-se que a escola-famílias produzem um trabalho em comum, ambas trabalham em função do desenvolvimento e da formação da criança, como futura cidadã. Assim, Alarcão (2015) assume que a escola é um espaço de “formação e desenvolvimento de competências que diversifica a educação que é iniciada na família.” (p.126).

A revisão da literatura efetuada salienta que o conceito de relação escola-família abrange todo o tipo de interações e de indivíduos, sendo que, dentro deste conceito, se distinguem dois: o EP e a participação.

Lima (2002, p.101) considera que o EP se baseia numa “acção essencialmente individual em benefício directo dos filhos.” Contudo, segundo o mesmo autor, a participação dos pais “tende-se a abarcar todo o conjunto de atividades colectivas legalmente enquadradas.” (Idem)

Davies (1989) caracteriza o envolvimento dos pais como:

todas as formas de actividade dos pais na educação dos seus filhos – em casa, na comunidade ou na escola. Por vezes, é usada a expressão participação dos pais exclusivamente para referir aquelas actividades dos pais que supõem algum poder ou influência em campos como os do planeamento, gestão e tomada de decisões nas escolas. (p.24).

Analisando os dois termos distintos “envolvimento parental” e “participação dos pais”, pode-se dizer que se trata de conceitos diferentes que apresentam diferenças significativas, tal como afirma Simões (2013) “A expressão “participação parental” é utilizada para referir as atividades que pressupõem a tomada de decisões, o exercício do poder deliberativo e o trabalho voluntário na escola; no que respeita ao “envolvimento

parental” subentende-se as atividades relacionadas com a comunicação escola/casa e a ajuda nas atividades de trabalho de casa.” (p.79)

É de extrema importância que as famílias e a escola trabalhem em cooperação, Sarmento e Marques (2006) referem que

só é possível entender a existência de relação entre escolas-famílias, num modelo de escola que admita, para lá dos imperativos legislativos, a relevância de a ação educativa se inserir num projeto educativo de uma comunidade em que, como tal, todos (pais, professores, alunos e actores sociais) têm espaço de participação, e em que as crianças, (...) seja assegurado o direito e uma educação informada. (p.64)

Diversos autores reiteram a importância desta cooperação, tal como Spodek e Saracho (1998) que evidenciam que “quando os pais iniciam uma parceria com a escola, o trabalho com as crianças pode ir além da sala de aula, e aprendizagem na escola e em casa podem se complementar mutuamente.” (p.167). Com isto, pode-se perceber que, quando os dois sistemas trabalham mutuamente, a criança mostra-se mais interessada e capacitada para aquisição de novas aprendizagens não só em contexto de escola, mas também familiar. Esta parceria escola-família pode vir a ser um motivo ocasionador do sucesso escolar.

É fulcral que os pais e a equipa pedagógica trabalhem em conjunto de forma a reunir tudo aquilo que é possível. Assim sendo, Hohmann, Banet e Weikart (1985) referem quais os aspetos que devem ser trabalhados em conjunto, a saber, “a linguagem, a cultura, os interesses e aptidões das crianças” (p.35) para que a experiência educativa da criança tenha um leque mais vasto de experiências.

Davies (1989), suportado em Tizard, refere que os pais, para além das atividades realizadas em sala, também podem participar na recolha de fundos, assistir a atividades organizadas pela escola, apoiar as crianças em trabalhos destinados a realizar em casa, entre outras.

Segundo Silva (2003), entende-se, então, que envolvimento é um apoio dirigido às famílias, bem como os seus educandos. É um apoio que arroga um suporte individual, onde o sítio privilegiado é a própria habitação sendo que, por vezes, os encarregados de educação tendem a ir à escola para reuniões. A participação remete mais no sentido de

incorporação nos principais órgãos escolares como associação de pais ou outros encargos a nível do sistema educativo.

O envolvimento das famílias na vida escolar não é apenas vantajoso para a própria criança, mas também para as respetivas famílias e o próprio professor. Spodek e Saracho (1998) afirmam que “as visões dos professores do papel dos pais na educação dos seus filhos variam muito. Alguns professores negam a importância da contribuição familiar para educação das crianças excluindo-a da vida escola.” (p.168)

São vários os autores que reiteram que o envolvimento dos pais é imprescindível para o sucesso escolar da criança. Spodek e Saracho (1998) sublinham que a maior parte dos “professores de primeira infância” (p.168) consideram que envolver as famílias na vida escolar da criança é essencial.

As primeiras aprendizagens das crianças surgem a partir da mais tenra idade, sendo que, quanto mais cedo estas surgirem, maior importância irá refletir no seu desenvolvimento e crescimento de forma positiva, uma vez que os pais devem propor às crianças uma educação de qualidade para que o sujeito possa desenvolver todo o seu potencial. Lima (2002 p.123) considera que os pais, além da sua profissão, classe social ou género, são antes de mais, os primeiros educadores da criança.

Considera-se, deste modo, que o envolvimento dos pais está, indubitavelmente, associado ao desenvolvimento e socialização da criança, assim como ao seu sucesso académico. Davies (1989), suportado em Henderson, refere:

Quando os pais se envolvem, as crianças têm melhor aproveitamento escolar e vão para melhores escolas. Os programas concebidos com forte envolvimento parental produzem estudantes com melhor aproveitamento que os programas idênticos, mas sem envolvimento dos pais. As crianças cujos pais as ajudam em casa e mantêm contactos na escola têm pontuações mais elevadas que as crianças com aptidões e meio familiar idênticos, mas privadas do envolvimento parental. As escolas com elevadas taxas de reprovação melhoram imenso quando os pais são solicitados ajudar... (p.38).

Davies (2013), suportado em Hemdersen, Mapp e Jonhson, afirma que “Quanto mais relação entre as famílias e a escola for uma parceria real, mais o desempenho dos alunos aumenta.” (p.13) é importante que as famílias prestem um serviço de cooperação com a escola, de forma a estarem relacionadas com a melhoria de aprendizagem, para

poderem dar o apoio necessário à criança, para que esta possa ter sucesso ao longo do seu percurso escolar.

Os pais das crianças de famílias de baixos rendimentos são os que menos se envolvem nas atividades propostas pela escola, não obstante este facto, estes pais também podem ser envolvidos e ajudar os seus próprios filhos. Segundo Davies (1989), “a maior parte dos programas de envolvimento atraem e são mais acessíveis aos pais da classe média, a não ser que as escolas e professores intervenham fortemente para compensar as “vantagens da classe média”. (p.38). A classe social mostra influenciar os recursos educacionais, financeiros e informativos.

Uma criança inserida numa família de classe média terá mais acesso a recursos educativos, financeiros e informativos. Deste modo, quando vai para a escola, já teve oportunidades de vivenciar mais experiências culturais, o que irá facilitar a sua integração na escola. Já as crianças que se inserem numa família de classe social baixa, por norma, não têm tantas experiências a nível cultural, o que condicionará a sua integração escolar. Davies (1989, p.44) defende que os pais que fazem parte da classe trabalhadora assumem tantas competências profissionais como os pais que fazem parte da classe média. Considera que os pais de classe trabalhadora têm menos tempo e disponibilidade para se envolver na escola dos filhos. Por outro lado, os pais que integram a classe média advêm de profissões que lhes permite ter competências, para se envolverem em atividades desenvolvidas pela escola, permite também devido aos seus recursos económicos apoiar a educação da criança, fora do espaço escola. Nesta perspetiva, o docente deve agir como professor multicultural, então este deve “identificar as aprendizagens e as formas de aprendizagens que poderão ser mais pertinentes, que serão mais adequadas para um dado grupo de alunos, exige do professor uma atitude de atenção, de escuta e análise.” (Cortesão, 2012, p.728), isto exige que o docente conheça muito bem os seus alunos, os seus conhecimentos, interesses, as condições de vida para poder produzir um trabalho adequado às suas características não só culturais, mas também individuais.

Para Sarmiento e Marques (2006), “A condição ou papel social não define uma padronização, pelo que quando nos referimos a crianças ou famílias, não estamos a falar de grupo homogéneos, a um modelo idealizado de criança ou de família, repudiando, assim qualquer retórica de uniformização.” (p.64). Também Hendersen, Mapp, Jonhson e Davies (2013) são da opinião de que os pais/famílias podem participar na vida escolar

dos seus filhos/as “Independentemente dos níveis de rendimento ou do nível educacional, todas as famílias podem – e em todo o caso fazem-no – apoiar o sucesso dos filhos.” (p.13)

No entanto, considera-se que os pais, provenientes de meios socioeconómicos mais elevados, são os que mais participam na vida escolar dos seus filhos, tal como afirma Simões (2013) “É igualmente conhecido e comprovado através de muitos estudos empíricos que os pais e encarregados de educação com status socioeconómico mais elevado, especialmente os que apresentam maiores níveis de escolarização, tendem a participar mais na vida escolar dos seus filhos que os de condições social mais baixa.” (p.73). Assim sendo, pode-se constatar que existe uma diferenciação a nível social na participação dos pais na vida escolar da criança.

Quem sairá mais favorecido com o envolvimento dos pais, sem dúvida, serão as crianças que estão inseridas numa família de classe baixa, no entanto, os programas tornam-se mais acessíveis às crianças que pertencem a uma família de classe média, não só porque poderão ter mais possibilidades financeiras e poderão contar com ajuda extra escolar, mas também porque os programas e os manuais utilizados em sala de aula não estão preparados para todas as classes sociais, isto porque a linguagem utilizada não está adequada a chegar a todas as crianças de forma igual, devido diferenças culturais. Marques (1988) concluiu num estudo que

não há igualdade de participação parental nos diferentes grupos sociais, confirmando-se a ideia generalizada de que o nível do envolvimento dos pais depende da sua posição social, registando-se um maior alheamento das famílias com menores recursos culturais e económicos. (p.10)

Apesar de Marques (1988) defender que as famílias com menores recursos são as que menos se implicam, hoje em dia é bem visível na presente sociedade contemporânea, que existem muitas famílias que pertencem a uma classe social média alta que nem sempre estão implicadas na vida escolar dos seus filhos, assim como existem muitas famílias de classes desfavorecidas que mostram preocupação e fazem um acompanhamento rigoroso na vida escolar do seu educando.

Para as crianças atingirem o sucesso, é necessário criar estratégias suscetíveis e situações de aprendizagem que vão ao encontro dos contextos culturais que estão presentes na instituição/escola.

O EP mostra ser uma grande influência no desenvolvimento das crianças, traz benefícios não só para as crianças, mas também para os pais. Este envolvimento dos pais, segundo Davies (1989) “pode ser vista como uma forma de educação de adultos e de desenvolvimento pessoal que pode ter efeitos sociais e educacionais benéficos para além do impacto positivo nas crianças.” (p.39)

Tal como já houve oportunidade de constatar, o EP não é apenas benéfico para as crianças, mas também para a própria instituição e professor. Este pode ter um trabalho mais facilitado e satisfatório se beneficiar da ajuda e da cooperação por parte das famílias, segundo Simões (2013)

Os professores que se deixem mobilizar para promover estas ações também saem enriquecidos deste processo. Em primeiro lugar através da busca de informação e formação para tornar possível a dinamização das sessões, são desenvolvidas competências que se revelam úteis tanto ao nível pessoal como profissional. O contacto com os pais é um momento privilegiado para aproximar e estabelecer pontes entre as duas instituições, que se sentem unidas em torno do mesmo objetivo: o sucesso escolar dos alunos. (p.34)

Também Davies (1989) vem reforçar a ideia salientada por Simões (2013), referindo que o trabalho do docente poderá ser mais fácil e satisfatório “se receber ajuda e cooperação das famílias e os pais assumirão atitudes mais favoráveis face aos professores se cooperarem com eles de uma forma positiva.” (pp.39-40)

Como se pode verificar, o EP é, de facto, um aspeto positivo em todo o desenvolvimento da criança, assim como nas suas aprendizagens, não sendo considerado de um cariz positivo apenas para a criança, mas também para os pais, professores e a própria instituição. Todos estes elementos que foram alistados saem vitoriosos no que concerne a este tema. É importante salientar que é essencial a existência de uma parceria entre escola-família, dado que só assim se conseguem atingir objetivos que Silva (2003), suportado em Bastiani, refere em relação à parceria:

Partilha do poder, responsabilidade e posse, não necessariamente em pé de igualdade; um grau de reciprocidade, através da capacidade de ouvir o outro, de diálogo e de cedências mútuas; partilha de finalidades e objectivos, assentes em aspectos comuns, mais igualmente com capacidade de reconhecimento de diferenças importantes; um empenho na acção conjunta, em que pais, alunos e profissionais trabalham em conjunto para a resolução dos problemas; (p.86)

Após uma análise bibliográfica, considera-se que família e a escola, hoje em dia, são vistas como dois sistemas inseparáveis para a promoção do sucesso escolar dos alunos. Assim, a interação entre os pais e professores tem como finalidade a socialização da criança, ou seja, prepará-la para viver em sociedade. É notório que o envolvimento das famílias está positivamente relacionado com o sucesso escolar do aluno, isto é, interfere positivamente no seu processo de desenvolvimento global.

É essencial que a comunidade educativa mobilize estratégias no intuito de promover uma interação aberta e afetiva com as famílias, uma vez que todos e, nomeadamente a criança, é quem beneficia mais desta relação escola-família, assim como afirma Miguéns (2005) “com uma relação mais estreita, com uma colaboração em parceria, com uma relação feita de confiança mútua.” (p. 10). Para tal, é essencial que, primeiramente, haja uma mudança na escola, para que, posteriormente, possa existir uma mudança na relação com os alunos e com o próprio saber. Para tal, Canário (1992) assume que deverá existir “uma efectiva ‘abertura’ da escola à comunidade define-se menos pela natureza e frequência das interações entre a escola e os pais e a escola e as instituições locais, e mais pelo modo como trata os alunos” (p.80)

Em suma, a participação dos pais e encarregados de educação no processo educativo do aluno constitui um benefício para todos os intervenientes no processo ensino/aprendizagem, pois “essa aliança (professores, alunos, famílias) é benéfica para as crianças, para os profissionais da educação (...) e, evidentemente, para as famílias.” (Canário, 2008, p.174)

1.3 Obstáculos face ao Envolvimento Parental

São vários os obstáculos face ao EP, porém é importante salientar que cada JI/ escola deve ser autónoma relativamente à resolução dos obstáculos, identificação de estratégias para superar os mesmos, sendo que a intervenção deve ser específica e ajustada a cada contexto, bem como a própria cultura do JI/ escola.

As diferentes estruturas escolares e familiares que assumem funções diferenciadas fazem parte de alguns dos obstáculos com os quais se deparam sobre esta temática. Na escola, as relações que mantêm com as crianças são consideradas transitórias, impessoais e racionais, enquanto, na família, as relações são vistas como prolongadas, pessoalizadas e emocionais.

Por vezes, existem diferenças claras e conceptuais no que diz respeito às estruturas dos papéis das famílias e das escolas. Nem sempre os pais, os professores e as crianças se apercebem de que esses limites são tão claros, em questão estão as classes sociais que, de certa forma, podem influenciar os recursos educacionais, socioeconómicos e informativos que os pais possam levar para a escola, como processo de negociação. São estes limites que, por vezes, conduzem à desconfiança mútua por parte dos dois agentes - família e escola. “Os problemas entre a escola e a família e as barreiras ao envolvimento dos pais parecem estar directamente ligados à classe social da família.” (Davies, 1989, p.44)

Para além destes obstáculos, quer a criança esteja no seu ambiente familiar quer na escola, o importante é tornar as suas experiências promotoras do seu desenvolvimento e bem-estar. Neste sentido, a relação que a família deverá manter com a escola/instituição deve ter em conta os valores como o profissionalismo, respeito, cooperação, procurando criar consistência nas experiências vividas no seio familiar assim como na instituição.

Muitas das vezes, surgem dificuldades no que concerne à comunicação entre estes dois polos escola-família, por parte dos professores, na medida em que estes facilmente criam “estereótipos negativos, (...) em relação a este universo familiar e, por outro lado, identificam-se aspectos que permitem fazer uma análise mais fina da relação dos grupos sociais mais desfavorecidos com a escola (...)” (Seabra, 1999, p.33)

Estes obstáculos, que se opõem à participação das famílias, devem-se a vários fatores, particularmente às relações que são estabelecidas com os educadores/professores/instituição e pais/famílias. Isto acontece, porque, frequentemente, os professores e educadores imergem pela “via de uma tradição de cultura profissional (...) que têm uma atitude muitas das vezes defensiva.” (Canário, 2008, p.173) Outras oposições que acontecem devem-se “quer à conduta dos educadores e dos professores quer a razões que se prendem com as características das instituições quer ao comportamento dos pais”. (Magalhães, 2007, p.191)

Foi realizado um estudo em 1980 por Ana Benavente e Maria Adelaide Pinto Correia plasmado em “Obstáculos ao sucesso na escola primária”. No referido estudo, foram interrogados professores, pais e alunos de vinte e três escolas da cidade de Lisboa. Conclui-se que existem obstáculos de diferentes naturezas, no que diz respeito ao tema EP. Segundo as investigadoras, os obstáculos são: Obstáculos políticos e administrativos;

Obstáculos materiais e de funcionamento; Obstáculos sociais e sociopedagógicos: Obstáculos de natureza simbólica no universo conceptual dos professores.

1.4 Estratégias Promotoras ao Envolvimento Parental

É necessário desenvolver diferentes estratégias de modo a que as famílias se sintam bem aceites e desejadas no contexto escolar. Cabe, assim, ao educador e professor implantar diferentes estratégias para as diferentes famílias das crianças, visto que nem todas se envolvem da mesma maneira.

Segundo Magalhães (2007), o autor defende que é necessário motivar os pais, para isso, “o segredo para fazer com que os pais participem ativamente no JI não é convencê-los a fazerem algo que não querem, mas dar-lhes oportunidades de fazer algo que queiram. Cada pessoa tem um ponto sensível que a motiva a participar.” (p.136). Deve-se, então, dar voz aos pais para saber quais os seus pontos de interesse, bem como as suas potencialidades para que possam participar em atividades de livre vontade e não contrariados.

Marques (1988), sustentado nas teorias de Joyce Epstein, sugere dezasseis formas de envolver os pais na escola: 1. Pedir aos pais que leiam regularmente aos filhos e oiçam as leituras deles; 2. Emprestar livros aos pais; 3. Pedir aos pais que levem os filhos à biblioteca pública; 4. Pedir aos pais que façam perguntas aos filhos sobre a escola; 5. Marcar um trabalho de casa que exija o diálogo com os pais; 6. Pedir aos pais que vejam programas educativos e os discutam com os filhos; 7. Sugerir aos pais que incluam os filhos em actividades educativas diárias; 8. Enviar sugestões de jogos educativos de grupo que podem ser jogados por pais e filhos em conjunto; 9. Sugerir aos pais que incluam os filhos em actividades educativas diárias; 10. Estabelecer acordos formais para supervisão do trabalho de casa; 11. Estabelecer acordos para punições e recompensas com base no aproveitamento do aluno; 12. Pedir aos pais que assistam a aulas; 13. Explicar aos pais certas técnicas de ensino; 14. Dar questionários de avaliação aos pais; 15. Pedir aos pais que assinem o trabalho de casa; 16. Propor aos pais que treinem os filhos, ajudando-os a fazer exercícios de leitura, matemática, etc. (p.28)

São diversas as estratégias que envolvem os pais nas escolas, “uma vez, que há uma grande variedade de tipos de famílias.” (Marques 1988, p.27) sendo que, todas estas

estratégias visam o melhoramento e qualidade escolar, conseqüentemente, melhorar o aproveitamento escolar dos alunos.

Henderson, referenciado por Ramiro Marques (1988), enumerou cinco princípios cruciais para práticas colaborativas entre a escola e os pais:

1. Todo o clima da escola é aberto e amistoso;
2. A comunicação com os pais é frequente e nos dois sentidos;
3. Os pais são encarados como colaboradores do processo educativo;
4. A direcção da escola promove ativamente a filosofia da participação dos pais, encorajando todos os pais a aderir aos programas de envolvimento;
5. A escola encoraja a participação voluntária dos pais. (p.28)

Também Hohmann e Weikart (2003) sugerem várias estratégias de EP tais como: “Partilhar anotações e histórias” - nesta primeira estratégia é essencial que haja uma conversa entre o educador e os pais da criança onde o docente refere algo de essencial que o seu educando fez durante o dia.

Os mesmos autores apontam a importância de “Planear reuniões com as famílias”, sugerindo uma refeição partilhada num contexto de encontro informal com o objetivo de as famílias das crianças ficarem a conhecer a equipa pedagógica bem como as outras famílias.

Outra das estratégias é “Reconhecer publicamente a importância das famílias no programa” - a presença das famílias na vida escolar da criança, tal como se refere, só traz benefícios para a mesma, no entanto os autores defendem que deve existir um reconhecimento do envolvimento das mesmas na vida escolar da criança, por parte da equipa pedagógica. Desta forma, as famílias sentir-se-ão mais integradas no currículo do JI, o que fará com que se envolvam mais.

Hohmann e Weikart (2004) referem, ainda a necessidade de “Conversar com os elementos da família de manhã, quando deixam as crianças e, mais tarde, quando as vão buscar.” Salientam que esta estratégia é essencial para facilitar a transição para casa. Os docentes devem aproveitar ao máximo as oportunidades que surgem durante o dia a dia essencialmente no momento em que a criança chega e, no final do dia, quando vai embora. Os presentes autores referem ainda o exemplo dos docentes

de um programa pré-escolar em de Dayton, Ohio, não só se esforçavam bastante para falar com a família nestes períodos, como encorajavam os seus elementos a passarem alguns

minutos na escola, com a sua criança, no final do dia, para facilitar a transição para casa. (2004, p. 119)

Esta estratégia é de bastante importância, pois é onde o encarregado de educação tem conhecimento de como o seu educando passou o dia, que atividades desenvolveu entre outras informações pertinentes para a família, É também onde a criança faz a ponte escola-casa, o que irá facilitar a rotina em casa com a família.

“Estimular os elementos da família a juntarem-se às crianças durante a sua hora de almoço” é outra das estratégias que os autores já mencionados afirmam. Com efeito, este procedimento, utilizado em Pittsburgh, consiste na presença dos pais ou mães durante a hora da refeição e quando são crianças, com idades compreendidas entre os 0 e os 3 anos, são os mesmos quem lhes ajuda a almoçar e, quando as crianças já estão em idade pré-escolar dos 3 aos 6, os familiares apenas fazem companhia durante aquele momento como de seguida brincam com os filhos ou leem uma história antes da hora da sesta. A este propósito, é feita a sugestão de um “*Livro de Ligação*” que conta com pequenas notas positivas onde consta o nome da criança e a data este livro vai todos os dias para casa. Durante o dia, algum adulto que integra o grupo escreve uma breve frase devidamente identificada com a data e nome, a qual segue para casa onde um dos familiares comenta aquilo que foi escrito no JI.

Por fim e, não menos importante, outro método de EP, sugerido pelos autores supramencionados é o de que os docentes devem “Encorajar os membros da família a juntarem-se ao educador e às crianças nos passeios e nas visitas de estudo.” Esta técnica “fornece inúmeras oportunidades aos pais, mães, crianças e professores conversarem, disfrutarem da companhia uns dos outros, e partilharem experiências de aprendizagem activa” (2004, p.12)

Por seu lado Sanches (2012) a propósito das estratégias de EP defende que as reuniões de pais devem ir ao encontro da disponibilidade e compatibilidade dos docentes e dos encarregados de educação e poderão surgir em vários formatos: em pequeno grupo, grupo alargado ou conversas individuais. Por norma, estas reuniões surgem com o objetivo de “discutir assuntos relacionados com os rumos pedagógicos e práticos seguidos, as actividades desenvolvidas e avaliação das experiências educacionais.” (p.97)

Sanches (2012), sugere ainda encontros ou ações de formações com a finalidade de promover formação junto da comunidade educativa. Este tipo de estratégia tem como

objetivo tratar de problemas ou questões de interesse geral, podendo estes encontros serem abertos a várias instituições e de diferentes níveis de ensino.

Através do estágio em contexto de JI, foi notório que a estratégia mais utilizada e com mais adesão por parte das famílias, foram as sessões de trabalho em conjunto e a participação em festas ou datas comemorativas. Segundo Sanches, as sessões de trabalho em conjunto consistem em “actividades em que os pais e os profissionais se juntam para concretizar determinadas iniciativas relacionadas com os projectos educativos e curriculares da instituição, podem constituir também importantes meios de partilha de saberes e informações.” (Sanches,2012, p.98) No que diz respeito a festas ou datas comemorativas, estas também são um momento de “partilha de (in)formação, embora, em nosso entender, careça de ser lançado sobre eles um diferente olhar, no sentido de valorizar e tirar partido das potencialidades (in)formativas e de relação que integram.” (ibidem).

Ainda recorrendo à mesma autora, esta sugere estratégias que a escola pode mobilizar para a partilha de informações. Com efeito, invoca os seguintes recursos: “documentação pedagógica; exposição de trabalhos das crianças, de posters ou quadros informativos sobre os projectos e actividades; portfólio da criança; envio e recepção de documentação e informações; envio de folhetos informativos, notas ou bilhetes, cartas; internet; telefone/telemóvel ” (Sanches, 2002, pp.98-99)

Simões (2013), numa investigação realizada, apresenta diferentes estratégias de EP. Assim, propõem uma lista de atividades que podem surgir em contexto de apoio à escola, ou como apoio em casa. Como apoio à escola, Simões (2013) sugere:

dialogar sobre o comportamento da criança com um professor, por iniciativa do pai; dialogar sobre o comportamento da criança ou sobre o seu progresso, por iniciativa do professor; voluntariar-se para atividades físicas (por exemplo, manutenção de espaços na escola, carpintaria, jardinagem, etc.); voluntariar-se para atividades extra-curriculares (por exemplo, feiras do livro, peça de teatro da escola, desportos, visitas de estudo); voluntariar-se para apoiar atividades na biblioteca escolar ou com as novas tecnologias; auxiliar o professor na escola; participar em algum evento da escola como orador convidado e participar na gestão da escola (por exemplo, Associação de Pais ou Conselho Geral da escola). (p.84)

As atividades propostas para apoio em casa são:

dialogar com a criança sobre o seu desempenho escolar; ajudar a criança nos trabalhos de casa; dialogar sobre questões políticas ou sociais, sobre livros, filmes e programas da televisão; juntar a família à mesa na refeição principal; passar algum tempo apenas a dialogar com a criança; ida a uma livraria ou biblioteca com a criança; dialogar com a criança sobre o que ele / ela está a ler naquele momento. (Simões, 2013, p.85)

De acordo com a revisão da literatura, a relação Escola-Família na vida escolar das crianças é de extrema importância. Para tal, não se pode desistir, pelo que urge procurar diferentes soluções/estratégias e respostas, de forma integradora e global, que permitam a continuidade entre escolas, os valores e as culturas das famílias.

1.5 Família na sociedade contemporânea

Hoje em dia, considera-se que o conceito de família possui vários significados. Assim sendo, atualmente, tem sido uma tarefa difícil, encontrar uma definição concreta e universal de família. Vários autores defendem diferentes teorias sobre o conceito de família. Murdock (1949) caracteriza família como “o grupo social caracterizado por residência em comum, cooperação económica e reprodução. Inclui adultos de ambos os sexos (...) e uma ou mais crianças (...) sejam dos próprios ou adoptadas.” (p.1)

Após refletir sobre diferentes visões de diversos autores, consegue-se perceber que estas visões não abrangem todos os tipos de família, isto é, apenas centralizam três conceitos de extrema importância, nomeadamente, a residência em comum, a cooperação económica, a reprodução e o relacionamento sexual entre indivíduos de sexos opostos. Hoje em dia, sabe-se que a definição de família tem sofrido bastantes alterações, designadamente, no relacionamento sexual dos adultos, mas também na cooperação económica. Assim, pode-se considerar que o conceito de família não se apresenta de forma estática, mas sim em constante mudança.

Para refutar a ideia anterior, Fernandes e Maia (2015) refere “a família situa-se numa teia de relações económicas, sociais, culturais, políticas (...)” (p.13). Assim, considera-se que a história da família não pode ir mais além desta realidade, visto que estas propriedades estão interligadas na história de uma família, isto porque nem todas as famílias provêm dos mesmos meios socioeconómicos, das mesmas culturas nem das mesmas políticas.

Amaro (2014) cita o Instituto Nacional de Estatística em Portugal, que atribuiu uma definição para família clássica. Deste modo, considera família um

conjunto de pessoas que residem no mesmo alojamento e que tem relações de parentesco (...) podendo ocupar uma parte ou totalidade do alojamento. São incluídos na família clássica os(as) empregados(as) domésticos(as) internos(as), desde que não se desloquem todas ou quase todas as semanas à residência da respetiva família. (INE, 2014)

Davies (1989) caracteriza os pais da seguinte forma: “Pais refere-se aos adultos que têm responsabilidade legal sobre a criança. Família refere-se ao grupo de adultos e crianças no qual a criança se insere e a que está ligada por laços de parentesco ou adoção.” (p.24). É através da família, que a criança adquire identidade, valores e ideais que esta defende, a família tem o objetivo de educar e de preparar a criança para a vida, assim a família surge também como sistema/espço educativo. Segundo Silva (2005) “A família é o ecossistema mais importante, em que a criança aprende e adquire identidade. No seio da família, a criança aprende igualmente a ajustar-se e adaptar-se às condições delicadas que o seu destino social acarreta.” (p.35). Considera-se que cada elemento, que constitui a família, tem um papel definido. São estes elementos “que regulam algumas trocas afetivas, cognitivas e comportamentais dos diferentes elementos da família e que, recursivamente, ajudam a especificar os seus papéis ao longo do ciclo de vida da família.” (Alarcão, 2015, p.122)

Com a função de educar, a Família é, indubitavelmente, considerada como o espaço educativo por excelência e que Diogo (1998) descreve da seguinte forma:

A família, espaço educativo por excelência, é vulgarmente considerada o núcleo central do desenvolvimento moral, cognitivo e afetivo, no qual se “criam” e “educam” as crianças, ao proporcionar os contextos educativos indispensáveis para cimentar a tarefa de construção de uma existência própria. Lugar em que as pessoas se encontram e convivem, a família é também o espaço histórico e simbólico no qual e a partir do qual se desenvolve a divisão do trabalho, dos espaços, das competências, dos valores, dos destinos pessoais de homens e mulheres. A família revela-se, portanto, um espaço privilegiado de construção social da realidade em que, através das relações entre os seus membros, os factos do quotidiano individual recebem o seu significado. (1998, p.37)

Desde o momento do nascimento, a criança possui diversas capacidades que lhe são inatas e que, ao serem devidamente estimuladas, a ajudarão a desenvolver-se num determinado contexto - a família. Deste contexto, fazem parte os pais que serão agentes

responsáveis, ao longo de todo o crescimento e desenvolvimento da criança, de forma a promover um ambiente saudável e favorecido de afeto, fazendo com que seja possível a criança estabelecer relações saudáveis e favoráveis com o Mundo à sua volta.

Diogo, sustentado em Saraceno (1992), afirma que

a afectividade é um forte elemento na base de trocas parentais e constitui talvez, mais do que a causa, a sua legitimação ... É neste afecto prematuro, mais que no dever de obediência e do respeito, ou no controlo da transmissão patrimonial, que se baseia agora na continuidade das gerações de pertença a uma parentela comum. (1998, p.39)

A família é, de facto, o primeiro grupo social com quem a criança tem o primeiro contacto de socialização e é, inclusive, onde ocorrem as experiências mais precoces nos primeiros anos de vida das crianças, assim como a maior parte de todas as interações sociais. Representa um grupo social primário que influencia e, de certa forma, também é influenciado por outras pessoas assim como instituições, assumindo no processo de socialização um papel fulcral, já que é ela que vai delinear o comportamento e o sentido de identidade da própria criança. Borràs afirma que “as experiências vividas durante os três primeiros anos no seio familiar e na escola infantil marcam o desenvolvimento da criança nos anos seguintes.” (2002, p.104)

No que concerne à tarefa de educar, a família é confrontada com diversos aspetos que irão constituir uma das influências do comportamento da criança, dado que “a família modela a criança segundo as suas práticas educativas e os seus esquemas culturais. A família, por conseguinte, determina o desenvolvimento da criança, e a boa qualidade deste desenvolvimento, ratificada pela escola, traduz-se em resultados escolares.” (Pourtois, Desmet & Barras, 1994, p.289)

Por fim, considerando assim as definições anteriores, é na família na qual a criança vive os primeiros anos de vida, que dá início ao seu desenvolvimento pessoal e social, pois como afirma Hohmann e Banet (1985) “os pais são os primeiros educadores das crianças” (p.34), assumindo, deste modo, a obrigação de acompanhar o crescimento e desenvolvimento da criança, criando referências.

Segundo Diogo (1998), “A família revela-se, portanto, um espaço privilegiado de construção social da realidade em que, através das relações entre os seus membros, os factos do quotidiano individual recebem o seu significado.” (p.37)

Depois de refletir sobre as funções da família, constata-se que a família é o principal sistema de educação da criança. Delgado (2002) vem complementar esta ideia, referindo que “A aprendizagem das regras da vida social e da convivência é transferida gradualmente da família para a escola, doravante a principal responsável pela ocupação do tempo das crianças.” (p.49). Com efeito, verifica-se que o espaço educativo surge como uma segunda família, isto porque, é na escola que os profissionais completam a função de educar, contudo é de extrema importância que ambos os contextos trabalhem em consonância.

Quando se alude às famílias em mudança não se pode apenas referir as alterações estruturais a que estas estão sujeitas no sentido de diversificação, na medida em que é inevitável referir transformações que têm vindo a surgir ao longo da evolução daquilo que é considerado “a família hoje em dia” - alterações a nível dos valores educativos tradicionais da família. Relvas (2002) afirma que “é indispensável sublinhar a ligação entre tais modificações e a evolução da mulher na sociedade, em geral, e na família, em geral.” (p.321)

Considera-se que o fim de Família como unidade de produção económica, a baixa da taxa de natalidade, o divórcio, a união livre, a mulher que trabalha fora de casa, os filhos entregues não aos cuidados maternos, mas a Jardins de Infância e à Escola, famílias monoparentais e famílias onde os pais são do mesmo sexo são alguns dos aspetos reveladores das mudanças ocorridas na Família.

Hoje em dia, há que considerar que o círculo familiar se apresenta de forma fechada, isto porque, anteriormente, era bastante frequente as crianças crescerem fora do seu seio familiar, visto que era recorrente a procura de amas, vizinhos e comunidade. Outrora, este tipo de apoios era mais valorizado do que nos dias de hoje, isto deve-se “às necessidades imputadas à criança”. (Dias, 2015, p.58) devido ao aumento das tarefas, atividades, afetos e cuidados.

Com a entrada da mulher no mercado de trabalho, nas últimas décadas, e a sua emancipação ocorreram diversas alterações socioeconómicas perante a nossa sociedade, modificando assim a imagem da mulher, passando esta a ter os mesmos direitos que os homens. Para além disso, deixaram de ser exclusivas na criação dos filhos, uma vez que, ao terem um papel no mundo do trabalho - o que contribuiu em muito para a sua por realização pessoal - o tempo que podem despender para a família foi reduzido,

comparativamente ao tempo de que dispunham antigamente. As mulheres passaram a ser vistas “com outros olhos”, tal como Relvas (2002) refere

A mudança do papel feminino nas famílias é central nesses padrões de ciclo de vida familiar em modificação. As mulheres sempre foram centrais no funcionamento da família. Suas identidades eram determinadas primeiramente por suas funções familiares como mãe e esposa. Suas fases de ciclo de vida estavam ligadas quase que exclusivamente aos seus estágios nas atividades de criação dos filhos. (p.322)

Considera-se que as mudanças que a mulher obteve são de um foro positivo, dado que, como Relvas refere

as transformações do ciclo da vida da família, mais claramente associadas à mudança no papel feminino na família e na sociedade, podem ser entendidas como “extensões” (...) o aumento do nível de escolaridade das mulheres concorre para a sua maior responsabilização na escolaridade dos filhos, bem como do seu sucesso nessa área. Com efeito, as suas cada vez maiores competências académicas permitem-lhes um outro investimento e envolvimento na tarefa do acompanhamento escolar. (Relvas, 2002, p.326)

Hodiernamente, são perceptíveis diversas alterações no que concerne à composição da estrutura familiar, isto devido à evolução dos costumes sociais, ao aspeto socioeconómico “dá-se a passagem da evolução dos processos produtivos tradicionais ou clássicos, aos novos e dependentes do desenvolvimento tecnológico actual.” (Dias, 2000, p.83)

Ao nível da dimensão sociocultural,

temos a presença de novos valores relacionados com os processos culturais da inculturação, aculturação, desculturação e socialização. De referir, ainda, uma nova concepção da vida, da organização social e das organizações em geral, uma nova visão da comunicação social e um crescimento dos mesmos meios. (Idem).

Também a nível cultural houve mudanças, pois agora os pais ocupam “o tempo livre e o uso respectivo, todas as formas de evolução ou ocupação diferenciada dos tempos, tendo em conta as diferentes culturas e sociedades.” (Idem)

Antigamente, as famílias numerosas eram uma constante, isto porque estas famílias viviam quase exclusivamente da agricultura. Por conseguinte, eram formadas em função dessa atividade económica, a família era alargada, que poderia ser constituída por:

pais, filhos, criados, filhos casados com as mulheres, os filhos destes, tios, avós e colaborando todos na subsistência familiar, independentemente da idade ou até mesmo do grau de parentesco. Nesta altura, quanto mais pessoas constituíssem o agregado familiar, melhor seria, já que o sustento do lar estava mais salvaguardado.

Tal como Dias (2000) refere, a “composição, a fisionomia da família emerge claramente mudada na passagem da sociedade pré-industrial à sociedade industrial moderna. A composição, ou seja, o número dos membros da família, que até então era elevado, viu reduzir substancialmente os seus quantitativos.” (p.92). Sendo assim, o mesmo autor considera que era importante que a família tradicional fosse numerosa. Isto porque, em grande parte, os seus valores, não só económicos, mas também sociais, eram tanto mais conseguidos quanto a família fosse grande.

A família “devia ser numerosa, até porque tinha de prever os efeitos de uma elevada mortalidade infantil e de uma esperança média de vida relativamente baixa.” (Dias, 2000, p.92). Dizia-se que uma família numerosa era significado de orgulho para essa mesma família, sobretudo, para a mulher pois esta sentia-se orgulhosa de poder “dar à família e à sociedade muitos filhos.” (Idem). Atualmente, as famílias são pouco numerosas, o agregado familiar é constituído pelos pais e por um, dois ou três filhos, sendo poucas as famílias que vão além dos três filhos, salvo raras exceções, uma vez que, nos países desenvolvidos, ainda é muito comum a permanência de famílias com bastantes filhos. Em Portugal, segundo o INE o número de filhos por casal em 2019 é de 1,37 indivíduos.

Tipos de famílias

Atualmente, existem diversos tipos de famílias, sendo que a família nuclear ou simples é constituída pelos pais e seus filhos, a família alargada ou extensa onde habitam várias gerações no mesmo teto. Quando se fala de família nuclear, considera-se que este tipo de família é o mais abrangente, tal como refere Amaro (2014), “pelos pais e pelos seus filhos solteiros e dependentes.” (p.75). Pode, ainda, surgir a família extensa que, segundo a mesma fonte, esta é constituída “pela família nuclear e outros parentes”.

Surgem ainda as famílias recompostas, recorrendo novamente ao autor Amaro (2014) que refere que estas famílias “resultam de uniões em que pelo menos um dos cônjuges traz para o novo casamento o(s) seu(s) filho(s) dependente(s).” (p.76). Esta

família surge quando existe um novo casamento, por parte de um dos progenitores, com filhos dependentes. Note-se que se consideram filhos dependentes as crianças com idade inferior a 18 anos.

A família monoparental é apenas constituída por um progenitor e os seus descendentes. Por norma, estas famílias surgem “num contexto de gravidez adolescente e de ausência ou dissolução do vínculo conjugal.” (Relvas, 2002, p.10). Segundo Amaro (2014), estas surgem em situações “de divórcio ou viuvez ou em uniões de facto que foram interrompidas (...) situações de mães solteiras, que ficaram com os respetivos filhos.” (p.77)

Com a aprovação dos casamentos homossexuais, é muito comum que surja um novo tipo de família, dando-lhe o nome de “família homoparental”. Esta é constituída por dois indivíduos do mesmo sexo, com ou sem filhos sendo estes biológicos ou adotados. Em Portugal, já é permitida a adoção de crianças por famílias homoparentais desde o ano de 2010.

A família unipessoal é, apenas e somente, constituída por um indivíduo que vive de forma dependente, podendo ser pessoas “solteiras, viúvas ou divorciadas.” (Amaro, 2014, p.76)

A família de acolhimento surge quando a família não tem meios para assegurar às crianças um conjunto mínimo de condições para o seu desenvolvimento e bem-estar. Quando isto não acontece, surge a condição de uma família de acolhimento, onde a criança terá oportunidade de ter uma família que lhe assegure as condições ideais para o seu desenvolvimento integral e que lhe garanta o seu bem-estar, assim como estabilidade. Delgado, afirma que “a retirada da criança do seu seio familiar é o último recurso, pois todas as alternativas devem ser cuidadosamente ponderadas.” (2011, p.17)

Por fim e não menos importante, existe a família adotiva, que começa a surgir quando o casal não consegue ter filhos biológicos, mas que tem o desejo de ter uma família. Também os casais homossexuais têm oportunidade de formar uma família com adoção de crianças. Quando se fala em crianças adotadas, parte-se do pressuposto que foram crianças abandonadas, maltratadas e, por consequência, foram retiradas aos pais biológicos para centros de acolhimento, de forma a terem uma vida estável e segura. Para que possam ter uma vida digna, repleta de felicidade são acolhidas pelas famílias que, por

um ou outro motivo, já salientaram, não puderam ter os seus filhos biológicos. No entanto, só poderá concretizar o processo de adoção se se verificar que este processo é benéfico para a criança, dado que “o bem da criança é a sua finalidade principal” (Fernandes e Maia, 2015, p.95)

1.6 Outros Estudos Relevantes na Temática

Em Portugal, foi feito um estudo no que concerne ao envolvimento dos pais da classe média e da classe baixa, tendo por base perceber se acompanhavam os trabalhos de casa dos seus filhos. Segundo Davies (1989), suportado em Vilas-Boas (1985), o estudo “provou que o envolvimento dos pais nas actividades de aprendizagem, em casa, pode ter efeitos positivos no aproveitamento escolar.” (p.39)

Villas-Boas (1998) realizou um estudo, no qual a mostra do mesmo era constituída por vinte e cinco escolas que se distribuíram por seis áreas geográficas. Este estudo foi realizado, em dois anos letivos seguidos. Inicialmente, foi feito um levantamento dos problemas ou desafios existentes face ao EP. Após esta situação, foram implementadas estratégias mais adequadas de acordo com a tipologia de Joyce Epstein. No entanto, apenas dezanove escolas completaram devidamente o plano estabelecido. Todas estas escolas, que seguiram o plano estabelecido, desenvolveram parcerias entre escola-família e comunidade. Verificou-se, então, neste estudo, que todos os intervenientes saíram favorecidos. Ao nível dos professores, estes mostravam-se mais motivados e empenhados, o que lhes dava mais motivação e cuidado na preparação das reuniões de pais, modificaram de forma positiva as suas práticas de ensino, houve a diminuição das expectativas negativas face ao envolvimento dos pais. Ao nível dos membros da comunidade, estes envolveram-se a vários níveis, incluindo o contributo financeiro. No que diz respeito aos alunos, estes melhoraram o aproveitamento escolar.

Gaspar (2004) refere numa investigação, realizada durante trinta anos, pôde constatar que “o envolvimento dos pais na aprendizagem das crianças é um factor essencial para atingir uma educação de grande qualidade e um ambiente de aprendizagem seguro e disciplinado para todos os estudantes” (p.69). Assim sendo, é importante salientar que tudo aquilo que a família faz é essencial e importante para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, aumentando o sucesso e rendimento da criança, independentemente do nível de escolaridade em que a criança se encontra, estando ela no JI ou níveis de escolaridade mais elevados. Segundo o estudo realizado

ainda por Gaspar, foi possível constatar através de comparações de estudos internacionais que o sucesso escolar mais alto é dos “estudantes de países asiáticos” (Idem), isto devido à importância que as famílias dão à educação.

Reis (2008) realizou uma investigação sobre “A relação entre pais e professores”. Conclui-se que as famílias entrevistadas consideram que o EP. é muito importante para a educação dos próprios filhos, destacaram que existe uma relação mais próxima no 1.º ciclo do Ensino Básico. Neste estudo, infere-se, mais uma vez, que a presença dos pais na vida escolar do aluno se torna uma variável importante na melhoria de qualidade de ensino, conseguindo que os alunos tenham maior sucesso escolar.

Sanches (2012) realizou um estudo onde o objetivo primordial era o de compreender melhor o modo como a educação de infância são percebidas por educadores, pais e membros dos conselhos executivos. Este estudo foi realizado entre o ano letivo de 2006-2007 no distrito de Bragança, onde a população do mesmo era um conjunto de educadores de infância que exerciam funções em instituições em rede pública ou privada. Foram, então, inquiridos 256 educadores, sendo que apenas receberam respostas de 229. Em relação à família, foram distribuídos 2622, mas apenas foram validados 1388. É importante salientar que 48 questionários foram anulados devido ao mau preenchimento dos mesmos. Verificou-se, pois, no referido estudo, que, ao nível das práticas promovidas pelos pais, percebe-se que planeiam a sua ação e surgem como mediadores no processo de aprendizagem dos filhos. No que diz respeito à tomada de decisões, estes ainda se deixam aquém da expectativa.

Foram desenvolvidos meios para dar oportunidade de formação aos pais com menores habilitações académicas, que são as famílias que mais se afastam das representações dos educadores de infância, para que houvesse mais interação com as famílias e instituições para que todas as famílias de diferentes contextos sociais pudessem tirar não só o maior partido das reuniões, mas também participarem em todos os tipos de atividades não só em contexto escolar, mas também com sentido de preparar estes cidadãos para o seu próprio quotidiano.

Simões (2013) realizou um estudo sobre “Formação Parental em contexto escolar: Promoção e Construção de pontes entre Escola e Família”, sendo que os objetivos de estudo eram os de perceber se a formação parental era uma boa forma promover relações e potenciar relações entre a família e a escola, perceber se os programas utilizados no

estudo eram ou não eficazes na promoção da relação escola-família, considerando que os programas promovidos têm que ser aplicados na própria escola. Participaram neste estudo, dois agrupamentos do concelho de Leiria. A população-alvo abrange 52 figuras parentais e foram utilizados os programas “Pais +X” e “Parentalidade Sábia”. O comportamento de Educação Parental foi avaliado em cinco variáveis, a saber, supervisão, envolvimento, consistência, castigo/disciplina/controlo e responsividade, na perceção dos pais. Após esta avaliação, foram implementados os projetos. Verificou-se a participação dos pais nos diferentes programas, fez com que houvesse mudanças ao nível das variáveis já referidas. Relativamente ao objetivo de aproximação/colaboração dos dois contextos escola e família, constatou-se que, quando os pais estão envolvidos e participam na escola dos filhos passam a ter outra perspetiva, os professores dinamizam sessões em conjunto com os pais, com objetivo não só de conhecer e compreender melhor o aluno/filho, mas também para os ajudar no seu processo de desenvolvimento e educação.

Este estudo vem reiterar ideias e conclusões que a investigadora conseguiu apurar durante toda a investigação.

1.7 Teorias do Desenvolvimento da Criança

Antes de dar início ao desenvolvimento deste capítulo, é essencial perceber daquilo que se está a falar, quando se fala em “desenvolvimento”. Então, este termo “refere-se a processo segundo o qual uma criança, um feto ou, falando de um modo geral, um organismo (humano ou animal), cresce e se modifica ao longo do seu período de vida.” (Smith, Cowie e Blades, 1998, p.31)

Pode considerar-se que a aprendizagem é influência e é influenciada “pelo processo de desenvolvimento físico e psicológico da criança, sobretudo numa fase de vida em que essa evolução é muito rápida.” (OCEPE, 2016, p.9)

Hohmann, Banet & Weikart (1985) referem que os pais são os principais educadores das crianças, referindo que estas mesmo antes de entrar no JI já adquiriram alguns saberes, visto que já “assimilaram e lidaram com uma quantidade incrível de informação e já dominaram uma vasta gama de saberes complexos.” (p.34)

Por seu lado, Vasconcelos (2007) a propósito da conceção de criança afirma que esta é central em todo o processo educativo, mas sem ser o centro de tudo mas antes deve ser um entre outros e “aprender a viver em grupo, a trabalhar com os outros, com a consequente distribuição de tarefas e gestão dos problemas de forma participativa.” (p.112). Para além disso, aprenderá a ser autónoma e apenas solicitar a presença/ajuda do adulto para resolução de determinados problemas. É por isso que o papel do adulto é essencial nos diferentes contextos educativos, escola e família, devendo os mesmos possibilitar à criança momentos de oportunidades de aprendizagens, que estimule progressos nos diferentes domínios de desenvolvimento. Para refutar esta ideia, Garcez (2001, p.1) refere que “as crianças, mais do que necessitarem da nossa acção socializadora, necessitam de oportunidades para exercerem como actores, com direito a serem ouvidos e lidos na sua forma de olhar e conceber o mundo”.

Através das situações vivenciadas que são proporcionadas pelos pais, são essenciais não só a nível cognitivo, mas também a nível físico, dado que levará a que uma criança se torne autónoma, desenvolvendo, deste modo, competências para comunicar ideias, sentimentos, desejos assim como aprendem os valores da sua própria cultura. Segundo as OCEPE (2016), a

interligação das características intrínsecas de cada criança (o seu património genético), do seu processo de maturação biológica e das experiências de aprendizagens vividas, faz de cada criança, um ser único, com características, capacidades e interesses próprios, com um processo de desenvolvimento singular e formas próprias de aprender. (p.9)

Papalia, Olds & Fekdman (2001) referem que “apesar de descrevermos padrões gerais que se aplicam à maioria das crianças, é necessário olharmos para cada criança como pessoa única.” (p.277) , na medida em que cada criança se desenvolve ao seu ritmo, no entanto cabe à família e aos educadores/professores traçar objetivos “cada vez mais desafiantes” (Idem), procurando utilizar diferentes estratégias para conseguir que a criança os atinja.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

1. Opções Metodológicas

De acordo com Afonso (2014), “A primeira etapa do percurso de construção de um projeto de investigação é constituída pela própria experiência e vivência pessoal e profissional do investigador.” (p.48)

O presente estudo pretende conhecer de que forma o envolvimento das famílias poderá influenciar as aprendizagens assim como o desenvolvimento integral da criança no contexto pré-escolar e 1.º CEB, para tal selecionaram-se dois contextos de intervenção que coincidiram com o estágio profissionalizante realizado no âmbito do mestrado de educação pré-escolar e 1ºCEB, que aconteceram respetivamente nos anos letivos de 2015/2016 e 2016/2017. Distinguindo-se a estagiária como a investigadora deste relatório.

Neste capítulo, descreve-se a metodologia seguida no estudo que ser desenvolvido, considerando mais especificamente a natureza do estudo, a caracterização dos sujeitos, a quem será dirigida, os procedimentos adotados assim como quais os métodos de recolha e análises de dados.

1.1 Tipo de Estudo

Pode considerar-se que um processo de investigação implica optar por uma metodologia quantitativa ou qualitativa e/ou, eventualmente, conciliar as duas. No entanto, são consideradas metodologias completamente distintas.

A metodologia escolhida foi a metodologia mista que, segundo Creswell (2007, p.27), a pesquisa de métodos mistos “é uma abordagem de investigação que combina ou associa as formas qualitativa e quantitativa”. São consideradas abordagens com características antagónicas, elas combinam-se de forma a que uma prevalecerá sobre a outra, ao mesmo tempo em que se podem complementar na apresentação de resultados.

Baseado em Bogdan & Biklen (1994), a investigação qualitativa possui cinco características, sendo elas: “A investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.” (p.47). Nesta característica enunciada, o investigador é visto como grande dispensador de tempo, dado que este passa “grandes quantidades de tempo em escolas, famílias, bairros e outros locais

tentando elucidar questões educativas” (Idem), pois o investigador procura ter contacto direto com o entrevistando bem como o contexto, tendo em conta que as ações podem “ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência.” (p.48)

A abordagem qualitativa define também que esta é de um foro descritiva, já que os dados que são recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não em forma de números. Os dados que são recolhidos “incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registos oficiais.” (Idem). Quando se recolhem dados descritivos, os investigadores qualitativos “abordam o mundo de forma minuciosa” (p.49), dado que procuram referenciar todos os detalhes do meio que os rodeia.

Segundo Bogdan e Biklen, a terceira característica enunciada pelos autores em questão refere que os investigadores qualitativos “interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos” (Idem). A quarta característica elencada pelos autores refere que os investigadores qualitativos “tendem a analisar os seus dados de forma indutiva” (p.50), isto porque os dados ou provas que são recolhidos não tem como objetivo o de afirmar ou enfraquecer as hipóteses construídas, mas sim generalizações que são construídas à medida que os dados são analisados e agrupados. Por fim, a última característica desta abordagem é “o significado é de importância vital na abordagem qualitativa” (Idem). Com efeito, os investigadores que utilizam esta característica têm em conta as diversas maneiras de como as pessoas dão sentido à sua vida, uma vez que se preocupam em conhecer diferentes perspetivas adequadamente. Em suma, “os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflecte uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra.” (p.51)

À medida que a investigação foi avançado, tornou-se necessário realizar uma investigação-ação onde a investigadora, planeou e realizou atividades para poder relacionar a teoria do estudo com a prática. Assim, considera-se que a investigação-ação

surgiu da necessidade de superar a lacuna entre a teoria e prática. Uma das características deste tipo de investigação é que através dela se procura intervir na prática

de modo inovador já no decorrer do próprio processo de pesquisa e não apenas como possível consequência de uma recomendação na etapa final do projeto. (Costa, 2015, p.6)

1.2 Pertinência do Estudo

Considera-se que a família é o primeiro agente de socialização da criança, ou seja, é através da família que a criança adquire as primeiras interações. Ao entrar na escola, a criança irá ser sujeita a novas regras, o que vai fazer com que esta interaja com outros indivíduos daqueles que não está habituada a conviver diariamente. Para além disso, é em contexto escolar que a criança irá desenvolver e adquirir novas capacidades. Com isto, é importante perceber se o envolvimento dos pais na vida escolar está associado ao desenvolvimento global da criança.

Atualmente, após alguns estudos que ditam que o envolvimento das famílias é bastante fulcral para o sucesso dos alunos, ainda existem alguns profissionais de educação que não apostam minimamente no envolvimento das famílias, ou então apenas têm o mínimo contacto possível. Isto acontece por diversas razões: ou porque estão recetivos com a relação com os pais, ou porque, simplesmente, acham que não vale a pena envolvê-los na vida escolar, porque não traz benefícios alguns, ou pelo contexto social em que a escola se insere.

Dentro da temática estabelecida, revelou-se pertinente perceber se as instituições de educação são ou não influenciadas pelo contexto social das famílias, tornando-se assim um objetivo de estudo. Durante os dois estágios, no âmbito do mestrado em educação pré-escolar e 1.º CEB, nas valências de pré-escolar e 1.º CEB, constatou-se que, em ambas as valências, existem algumas crianças com dificuldades no seu desenvolvimento. Desta forma, foram implementadas práticas/estratégias para envolver a família para perceber se a presença dos pais trazia ou não repercussões no desenvolvimento global da criança.

1.3 Pergunta de partida e objetivos

Ao iniciar uma investigação, é fundamental elaborar uma pergunta de partida, é onde o investigador “tenta exprimir o mais exatamente possível o que procura, saber, elucidar, compreender, melhorar (...)” (Quivy & Campenhautd, 1998, p.32)

Após a escolha do tema de investigação, é necessário realizar leituras no sentido de realizar o enquadramento teórico, o que irá fazer com que o investigador aprofunde os seus conhecimentos. Com isto, é então elaborada a pergunta de partida, que neste caso é

“De que forma o envolvimento das famílias na vida escolar contribui para o desenvolvimento global da criança?”.

Com a elaboração da pergunta, tornou-se essencial dar-lhe algumas respostas, para que o processo de investigação possa seguir em frente. Neste sentido, foi necessário criar objetivos que a sustentem:

- conhecer qual a opinião dos pais sobre o envolvimento parental;
- perceber o papel de cada contexto escola/família para o desenvolvimento da criança;
- identificar quais as manifestações das crianças resultantes do envolvimento das famílias na vida escolar;
- perceber de que forma o contexto social pode ou não interferir na relação escola-família;

Este último objetivo decorreu do percurso investigativo, na linha da investigação-ação uma vez durante a intervenção no contexto de 1ºCEB

1.4 Sujeitos em Estudo

Este estudo foi realizado em dois anos letivos distintos. No ano letivo de 2015/2016 o presente estudo realizou-se na valência de educação pré escolar (EPE) e contou com uma amostra de 17 encarregados de educação (EE), 1 educadora de infância e um grupo de 17 crianças, com idades compreendidas dos 2 aos 4 anos. Foi realizada uma entrevista à educadora cooperante e foram também distribuídos 17 inquéritos pelos EE. A amostra apresentada é referente a uma instituição de ensino particular e cooperativo.

No ano letivo 2016/2017 continuamos com a elaboração deste estudo, desta vez realizado na valência de 1ºCEB do ensino básico (1º CEB) onde amostra contou com 1 professora de 1ºCEB, uma turma de 2.º ano com 23 crianças com idades compreendidas entre os 7 aos 10 anos e 23 EE. Foi também realizada uma entrevista à professora e distribuídos 23 inquéritos pelos EE, apenas 8 foram validados. No que diz respeito à instituição, é uma instituição de ensino público.

2. CONTEXTO ORGANIZACIONAL

2.1 Caracterização da Instituição de pré-escolar

A presente instituição localiza-se em Gaia, aqui designada por instituição A conta com duas valências, sendo elas Educação de Infância e Ensino Básico. A instituição A procura manter uma ligação não só à comunidade educativa, mas também ligar-se com o exterior num intercâmbio entre escolas e outras organizações de matriz cultural, colaborando e participando em iniciativas promovidas pelo pelouro da cultura da câmara municipal de Vila Nova de Gaia.

No âmbito do seu projeto educativo, esta instituição procura estreitar a relação escola-famílias, desenvolver estratégias de EP pois “Há uma interacção directa entre atores que desempenham papéis – docente, pai ou mãe, filho, etc... - e desenvolvem formas de relação interpessoal, implicando-se em actividades específicas que se realizam em espaços e tempos próprios. São exemplos destes sistemas restritos, com particular importância para a educação da criança, a família e o contexto de educação pré-escolar.” (Ministério da Educação, 1997, p.34)

A instituição A é orientada e gerida, tendo por base um Projeto Educativo, um Regulamento Interno e um Plano Anual de Atividades. Para o desenvolvimento deste parâmetro, procedeu-se à consulta dos documentos no sítio da instituição.

O Projeto Educativo é elaborado pela Direção Pedagógica da instituição, é reformulado de dois em dois anos, no entanto, é adaptado, de acordo com as necessidades e novas situações que vão surgindo. Os objetivos primordiais do Projeto Educativo passam por estabelecer uma forte ligação com a família dos discentes, bem como promover valores e princípios, estabelecer metas em vários domínios e transmitir estratégias de atuação.

Existem vários órgãos que regulam o funcionamento desta instituição, salientamos para além de órgãos de cariz pedagógico e administrativo a existência de conselho de delegados dos Pais.

2.2 Caracterização da Instituição de 1.º Ciclo do Ensino Básico

A instituição B onde decorreu o estágio final profissionalizante na valência de 1.º CEB, a nível de recursos físicos, a instituição contém duas salas destinadas ao 1.º e oito salas para o primeiro ciclo. Tem uma biblioteca, refeitório e dois átrios onde os alunos se

concentram em alguns momentos do dia, tais como, antes de iniciar as aulas, assim como nos dias de chuva. O espaço exterior conta com um recreio, no qual há um espaço destinado ao campo de futebol e um parque infantil. Em certos espaços, o recreio conta com uma cobertura.

A instituição B dispõe de um Projeto Educativo, um Regulamento Interno e um Plano Anual de Atividades. Para o desenvolvimento deste parâmetro, procedeu-se à consulta dos documentos no sítio do agrupamento. É importante salientar que estes documentos são abrangentes a todas as escolas e jardins de infância do agrupamento.

O Projeto Educativo que foi consultado tem a validade de quatro anos, sendo que está em vigor desde o ano de 2013 e termina no ano de 2017. Assim sendo, trata-se de um documento orientador da ação pedagógica da escola, mas que tem uma função flexível, isto porque estará sujeito a novas propostas de melhoria.

O agrupamento onde se insere a instituição de ensino B, está integrado no programa TEIP3, Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, os objetivos do PE devem ir ao encontro dos objetivos do programa TEIP3, sendo eles:

- Melhorar a qualidade das aprendizagens traduzida no sucesso dos alunos;
- Combater a indisciplina, o abandono escolar precoce e o absentismo;
- Criar condições para a orientação educativa e a transição qualificada da escola para a vida ativa;
- Promover a articulação entre a escola, os parceiros sociais e as instituições de formação presentes no território educativo. (Projeto Educativo, 2013, p.3)

O envolvimento das famílias é um aspeto pouco visível na instituição B, sendo que também no projeto educativo está plasmado esse aspeto “um número significativo de encarregados de educação tem baixas expectativas em relação ao sucesso escolar dos seus educandos, manifestando falta de interesse pelo processo de ensino/aprendizagem.” (Projeto Educativo, p. 13). No entanto, é importante salientar a preocupação que os autores do PE têm no envolvimento das famílias, referindo que “tem havido esforços por parte das Associações de Pais e Encarregados de Educação para que as famílias estejam mais presentes e envolvidas.” (idem)

No plano de ação do PE, encontra-se plasmado um projeto que tem como sentido a promoção da relação escola-família, cujo principal objetivo será o de “fomentar a relação escola-família-comunidade e parcerias, consciencializando para a missão da escola enquanto instituição educativa de caráter obrigatório.” (Projeto Educativo, p. 35)

Também, no plano plurianual de atividades se encontram plasmados projetos/atividades que fomentam a relação escola-família.

Para além destes dois documentos consultados, também o Projeto Curricular de Turma foi analisado ao pormenor, para perceber em que momentos as famílias estariam presentes na instituição. Assim, foi possível perceber que a professora cooperante reúne com os pais em todos os fins de períodos escolares para entrega de avaliações, no entanto, está plasmada a presença dos pais nas seguintes atividades: “Dia dos Reis; Dia do Pai; Dia da Mãe e Festa final de ano.” (Projeto Curricular de Turma, p.4)

2.3 Caracterização das famílias do contexto de educação pré-escolar (A)

Com vista a caracterizar as crianças, é imprescindível uma análise do seu núcleo familiar, perspetivando o seu funcionamento e relações. Segundo Diogo (1998), “A família revela-se, portanto, um espaço privilegiado de construção social da realidade em que, através das relações entre os seus membros, os factos do quotidiano individual recebem o seu significado.” (p.37)

Sendo assim, analisando as fichas individuais das crianças facultadas pela educadora cooperante, é possível verificar, a partir dos gráficos 1 e 2 que os pais têm, na sua maioria, entre os vinte e nove e os quarenta e três anos, já nas mães encontram-se mais casos nos trinta e dois e quarenta anos de idade. Podemos, ainda, constatar que a idade de pais e mães, no geral, varia entre os vinte e seis e quarenta e nove anos de idade.

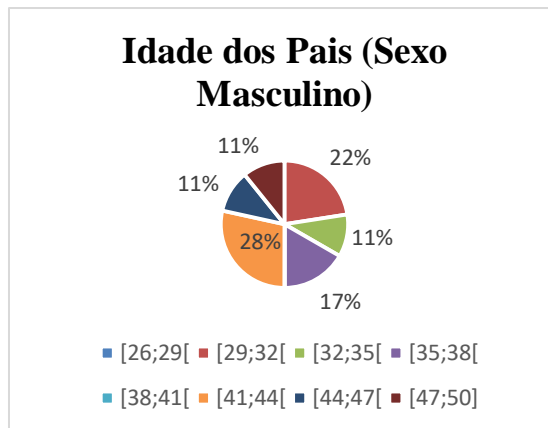


Gráfico 1 - Idade Pais (ji)

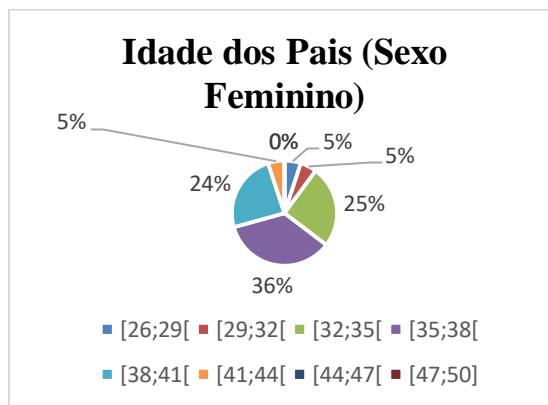


Gráfico 2 - Idade Pais (ji)

De seguida, para uma análise viável das habilitações académicas e profissões, perante os gráficos 3 e 4, pode-se, então, referir que, relativamente às habilitações académicas dos pais das crianças em questão, possuem entre o 3.º Ciclo do Ensino Básico e o Mestrado. Tal como se pode comprovar, o grau de ensino mais frequente no sexo feminino é a Licenciatura assim como no sexo masculino.

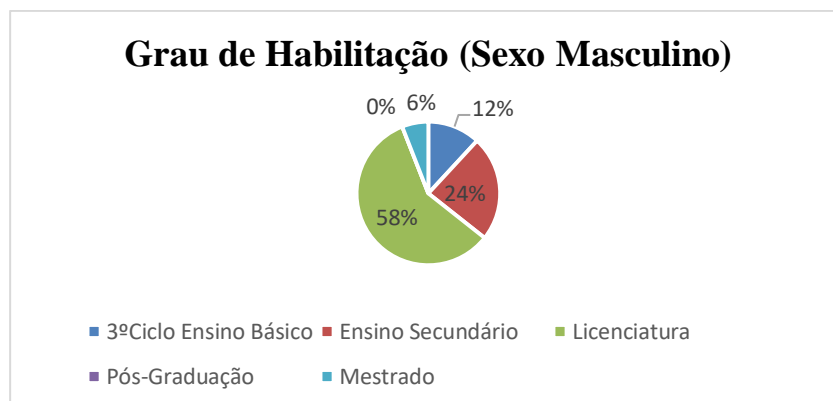


Gráfico 3- Grau de Habilitação (ji)

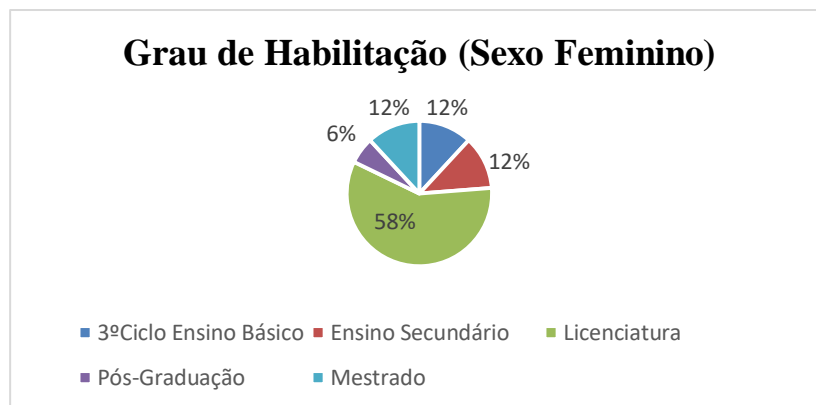


Gráfico 4 - Grau de Habilitação (ji)

No que concerne às profissões, existe uma imensa variedade, nos sectores secundários e terciários, constatando que não existe nenhum pai que se insere no sector primário. Como se pode constatar nos gráficos 5 e 6, 82% das mães tem uma profissão que se insere no sector terciário, assim como os pais a maioria das profissões também se insere no referido sector.

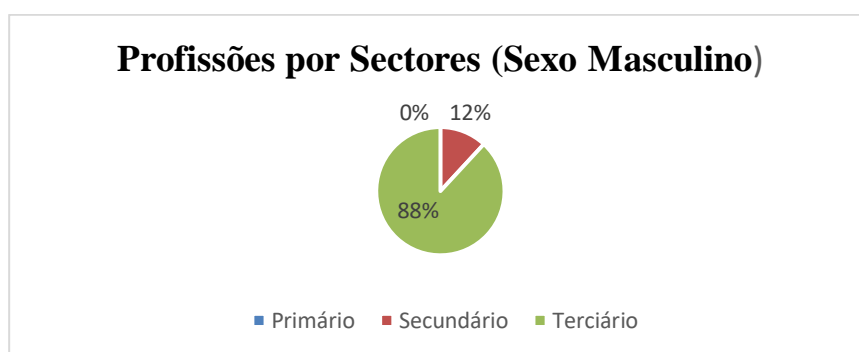


Gráfico 5 - Profissões por Sectores (ji)

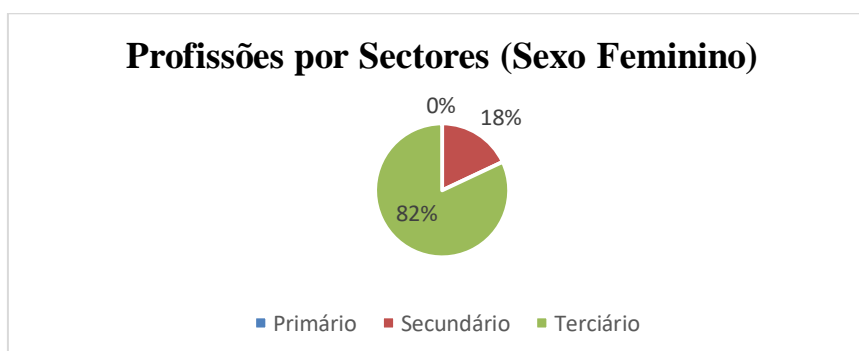


Gráfico 6 - Profissões por Sectores (ji)

Ainda em relação à análise do meio familiar, como se pode constatar no gráfico 7, 59% das crianças desta sala tem irmãos, 11% tem dois irmãos e 30% não tem irmãos. Através das fichas consultadas, consegui perceber que, apenas uma criança das que tem

irmão é irmã mais velha, uma criança é irmã do meio, sendo que as restantes crianças são as irmãs mais novas.

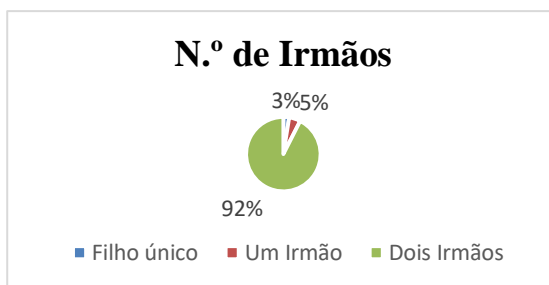


Gráfico 7 - N.º de Irmãos (ji)

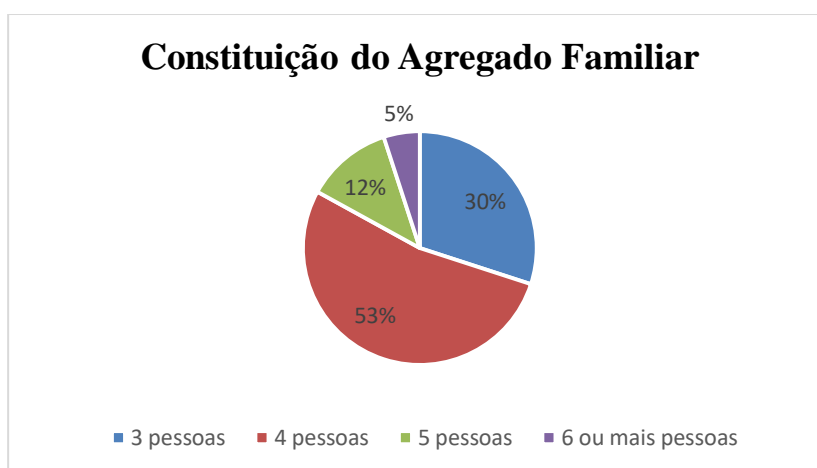


Gráfico 8 - Constituição do Agregado Familiar (ji)

2.4 Caracterização das Famílias de 1.º CEB

Após ter feito uma recolha de dados, através das fichas individuais dos alunos facultadas pela professora cooperante, é possível verificar, através do gráfico 9, que os encarregados de educação têm, na sua maioria, entre os vinte e sete e sessenta e três anos. É de salientar que, na instituição B, apenas facultaram a idade dos encarregados de educação e não a dos pais. Também através do gráfico 10, se pode confirmar que a maior parte dos encarregados de educação pertence ao sexo feminino.

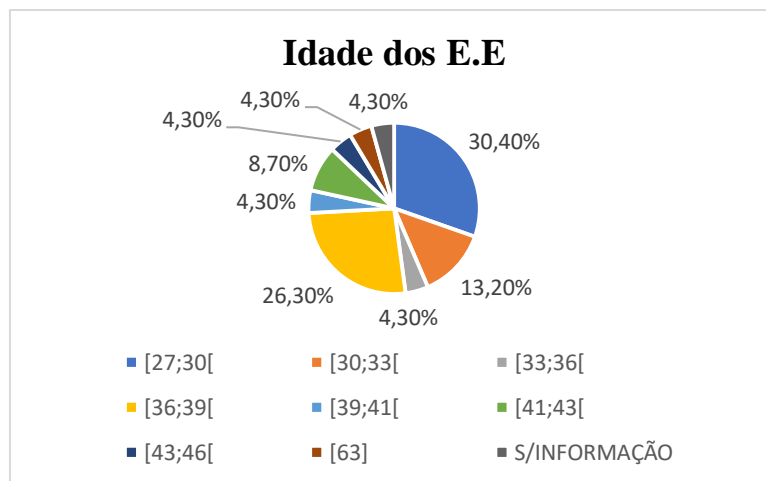


Gráfico 9 - Idade EE (1ºCEB)

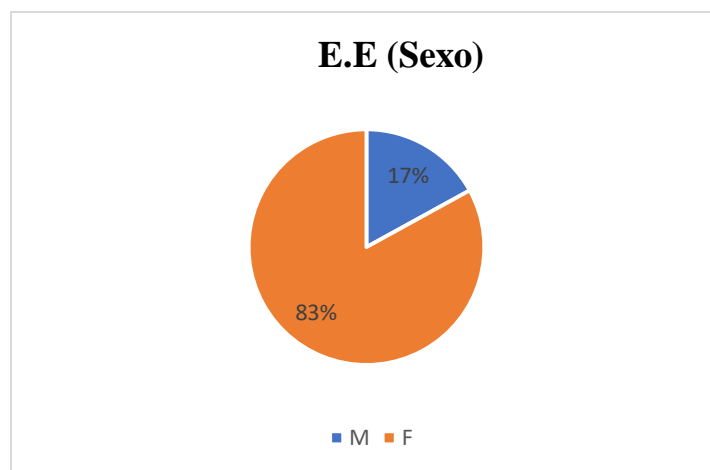


Gráfico 10 - Encarregados de Educação (1ºCEB)

De seguida, foi feita uma análise no que concerne às habilitações académicas dos pais, assim como a sua profissão. Pode-se conferir nos gráficos 11 e 12 que, ao contrário dos pais da instituição A, nenhum deles frequentou o ensino superior, sendo que os sujeitos em questão possuem entre o 1.º Ciclo do Ensino Básico e o Ensino Superior. Constata-se, inclusive, que existem pais que não possuem habilitações académicas e outros que não preencheram este item na ficha do seu educando. Tal como se pode corroborar, tanto os pais como as mães dos alunos da instituição B, o grau de ensino mais frequente são as formações que correspondem ao 4.º ano de escolaridade, ou seja, 1.º Ciclo do Ensino Básico. O PE refere que “Os pais e/ou encarregados de educação têm, na maioria dos casos, habilitações literárias mínimas, défice de qualificação profissional e baixos rendimentos económicos.” (Projeto Educativo, p.13)

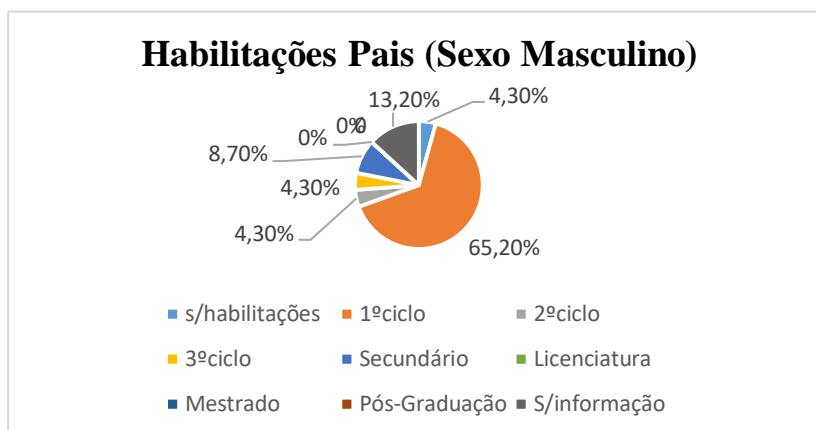


Gráfico 11 - Habilitações Pais (sexo masculino) 1ªCEB

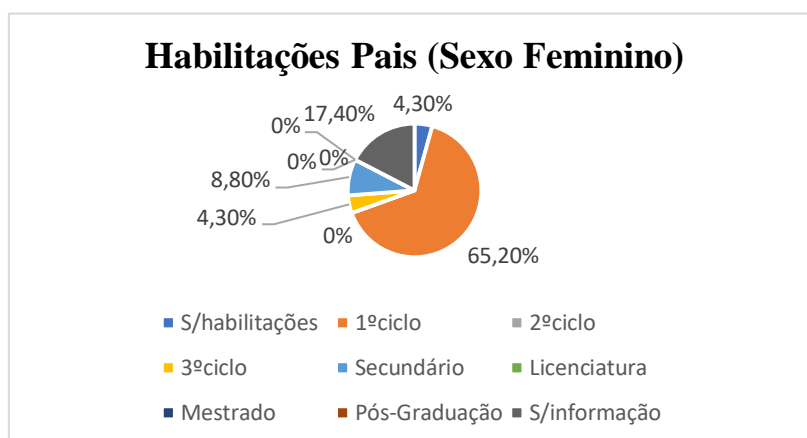


Gráfico 12 - Habilitações Pais (sexo feminino) 1ªCEB

No que concerne às profissões, constata-se que a maioria dos pais não preencheu este item na ficha individual do aluno, sendo assim considerada como situação desconhecida. Verifica-se, também, que todos aqueles que forneceram esta informação estão em situação de desemprego. Através dos gráficos 13 e 14, confirma-se que a situação profissional dos pais e mães dos alunos da instituição B contém profissões que inserem o sector primário/secundário.

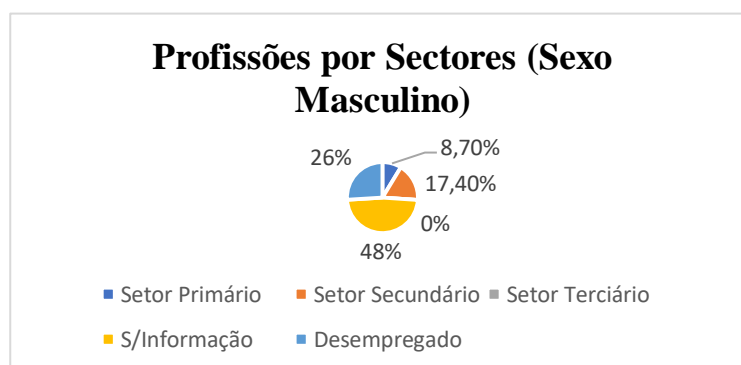


Gráfico 13 - Profissões Sectores (sexo masculino) 1ªCEB

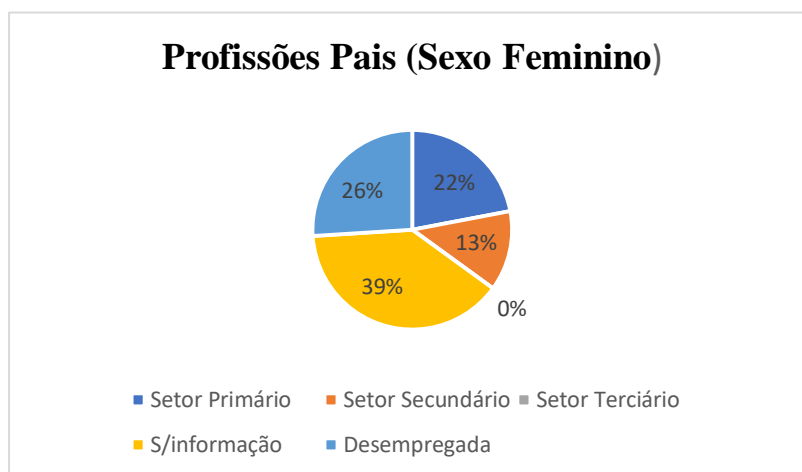


Gráfico 14 - Profissões Pais (sexo feminino) 1ªCEB

Ainda em análise ao meio familiar, pode-se conferir no gráfico 15 que, em vinte e três alunos, apenas uma aluna não tem irmãos, sendo que o número de irmãos varia de um a seis irmãos. Através das informações recolhidas, consegui constatar que todos os alunos que têm irmãos, não são irmãos mais velhos nem mais novos.

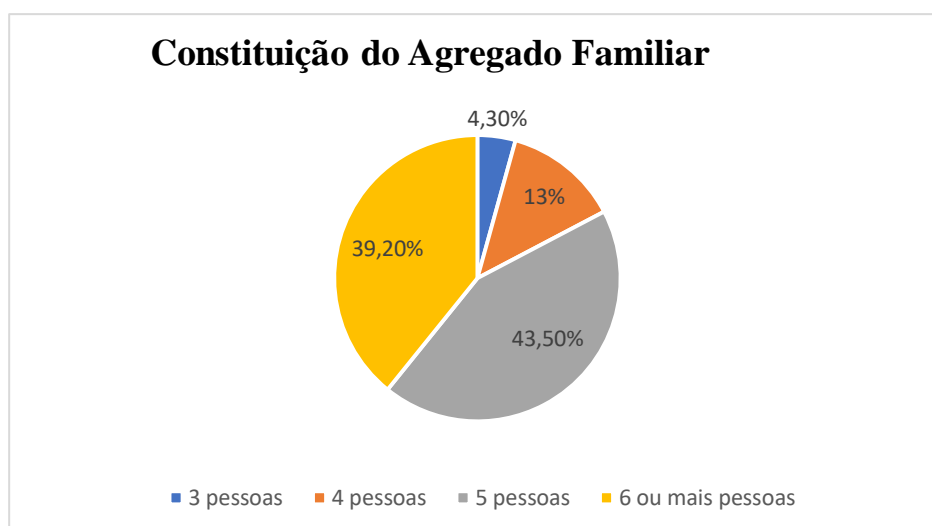


Gráfico 15 - Constituição do Agregado Familiar (1ªCEB)

Trata-se de famílias de baixo nível social e cultural e de baixos recursos económicos, devido à falta de emprego. Grande parte da população que reside neste bairro vive em condições económicas totalmente desfavorecidas. Muitas destas famílias vivem situações de emprego incertos, com empregos precários, com práticas de trabalho atípicas, com um rendimento abaixo do salário mínimo nacional, dependendo de subsídios e do RSI (Rendimento Social de Inserção).

2.5 Grupo ¾ anos

O grupo de crianças, onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar I, é constituído por dezassete crianças, sendo seis do sexo

masculino e onze do sexo feminino. Estas crianças provêm de meios socioeconómicos equivalentes, sendo eles meios socioeconómicos elevados, como se podemos comprovar nos gráficos 5 e 6. Este grupo caracteriza-se, quanto à idade, como sendo heterogéneo e é composto por crianças de três e quatro anos.

Das dezassete crianças que constituem o grupo, catorze almoçam na instituição, sendo que apenas três vão almoçar a casa. Apenas seis das crianças dormem durante a tarde, sendo elas do grupo dos três anos, no entanto, à medida que completam os quatro anos, deixam de dormir a sesta e passarão a integrar todas as atividades letivas referentes ao grupo todo.

Constata-se, através do gráfico 16, que a maioria das crianças de três anos completa os quatro anos de idade no primeiro trimestre do ano, sendo que a maioria das crianças do grupo dos quatro anos completam os cinco anos no segundo trimestre do ano de 2016, tal como se verifica através do gráfico 17.

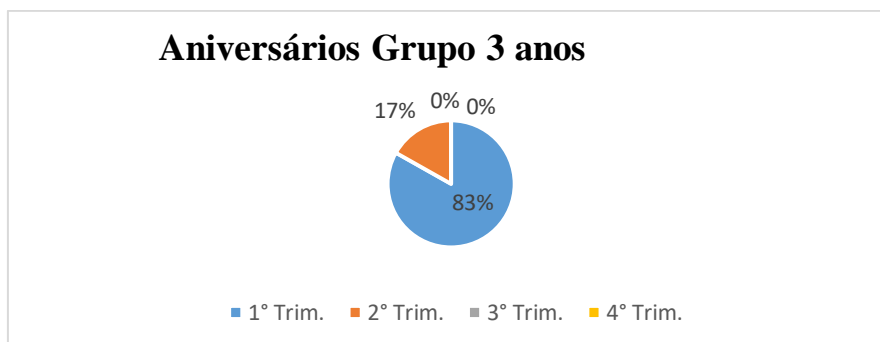


Gráfico 16 - Idade Grupo 3 anos

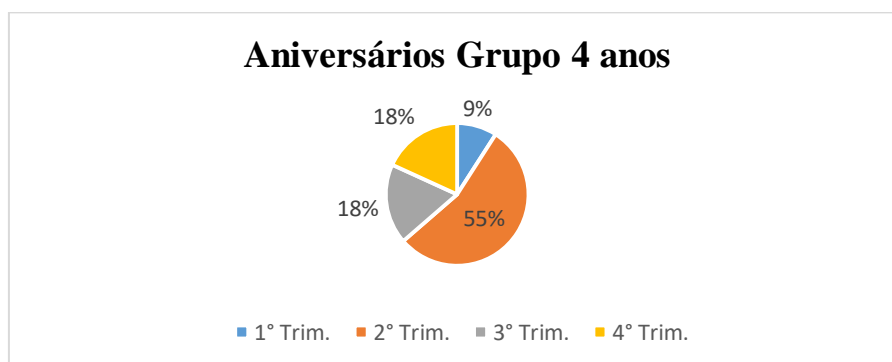


Gráfico 17 - Idade Grupo 4 anos

Neste grupo, conta-se com a presença de duas crianças, sendo que uma tem apoio semanal de uma terapeuta da fala e a outra criança que está a ser acompanhada por uma Psicóloga. Quanto às restantes crianças que compõem o grupo, não se registam atenções

especiais, apesar de cada criança ser diferente no desenvolvimento, dado que umas são mais eficazes enquanto outras requerem mais apoio. Nesta fase, ainda se encontram a definir a sua personalidade que irá ser diferente, pois "... cada criança é semelhante às outras em alguns aspectos, mas é única em outros aspectos..." (Papalia, 2001, p.9)

A maioria das crianças frequenta a instituição desde os três anos, sendo que apenas três crianças foram integradas, no grupo, este ano letivo, duas crianças de quatro anos e uma de três. Pode constatar-se que esta integração foi bastante positiva, visto que o grupo acolheu, de forma carinhosa, os restantes colegas.

2.6 Turma 2.º ano

A turma, onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico, é uma turma de segundo ano de escolaridade, é constituída por 23 alunos, sendo dez do sexo masculino e treze do sexo feminino. Destes vinte e três alunos, onze alunos estão a repetir o ano e catorze são de etnia cigana. Todos os alunos desta turma provêm de meios socioeconómicos desfavorecidos, como se pode constatar nos gráficos 13 e 14.

Dos vinte e três alunos, existe uma aluna com NEE e 8 alunos que ainda se encontravam a trabalhar conteúdos do programa de português referentes ao primeiro ano de escolaridade do 1ºCEB , encontrando-se assim ao nível do primeiro ano de escolaridade, estando, portanto, a usufruir de apoio pedagógico no âmbito do Projeto "Incluir para Emergir". É de salientar que dos quinze alunos que permanecem na sala, quatro usufruem de um apoio individualizado, onde consta diferenciação pedagógica não só a nível das atividades, mas também no momento da avaliação, sendo que acompanham os conteúdos programáticos do segundo ano de escolaridade. Esta turma mostra falta de autonomia nas tarefas/exercícios mais complexos.

Há uma assiduidade irregular por parte de quatro alunos, o que tem penalizado o consolidar dos conhecimentos, que já se apresentam deficitários desde o início do ano letivo. Verifica-se falta de hábitos de estudo e acompanhamento em casa, por uma grande maioria dos alunos.

No Plano Curricular de Turma, estão implementadas as seguintes estratégias prioritárias: Inclusão de todos os alunos, respeitando a individualidade e ritmo pessoal; Reforço diário das regras da sala/escola e registo diário do comportamento em tabela na

sala de aula; Recursos às novas tecnologias, nomeadamente, à Escola Virtual, pequenos filmes, *PowerPoints*; Avaliação como reguladora do processo de aprendizagem; Aproximação às famílias, no sentido de as sensibilizar para a importância da assiduidade e do acompanhamento dos seus educandos no seu processo de aprendizagem (recorrendo muitas vezes a irmãos mais velhos para ajudarem na realização dos trabalhos de casa).

Todos os alunos almoçam na escola e todos têm direito ao leite diário, bem como o lanche da tarde que é facultado pela Câmara Municipal do Porto. No entanto, só dezanove alunos é que beneficiam do SASE, dezassete com escalão A e dois com escalão B.

Vinte dos alunos da turma frequentam as atividades extracurriculares e apenas três alunos vão para casa após o término das atividades letivas.

Através do gráfico 18, pode-se constatar que as idades dos alunos que integram esta turma são desde os sete aos dez anos de idade. Assim, analisando o gráfico mencionado, verifica-se que a maioria dos alunos tem sete anos, idade correspondente ao segundo ano de escolaridade.

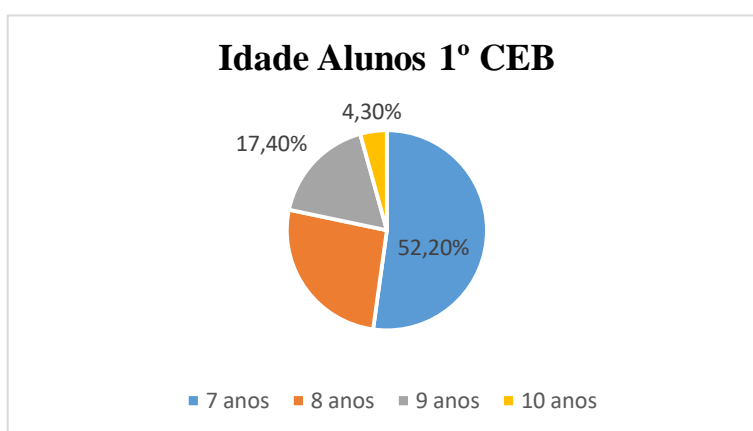


Gráfico 18 - Idade alunos 1ºCEB

3. Instrumentos de investigação

3.1 Entrevista

Com o objetivo de aprofundar a temática em estudo, a técnica considerada mais adequada será a entrevista, uma vez que esta “(...) consiste numa interação verbal entre o entrevistador e o respondente (...)” (Afonso, 2014, p.104). Deve ser dirigida com o objetivo de obter informações úteis ao desenvolvimento da investigação.

Segundo Amado (2013), a entrevista é considerada um dos instrumentos mais valiosos para se chegar ao “entendimento entre seres humanos e para a obtenção de informações nos mais diversos campos.” (p.207). De certa forma, é essencial elencar os aspectos gerais de uma entrevista:

um meio potencial de transferência de uma pessoa (o informante), para outra (o entrevistador) de pura informação; é, pois, um método, por excelência, de recolha de informação; uma transação que possui inevitáveis pressupostos que devem ser reconhecidos e controlados a partir de um bom plano de investigação. Nestes pressupostos contam-se: emoções, necessidades inconscientes, influências interpessoais; uma conversa intencional orientada por objetivos precisos. (Idem)

Este instrumento de investigação assume diversas formas, sendo que, concomitantemente, serve para diferentes usos como fins.

A entrevista, efetuada à educadora cooperante, foi uma entrevista semiestruturada ou semidiretiva, onde Amado (2013) refere que “as questões derivam de um plano prévio, um guião onde se define e regista, numa ordem lógica para o entrevistador, o essencial do que se pretende obter, embora, na interação se venha a dar uma grande liberdade de resposta ao entrevistado.” (p.208)

O mesmo autor refere três aspectos fundamentais para a utilização desta técnica de investigação, sendo que “deve ser usada como principal meio de recolha de informação que tem o seu mais direto apoio nos objetivos da investigação; deve ser usada para testar ou sugerir hipóteses, podendo ainda, servir para explorar ou identificar variáveis relações; deve ser usada em conjugação com outros métodos.” (p. 211)

Bogdan e Biklen (1994) reforçam a ideia de que, com a utilização das entrevistas semiestruturadas, “fica-se com a certeza de se obter dados comparáveis entre vários *sujeitos*” (p.135)

É de referir que, para pôr em prática este instrumento de investigação, é necessário ter em conta um variado número de aspectos não apenas para conter a informação solicitada, mas também para ter a garantia de alguma autenticidade. Para tal, é essencial uma preparação prévia por parte do entrevistador, tendo em conta os diferentes blocos temáticos, assim como os objetivos que são pretendidos atingir durante a entrevista.

Amado (2013) assume que esta preparação se inicia com a escolha das pessoas ou pessoa a entrevistar. De seguida, é feita a estrutura-guião de entrevista, redação das questões e perguntas de recurso, tipo de perguntas ou questões, sequência de perguntas ou questões, bem como outros aspetos a ter em conta na preparação da transcrição.

Considerando estes aspetos e o decorrer da investigação, inicialmente, a pessoa a entrevistar foi a educadora cooperante no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar I e II, sendo que, posteriormente, a segunda entrevistada foi a professora cooperante da Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico I e II. Seguidamente, realizou-se a elaboração do guião que, segundo Afonso (2014) “deve ser construído a partir de questões de pesquisa e eixos de análise do projeto de investigação” (p.106). As entrevistas em questão estão divididas por blocos temáticos e objetivos, sendo que houve um ajuste de perguntas devido às distintas valências, posteriormente, foi feita a recolha de dados.

Inicialmente, é feita uma introdução, onde são citados os principais objetivos da entrevista, seguidamente, é feito o pacto de confidência dos dados. Os principais objetivos da entrevista são os de perceber “quais as estratégias mobilizadas pelo jardim/educadora para envolver as famílias” e “perceber qual o impacto do envolvimento parental no desenvolvimento global da criança”. Ambas as entrevistas estão divididas em quatro blocos, a entrevista à educadora de infância encontra-se dividida da seguinte maneira: (cfr. Apêndice 2)

- i. Dados de identificação pessoal e profissional;
- ii. Finalidades do jardim de infância;
- iii. Estratégias que o educador mobiliza para o envolvimento parental;
- iv. Considerações finais;

Também a entrevista à professora de 1ºCEB encontra-se dividida por blocos da seguinte forma: (cfr. Apêndice 2)

- i. Dados de identificação pessoal e profissional;
- ii. Finalidades do 1.º Ciclo do Ensino Básico;
- iii. Estratégias que o professor mobiliza para o envolvimento parental;

iv. Considerações finais;

3.2 Inquérito por questionário

Para além das entrevistas semiestruturadas, foi utilizado como instrumento de investigação de inquérito por questionário dirigidos aos pais.

Tuckman (1994) refere que um questionário é “a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.” (p.124) Afonso (2014) refere que o objetivo principal desta técnica é a de “converter a informação obtida dos respondentes em dados pré formatados, facilitando o acesso a um número elevado de sujeitos e a contextos diferenciados.” (p.108)

Afonso (2014) assume que é importante que o investigador garanta alguns “pressupostos básicos relativamente aos respondentes (...) é necessário que assumam uma atitude cooperativa (...) digam o que efetivamente sabem, querem e pensam.” (p.110). As informações recolhidas, através desta técnica, consistem não apenas naquilo que as pessoas pensam, mas sim “no que elas dizem que preferem” (Idem) meritoriamente das vezes as suas respostas são baseadas nas “suas estratégias de vida pessoal e profissional.” (Idem)

A estrutura do questionário varia consoante o formato das perguntas, estas poderão surgir de formas “diretas ou indiretas, conforme o respetivo objetivo se torna mais ou menos óbvio para o respondente.” (Idem)

A elaboração do questionário partiu do quadro teórico que sustenta o presente estudo, da questão orientadora assim como dos objetivos de estudo. Para tal, houve a preocupação de utilizar uma linguagem suficientemente clara e acessível, para um preenchimento fácil e rápido pelos sujeitos da amostra. (cfr. Apêndice 3)

3.4 Análise documental

Para uma melhor perceção dos ideais e valores das diferentes instituições de estágio, onde se realizaram os dois estágios profissionalizantes, revelou-se necessário analisar documentos como Projeto Educativo (PE), Regulamento Interno (RI) e Plano Anual de Atividades (PAA).

Afonso (2005, p.85) define análise documental como uma utilização da informação descrita em documentos já elaborados, com objetivos de obter dados necessários para dar resposta às questões de investigação. Por outro lado, Sousa (2009) caracteriza o mesmo processo como um “procedimento indireto de pesquisa, reflexivo e sistemático, controlado e crítico, procurando dados, factos, relações ou leis sobre determinado tema, em documentação existente.” (p.88).

Sendo assim, a análise documental permitiu recolher informações, através dos documentos de regime de autonomia, gestão e administração das diferentes instituições. Assim sendo, na valência de JI foi possível analisar o Regulamento Interno (RI), Plano Anual de Atividades (PAA) e o Projeto Educativo (PE), enquanto que, na valência de 1.º Ciclo do Ensino Básico, foi possível analisar também o Projeto Educativo (PE), Plano Anual de Atividades (PAA) e, ainda, o Plano Curricular de Turma (PCT).

Em ambas as instituições, o foco da análise era perceber de que forma as famílias são envolvidas pelas mesmas.

3.5 Observação participante

Afonso (2014) refere que a observação “é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos, como acontece nas entrevistas e nos questionários.” (p.98). Assim, uma vez que me encontrava no terreno, era inevitável realizar registos de observação, visto que estes irão ser fulcrais na triangulação dos dados.

Segundo Esteves (2008), “A observação permite o conhecimento directo dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto.” (p.87), uma vez que o mesmo autor considera que contexto é um “conjunto das condições que caracterizam o espaço onde decorrem as acções e interações das pessoas que nele vivem.” (Idem). Essas condições podem ser físico-geográficas, histórico-culturais e sociais.

Afonso (2014) menciona dois tipos de observações. Quando se realiza uma observação, é essencial que esta seja estruturada, essa estrutura deve ir ao encontro dos objetivos de estudo, a investigação estruturada deve incluir a utilização de “fichas ou grelhas concebidas previamente”. Para além da observação estruturada, existe a

observação não estruturada que “consiste em diversos tipos de textos que constituem o conjunto dos registos de observação.” (p.98)

A observação tem como vantagem ajudar o investigador a compreender não só os contextos, mas também as pessoas que nele se movimentam, assim como as suas interações.

Segundo Esteves (2008), “As notas de campo e os diários são os instrumentos metodológicos que os professores utilizam com mais frequência para registar os dados de observação.” (p.88)

Nesta investigação, podemos encontrar também as notas de campo, como instrumento metodológico. Esteves (2008, p.88) refere como deve ser elaborada uma nota de campo. Segundo o autor, esta apresenta duas partes. Primeiramente, esta deve conter registos detalhados, descritivos e focalizados no contexto, nas pessoas, as suas ações e interações, sendo que devem aparecer por ordem cronológica e respeitando sempre a linguagem dos participantes. De seguida, este registo de observação deve apresentar o material reflexivo, isto é, “notas interpretativas, interrogações, sentimentos, ideias e impressões que emergem no decorrer da observação ou após as suas leituras.” (Idem)

Bogdan e Biklen (1994) assumem que é através das notas de campo, que o professor vê, ouve, experiencia e medita, sobre aquilo que acontece à sua volta. A observação permite ao investigador ter um conhecimento mais aprofundado sobre os comportamentos das crianças quando os pais/família vão à escola. Estrela & Estrela (1994, p.45) veem “a observação direta como uma observação do comportamento dos indivíduos nas circunstâncias da sua vida quotidiana”.

3.6 Projeto EQuaP

O projeto EQuaP surge no âmbito de metodologia deste trabalho, uma vez que instituição A faz parte dos parceiros do projeto, desta forma, foi possível estar presente e fazer parte das atividades do projeto na instituição, este mesmo projeto dispõe de um documento de observação das atividades/práticas de EP, onde consta o nome da organização, as pessoas em contacto, quais os objetivos da prática, quando é utilizada, onde é efetuada, que tipo de material é usado, descrição da metodologia, quem são os participantes, descrição dos papéis, conclusões, fotografias e por fim as observações. Foi

possível registar todas as atividades realizadas na instituição A utilizando este mesmo documento. (cfr. anexo 5). Esta parceria entre a instituição A e o projeto EQuaP serviu como inspiração para a realização deste estudo.

O projeto EQuaP – Enhancing Quality in Early Childhood Education and Care é um projeto de carácter internacional (ERASMUS +) e tem como principal objetivo contribuir para a qualidade da educação de infância através do reconhecimento da importância da qualidade das relações entre famílias e educadores. Este projeto centra-se na participação e envolvimento dos pais e ou encarregados de educação. Neste projeto estes dois parceiros devem ser reconhecidos como uma das componentes chave para garantir a qualidade na Educação de Infância.

Este projeto teve início em setembro do ano de 2015 e tal como, já foi referido tem como princípio aumentar a qualidade na Educação de Infância, não só em Portugal, mas sim também na Europa. Segundo Gomes, Neves e Silva (2017) no artigo Qualidade na educação de infância através do EP– Projeto EQuaP foram implementadas metas específicas como

identificar, testar e adotar como modelo as melhores práticas e métodos inovadores de participação, particularmente em contexto de diversidade (socioeconómica, cultural, minorias, etc); desenvolver competências dos educadores relativamente a estratégias e abordagens para o envolvimento das famílias, aproveitando as experiências dos outros países europeus; incrementar a integração e a interação dos diferentes componentes do sistema (crianças, profissionais, investigadores, famílias e comunidade); abordar o envolvimento parental na Educação de Infância como processo fundamentado em adequados indicadores de qualidade. (p.265)

São vários os parceiros deste projeto, podemos encontra-los em diversos espaços da Europa, estes são SERN (Itália), Elmer (Bélgica), Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti (Portugal), Liepaja University (Letónia), Linkoping Kommun (Suécia), Municipality of Forli (Itália), Pedagoski Institutut (Eslóvenia), University of Crete (Grécia), Colégio do Sardão (Portugal), VRTEC (Eslóvenia) e VBJK (Bélgica).

Para responder aos seus objetivos o projeto EQuaP debruçou-se em quatro atividades principais:

desenvolvimento de nova investigação sobre o envolvimento parental na Educação de Infância; construção de indicadores de qualidade objetivando o

envolvimento parental como um processo, identificação e partilha de boas práticas no âmbito do envolvimento parental e *Jobshadowing* (observação em contextos profissionais) a nível internacional. (Idem)

Ao longo do decorrer do projeto foram identificadas e adaptadas através dos parceiros do projeto 4 áreas de foco, que veem reforçar a qualidade no que concerne ao conceito de EP. As áreas distinguidas foram “ Parceria e partilha no poder de decisão; Comunicação – Comunicação sensível; Aprender à cerca das famílias; Parcerias de cooperação e colaboração;” (p.266).

Ainda no mesmo artigo, podemos perceber que as atividades de *Jobshadowing* , envolveu 45 educadores de 11 estabelecimentos de educação de infância em 5 países parceiros deste projeto, esta atividade deu oportunidade aos profissionais de observarem as práticas e o envolvimento dos pais e da comunidade na vida do JI e da própria intervenção dos profissionais de outros países. A presente atividade dá oportunidade aos profissionais de educação, refletirem e de adaptarem as suas práticas através da observação, foi também possível constatar que esta atividade dá a conhecer os diferentes sistemas de Educação de Infância nos diversos países que são parceiros deste projeto.

CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS

Bardin (2011) refere que análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter (...) objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadoras que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.” (p.44)

Quando se desenvolve um estudo, o investigador deve ter em conta diversos passos que serão o elemento chave para uma investigação de sucesso. Para Tuckman (2000), “Quando se lê uma investigação é necessário compreendê-la, em termos de problema em estudo, da metodologia e dos resultados da mesma, de modo a interpretar e a utilizar esses resultados.” (p.541)

1. Análises das entrevistas

Bardin (2011) define análise de conteúdo como o “seguir passo a passo o crescimento quantitativo e a diversificação qualitativa dos estudos empíricos apoiados na utilização de uma das técnicas classificadas sob a designação genérica de análise de conteúdo.” (p.15) No entanto, Bogdan e Biklen (1994) referem-se a esta estratégia como um “processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou.” (p.205). Estes autores consideram, ainda, que a análise “envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros.” (*Idem*)

Afonso (2014) considera que a “recolha de dados constitui apenas a fase inicial do trabalho empírico” (p.119). Após a recolha dos primeiros dados, é necessário ir à procura do significado da informação obtida para que posteriormente possa ser realizada interpretação dos dados recolhidos. Esteves (2008) refere que as “interpretações iniciais permitem uma compreensão gradual, uma reflexão progressiva sobre as configurações que vão emergindo em torno das questões de partida, o que origina um movimento de vaivém entre novos dados que vão sendo coligidos e as posteriores interpretações dos mesmos.” (p.103)

Primeiramente, recorreu-se à análise qualitativa das duas entrevistas realizadas às profissionais de educação, mais propriamente à educadora de infância da sala dos 3/4 anos e, posteriormente, à professora do 1.º ciclo da turma do 2.º ano. Segundo os autores Sousa e Baptista (2011), esta análise “centra-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes ou valores.” (p.56)

Para proceder ao tratamento de dados dos dois instrumentos de investigação, foram utilizados dois métodos: a estatística descritiva e análise de conteúdo, consoante os instrumentos de investigação que foram utilizados. Desta forma, os dados recolhidos, através da entrevista, foram tratados, através de análise de conteúdo, enquanto que os dados recolhidos pelos inquéritos foram tratados através da estatística descritiva para “obter uma primeira leitura dos dados capaz de dar uma ideia acerca da dispersão, forma e distribuição.” (Coutinho, 2011, p.43)

Os resultados dos dados obtidos aos questionários aos pais serão apresentados, através de tabelas de frequências absolutas e relativas, as quais se destinam a facilitar a análise subsequente de cada uma das questões respondidas pelos inquiridos.

1.1 Perceção da Educadora de Infância

Como objetivo de aprofundar a temática de estudo foi aplicada uma entrevista à educadora de infância cooperante da sala dos 3/4 anos, intitulada educadora (E) que teve como objetivo perceber qual a importância que esta dava ao tema, assim como compreender de que forma a profissional de educação fomentava a parceria escola-famílias.

Assim sendo, o guião da entrevista encontra-se dividido em quatro blocos em que o primeiro é a caracterização pessoal e profissional do educador, o segundo é alusivo às finalidades do JI na opinião do mesmo, o terceiro é referente às estratégias que o educador mobiliza para o EP e, por fim, o quarto, no qual a educadora apresenta as considerações finais.

As informações obtidas, referentes ao primeiro bloco, diz respeito a dados biográficos da entrevistada, que permitiram conhecer o seu percurso enquanto profissional. Considera-se, então, que os dados obtidos correspondem à idade, habilitações literárias, tempo de serviço, tempo de serviço na instituição e também o tempo em que acompanha o presente grupo de crianças. Fazendo análise da entrevista, é

importante salientar que a entrevistada tem “26 anos” (cfr. apêndice 6 - a) de serviço sendo que “20 anos” (cfr. apêndice 6 - a) são no estabelecimento em estudo, assim como o facto de a educadora acompanhar o grupo de crianças desde os seus “2/3 anos” (cfr. apêndice 6 - a). O grau máximo de habilitações é a “Pós-Graduação”. (cfr. Apêndice 6 - a)

Posteriormente, foram analisados os dados recolhidos, através do bloco 2, reconhecendo que a família em simultâneo com a escola desempenham um papel fundamental no desenvolvimento global da criança. A educadora refere como principais responsabilidades o que cabe a cada um destes contextos “é dever da escola oferecer um espaço adequado, seguro, com condições e profissionais competentes que ajudem a criança, na sua socialização, desenvolvimento cognitivo e ampliação cultural. É dever da família inculcar hábitos, valores e comportamentos (educação)” (cfr. apêndice 6 - b). Em relação ao projeto educativo da instituição, a educadora refere que se encontra plasmada a necessidade do envolvimento das famílias assim como a participação das mesmas na sua elaboração.

Através da entrevista à educadora, pode constatar-se que as estratégias utilizadas pela mesma para fomentar o EP com o seu grupo de crianças são “Horário de atendimento; Quadro de Informações; Exposição dos Trabalhos das crianças; Bilhetes Informativos; Reuniões; *E-mail*; Contacto nos tempos de entrada e saída da criança; Portefólio ou pasta de trabalhos da criança; Festas/Palestras.” (cfr. apêndice 6 - c). São, também, referidas quais as estratégias nas quais os pais colaboram mais, sendo elas: colaborar “na recolha de materiais/pesquisas, elaborar atividades com a criança em casa, realizar atividades com a criança no jardim de infância, sugerir atividades e participar na organização de festas.” (cfr. apêndice 6 - c)

Na opinião da educadora, a própria considera que não existem desvantagens na relação escola-família e que nem sempre acha positiva a participação dos pais na escola pois “depende um pouco do grupo de crianças e de pais.” (cfr. apêndice 6 - d), reforçando a ideia de que é “importante que exista um entrosamento entre pais e escola e muitos diálogos.” (cfr. apêndice 6 - d)

Em relação à participação dos pais, no quotidiano do JI, a entrevistada considera que o envolvimento das famílias neste “processo é meio caminho para o sucesso das crianças.” (cfr. apêndice 6 - d), sendo que, refere que a criança é afetada no seu

desenvolvimento com a não participação dos pais na vida do JI. Menciona que “todos os momentos são importantes”, dando como exemplo a presença de um pai que não tem por hábito participar nas atividades tendo mostrado interesse e participado na última atividade de EP, tendo sido notórios a felicidade e interesse do seu educando não só pela atividade, mas também pelo funcionamento da sala. (cfr. apêndice 6 - d)

No que diz respeito ao bloco 3, os meios de interação utilizados pela educadora para se relacionar com a famílias, para além dos já acima mencionados, a educadora ainda acrescenta o momento da “entrega de avaliação” (cfr. apêndice 6 - f), sendo este um dos momentos considerados pela educadora um dos motivos pelos quais costuma reunir com os pais, assim como “existe um dia por semana que está definido para atender os pais (...) todas as informações ao nível do desenvolvimento global da criança são partilhadas, bem como algumas estratégias para contribuir no desenvolvimento global da criança.” (cfr. apêndice 6 - e), considerando assim as reuniões de pais como algo “muito importante, uma vez que faz a ponte da relação escola-família, como põem as famílias ocorrentes das atividades que a instituição/educadora promove.” (cfr. apêndice 6 - e). Por fim, a educadora realça em jeito de consideração final que “muito já é feito mas pode-se criar sempre mais é preciso criatividade e vontade.” (cfr. apêndice 6 - e), dando como exemplo “envolver os pais na elaboração do projeto pedagógico.” (cfr. apêndice 6 - e)

1.2. Perceção da Professora de 1.º CEB

A aplicação da entrevista à Professora cooperante do 1.º CEB, intitulada como professora (P), teve como objetivo aprofundar a temática em estudo e, também, comparar perspectivas de diferentes docentes.

Assim sendo, o guião da entrevista foi reformulado no sentido de adaptar as questões consoante o diferente contexto, neste caso no contexto de 1.º ciclo, tal como o guião da entrevista da educadora, este também se encontra dividido em quatro blocos, sendo que o primeiro é a caracterização pessoal e profissional da professora, o segundo diz respeito às finalidades do 1.º CEB, na opinião da mesma, o terceiro alude às estratégias que o professor mobiliza para o EP e, por fim, o quarto no qual a professora apresenta as considerações finais.

Tal como aconteceu na recolha de dados da entrevista à educadora, o bloco 1 também se destina à recolha de informações biográficas, através dos dados recolhidos.

Constata-se, então que a docente tem “14 anos” (cfr. apêndice 8 - a) de serviço, sendo que está há “7 anos” (cfr. apêndice 8 - a) na presente instituição e acompanha a presente turma “desde o 1.º ano” (cfr. apêndice 8 - a). O grau máximo de habilitações da docente é “Licenciatura em professores do Ensino Básico.” (cfr. apêndice 8 - a)

Seguidamente, foram analisados os dados recolhidos, através do bloco 2, reconhecendo que as famílias em concomitância com a escola desempenham um papel fundamental no desenvolvimento global da criança. A professora refere como principais responsabilidades o que cabe a cada um destes contextos. Assim, menciona que “ambas devem estar atentas a todo processo de desenvolvimento da criança, sendo ele emocional, cognitivo, social e de aprendizagem.” (cfr. apêndice 8 - b)

No que concerne ao Projeto Educativo, a docente refere que “temos o projeto, (...) *uma cultura relacional e de Escola*, com o objetivo de fomentar a relação Escola-Família-Comunidade e parcerias, consciencializando para a missão da Escola enquanto instituição de carácter obrigatório.” (cfr. apêndice 8 - b). A professora refere que existe participação na elaboração do Projeto Educativo, menciona que apenas “um elemento da associação de pais faz parte do grupo de trabalho criado para a elaboração do projeto.” (cfr. apêndice 8 - b)

Quando confrontada com as estratégias que utiliza para fomentar o EP com a sua turma e quais os pais que mais colaboram, a entrevistada menciona que as estratégias utilizadas são “horário de atendimento; trabalhos de casa; bilhetes informativos; reuniões e e-mail (apenas com 2 EE); contacto nos tempos de entrada e saída da criança; festa/palestras.” (cfr. apêndice 8 - c). No que diz respeito às estratégias nas quais os pais colaboram mais, a docente indica que “acompanham os educandos na realização dos trabalhos de casa; colaboram em atividades promovidas pela escola.” (cfr. apêndice 8 - c)

Relativamente à análise das questões que revelam ao impacto dos pais na vida escolar dos seus filhos, assim como as vantagens e desvantagens, a docente refere que a relação Escola-Família não “(...) traz desvantagens” (cfr. apêndice 8 - c). Segundo o seu testemunho, a entrevistada refere que a participação dos pais é considerada sempre positiva, na medida em que “o partilhar de situações e acompanhamento de ambas as partes em sintonia são sempre uma mais-valia para o processo de aprendizagem e para todo o seu desenvolvimento, muito particularmente em situações onde existem dificuldades, prolemas emocionais e sociais.” (cfr. apêndice 8 - d)

Em relação à participação dos pais no quotidiano da vida escolar do aluno, a entrevistada considera que o envolvimento das famílias “influencia muito, pois o aluno sente-se acompanhado e motivado. (...). Na nossa realidade, é um ponto essencial para a ajuda na aquisição dos conteúdos trabalhados na sala de aula, uma vez que as dificuldades são muitas. (...) Quando realizamos atividades como a apresentação de algum trabalho (peça de teatro, canções...), os alunos ficam muito satisfeitos por verem os pais na escola e, se estes ou familiares não comparecerem, nota-se que a sua situação de fragilidade é vincada, quando existente”. (cfr. apêndice 8 - d). Quando confrontada com a não participação dos pais, esta assume que o aluno é “completamente afetado, principalmente quando existem problemas de aprendizagem ou emocionais.” (cfr. apêndice 8 - d). Após todas estas declarações, a entrevistada refere que os alunos “têm problemas de autoestima e percebem que os seus Encarregados de Educação estão presentes nos momentos em que são solicitados a participar na vida da escola (feirinha do outono, desfile de carnaval...)” (cfr. apêndice 8 - e)

No que diz respeito ao bloco 3, os meios de interação utilizados que a professora utiliza para se relacionar com as famílias, para além dos já acima mencionados, a mesma acrescenta, ainda, o “contacto diário quando estes trazem os seus educandos; contacto telefónico; reuniões de avaliação; notificação por carta; via assistente social em caso limite, quando estes não comparecem, já depois de terem sido notificados por carta.” (cfr. apêndice 8 - e)

No que concerne aos momentos em que costuma reunir com os pais, a entrevistada menciona que “reúne apenas na reunião de acolhimento, no primeiro dia de aulas (...) entrega de avaliações, mas individualmente.” (cfr. apêndice 8 - e). Através da sua experiência profissional, assume que as “(...) reuniões feitas em conjunto uma grande maioria não compreende a informação que lhe pretendo transmitir (...)” (cfr. apêndice 8 - e). A docente dá uma enorme importância aos momentos individuais “(...) para melhor comunicação entre professor e encarregado de educação.” (cfr. apêndice 8 - e). Opta por esta estratégia pois muitas das vezes os assuntos a serem tratados são de carácter delicado, refere também que “(...) todas as situações devem ser bem explicadas (...)” (cfr. apêndice 8 - e) pois a “escolaridade de uma grande parte dos pais é muito baixa ou inexistente (...) o facto de os seus filhos saberem ler e escrever minimamente é o suficiente para pensarem que estes estão a ter sucesso.” (cfr. apêndice 8 - e). Tal como já foi referido anteriormente,

no contexto em questão, a entrevistada assume que as “reuniões são de extrema importância (...) não há grande participação em grande grupo.” (cfr. apêndice 8 - e)

Relativamente àquilo que poderia ou deveria ser feito para a promoção do EP, a docente refere que poderia vir a ser realizado “um trabalho de educação social com as famílias desde o pré-escolar (...) com ações de sensibilização, no sentido de perceberem a importância da escola nas suas vidas e principalmente na dos seus filhos.” (cfr. apêndice 8 - e)

Como forma de complementar o estudo, foi, ainda, realizada a questão que dava a possibilidade de a entrevistada (P) acrescentar alguma informação pertinente, onde esta realçou a “existência de um maior número de técnicos (educadores sociais, terapeutas, psicólogos...) (...) criar equipas multidisciplinares colaborativas para uma melhor eficácia na atuação e assim rentabilizar os recursos existentes.” (cfr. apêndice 8 - f)

1.3 Síntese entrevistas

Entendemos, através deste instrumento metodológico, que as profissionais de educação tem perspetivas diferentes, no entanto mostram estar em consenso em alguns aspetos.

No que diz respeito às responsabilidades de cada contexto escola- família a profissional de educação (E) assume que a escola tem o dever de promover boas condições físicas e sociológicas, assim como diferentes experiências para a criança crescer no seu desenvolvimento global, no entanto para esta profissional a família apenas tem o dever de educar (hábitos, valores e comportamento). Já a profissional (P) mostra uma perspetiva diferente, quando assume que tanto a escola como a família devem trabalhar em consonância, pois ambos os contextos devem estar atentos a todo o processo de desenvolvimento da criança quer seja emocional, cognitivo e social.

No que concerne aos projetos educativos, ambas as profissionais afirmam que existe referência à necessidade de envolver as famílias na vida escolar das crianças, sendo que voltam afirmar que os pais são chamados para participar na elaboração dos projetos educativos de ambas as instituições, no entanto é de referir que a docente (P) refere que apenas um elemento da associação de pais integrou a equipa que fez parte da elaboração do EPE.

Quando questionadas com as estratégias que utilizam como forma de fomentar o EP com o seu grupo de crianças, a profissional (E) mostra utilizar as seguintes estratégias: horário de atendimento, quadro de informações, exposição de trabalhos de crianças, bilhetes informativos, reuniões, email, contacto nos tempos de entrada e saída da criança, portefólio ou pasta de trabalhos da criança, festas/palestras, no entanto a profissional (P) refere que apenas não utiliza a estratégia de exposição de trabalhos dos alunos e apenas utiliza o email com dois EE, isto deve-se ao contexto social desfavorecido onde está inserida a instituição.

Segundo a lista de estratégias elencadas pela investigadora no guião da entrevista, foi possível constatar que em contexto de EPE os pais envolviam-se em todas as opções sugeridas: colaboração na recolha de materiais/pesquisas, elaboração de atividades com a criança em casa, realização de atividades em contexto de escola, sugestão e participação de festas. Já em contexto de 1ºCEB podemos perceber pelas escolhas da docente (P) que os EE apenas acompanham os educandos na realização dos trabalhos de casa e que participam em atividades fomentadas pela escola.

Ambas as entrevistadas assumem que a relação escola-família não traz desvantagens, e consideram que a presença dos pais no contexto escolar torna-se uma experiência positiva, a educadora (E) acha que tudo depende do grupo de crianças e das famílias refere que é de extrema importância a existência de muitos diálogos entre a escola e a família, enquanto a entrevistada (P) vai ao encontro da ideia da educadora quando acha que deve haver sintonia de ambas as partes (escola-família), revela ainda que é benéfico a presença da família em todo o processo de desenvolvimento da criança, principalmente quando a criança mostra dificuldades de aprendizagem.

Na opinião das profissionais de educação, a participação dos pais no quotidiano das diferentes valências influencia o processo de desenvolvimento/aprendizagens das crianças, isto porque segundo a entrevistada (P) o acompanhamento em casa é muito escasso e quando a criança tem a oportunidade de ver e presenciar as suas famílias envolvidas em atividades na escola, mostram estar mais motivados e satisfeitos. Quando questionadas com a não participação das famílias na vida escolar das crianças, as entrevistadas mostram estar em consenso quando assumem que a criança é afetada no seu desenvolvimento e aprendizagens. Ambas as entrevistadas elegeram momentos de envolvimento das famílias relevantes que tiveram a oportunidade de assistir.

No que diz respeito aos meios de interação com as famílias, as profissionais de educação elencaram alguns dos meios utilizados como: reuniões, recados, encontros à entrada e saída da escola, entrega de avaliações. No entanto existe uma diferença entre as entrevistadas a educadora (E) assume que utiliza os meios que achar necessário para além dos elencados, enquanto a professora (P) refere que contacta também através de carta e quando necessário por via da assistente social.

Em contexto de EPE foi possível constatar que existe um dia por semana para atender os pais, no entanto a profissional refere que reúne com os pais na entrega das avaliações no fim de cada trimestre, a educadora (E) assume que as reuniões de pais são de extrema importância, pois é onde existe a ponte escola família. Percebemos que em contexto de 1ºCEB a profissional (P) reúne apenas no início do ano e depois no final de cada período escolar, tal como a educadora (E) esta entrevistada concorda que as reuniões de pais são de extrema importância, no entanto devido ao contexto social onde está inserida, refere que estas reuniões não tem grande adesão e prefere reunir individualmente, para uma melhor comunicação entre professor e EE.

A educadora (E) refere que muito já é feito para envolver os pais, no entanto acha que seria vantajoso envolver os pais no projeto pedagógico. Enquanto a professora (P) acha que poderá ser desenvolvido um trabalho social com as famílias desde a valência do PE para a sensibilização da importância da escola na vida escolar dos educandos, acrescentou nas considerações finais que existe falta de profissionais nas escolas para desenvolver esse tipo de trabalho social que propôs.

1.4 Perceção dos Pais Instituição A

O questionário está estruturado em duas partes: a primeira parte contém questões sobre os dados biográficos, sendo que a segunda abrange questões sobre as perceções dos pais/cuidadores sobre a própria participação na escola. Na sua configuração final, o questionário é constituído por 19 questões claras e objetivas, num formato de escolha múltipla e, ainda, algumas de opinião própria. Num universo de 17 inquiridos, apenas foi possível validar 15 inquéritos.

Neste item, apenas vão ser mencionados os dados relevantes para a investigação.

Perceções dos pais/cuidadores sobre a própria participação na escola

Nesta segunda parte do questionário, pretende-se compreender a percepção dos pais relativamente ao envolvimento das famílias na vida escolar do seu filho, assim como a sua participação.

A primeira questão desta segunda parte do questionário visa saber qual a opinião dos encarregados de educação acerca do envolvimento dos pais no JI, sendo que, nesta pergunta, apresenta uma escala (Nada Importante; Pouco Importante; Importante; Muito Importante). Nesta primeira questão, foi possível constatar, através da tabela 1, que 80% (n=12) dos pais considera o envolvimento dos mesmos na vida escolar muito importante e apenas 20% (n=3) considera apenas importante.

Envolvimento dos pais no jardim de infância	Frequência	%
Nada Importante	0	0
Pouco Importante	0	0
Importante	3	20
Muito Importante	12	80
Total	15	100

Tabela 1 - Importância do Envolvimento Parental (JI)

A questão que se segue surge no sentido de se poder perceber em que momentos os encarregados de educação comunicam com a educadora. Deste modo, foi possível verificar que 80% (n=12) referiu que comunica com a educadora por motivos de doença do seu educando, sendo que 73,3% (n=11) comunica com o educador por motivos de comportamento e apenas 53,3% (n=8) referiu que comunicava com a educadora devido a outros motivos entre eles: “(Avaliações; Alimentação; Quando se realiza uma atividade; Sempre que seja oportuno por qualquer circunstância; Em qualquer situação de alteração na rotina e/ou comportamento da criança; Atividades criativas; Reuniões de Pais; Sempre que necessário.”). É de referir que, nesta pergunta, os pais poderiam selecionar mais que uma opção. (Tabela 2)

Motivos	Frequência	%	Total da Amostra
Doença	12	80	15
Comportamento	11	73,3	15
Outras	8	53,3	15
Total			15

Tabela 2 - Motivos que comunica com a educadora

Outras Opções	Frequência	%	Total da Amostra
Alimentação	1	12,5	8
Atividades Criativas	1	12,5	8
Avaliações	1	12,5	8
Em qualquer situação de alteração na rotina e/ou comportamento da criança	1	12,5	8
Quando se realiza uma atividade	1	12,5	8
Reuniões de pais	1	12,5	8
Sempre que seja oportuno por qualquer circunstância	1	12,5	8
Total	8	100	

Tabela 3- Outras opções (JI)

Por sua vez, a questão 2.3 diz respeito às situações em que os inquiridos costumam participar no JI do seu filho, sendo que, uma vez mais, foi possível verificar múltiplas escolhas feitas pelos pais. Através da tabela 4, pode-se constatar que 100% (n=15) dos participantes assinalaram que participavam nos dias festivos assim como nas atividades realizadas na sala. Pode-se verificar, também, que 93,3% (n=14) participa nas reuniões

de pais e apenas 20% (n=3) refere que participa em palestras e 6,7% escolheu a opção “outras”, na qual referiu: “Atividades em Família em casa.”

Momentos	Frequência	%	Total da Amostra
Reuniões de Pais	14	93,3	15
Dias Festivos	15	100	15
Palestras	3	20	15
Visitas de Estudo	0	0	15
Atividades em Sala	15	100	15
Outras	1	6,7	15
Total			15

Tabela 4 - Momentos em que os EE participam no JI do seu filho

A presente questão visa perceber se os inquiridos colaboram nas atividades solicitadas pelo educador, numa escala de três opções (Sempre; Algumas Vezes; Nunca). Tal como é visível, na tabela 5, a maioria dos participantes 53,3% (n=8) revela colaborar “Algumas Vezes”, sendo que 46,7% (n=7) dos pais referem colaborar sempre que são solicitados.

Colaborar nas atividades	Frequência	%
Sempre	7	46,7
Algumas Vezes	8	53,3
Nunca	0	0
Total	15	100

Tabela 5 - Colaboração nas atividades desenvolvidas pela educadora

Utilizando os mesmos procedimentos da pergunta anterior, na presente pergunta foi possível constatar se os pais participam na elaboração do projeto lúdico que o seu educando vivencia no JI. Com o apoio da tabela 6, constata-se que 66,7% (n=10) dos pais são chamados para a elaboração do projeto, sendo que apenas 33,3% (n=5) participam algumas vezes.

Colaborar nas atividades	Frequência	%
Sempre	10	66,7
Algumas Vezes	5	33,3
Nunca	0	0
Total	15	100

Tabela 6 - Participação dos pais no projeto lúdico do JI

Ainda nos mesmos moldes das duas questões anteriores, mas, desta vez, com o sentido de perceber se os pais inquiridos se disponibilizam para colaborar nas atividades do JI. Através dos resultados, apresentados na tabela 7, pode verificar-se que 53,3% (n=8) dos pais disponibilizam-se algumas vezes enquanto que 46,7% (n=7) referem que se disponibilizam sempre.

Colaborar nas atividades	Frequência	%
Sempre	7	46,7
Algumas Vezes	8	53,3
Nunca	0	0
Total	15	100

Tabela 7 - Colaborar nas atividades feitas pela educadora

No que diz respeito à questão 2.7, relativamente às formas em que os participantes se envolvem no quotidiano do JI, pretende-se que o respondente escolha, numa escala de 3 opções, já referida no decorrer deste item. A alínea a) “Colabora na recolha de materiais” foi classificada por 40% (n=6) dos pais com as modalidades utilizadas “Às vezes” e “Sempre”, seguindo-se de 13,3% (n=2) dos pais que nunca o fazem, sendo que apenas 6,7% (n=1) não respondeu a esta questão. (Tabela 8)

Na alínea b), na modalidade de participação “Elabora atividades em Casa”, os participantes selecionaram maioritariamente, a opção “Sempre”, o que corresponde a 73,3% (n=11), seguindo-se 20% (n=3) dos pais que o fazem “Algumas vezes”, sendo que apenas 6,7% (n=1) não responde. É de referir que a maioria dos pais elabora todas as atividades solicitadas ou não pelo educador ou em casa. (Tabela 8)

No que diz respeito à alínea c), na modalidade “Realiza atividades com a criança no jardim de infância”, a maioria dos pais 53,3% (n=8) refere “Às vezes”, sendo que 46,7% (n=7) refere que realiza “Sempre”. É de considerar que, através dos momentos de EP em que pude assistir, os pais mostravam bastante interesse, sendo que, muitas das vezes, não poderiam participar ou estar presentes devido a situações de atividade profissional. (Tabela 8)

Relativamente à alínea d), na modalidade “Sugere atividades e participa na organização de festas”, neste item, é possível constatar, através da tabela 8, que é a modalidade em que os pais menos participam, sendo que 33,3% (n=5) referem que “Nunca” sugerem atividades nem participam em organização de festas e 66,7% (n=10) escolheu opção “Às vezes”. É de referir que não houve nenhuma escolha por parte dos participantes na opção “Sempre”.

Por fim, na alínea e) destinada a “Outras”, é importante salientar que não houve nenhuma sugestão neste item nem nenhuma resposta obtida nos 15 inquiridos.

Momentos	Nunca F	%	Às vezes F	%	Sempre F	%
A) Colabora na recolha de materiais	2	13,3	6	40%	6	40%
B) Elabora atividades com as crianças em casa	0	0	3	20%	11	73,3%
C) Realiza atividades com a criança no jardim de infância	0	0	8	53,3%	7	46,7%
D) Sugere atividades e participa na organização de festas	5	33,3%	11	73,3%	0	0
	0	0	0	0	0	0

E) Outras

Tabela 8 - De que forma os pais se envolvem no cotidiano do JI

Acerca da questão que aborda a existência de diálogo em casa com os filhos sobre o que se passa no JI, pode comprovar-se, através da tabela 9, que 100% (n=15) dos inquiridos conversam com os seus filhos “Sempre”.

Diálogo Pais/Filhos	Frequência	%
Sempre	15	100
Algumas Vezes	0	0
Nunca	0	0
Total	15	100

Tabela 9 - Diálogo Pais/Filhos JI

No que diz respeito à pergunta, na qual se questiona se o encarregado de educação se informa junto da educadora para saber quais as aprendizagens/competências que a criança necessita de desenvolver para que os pais o possam ajudar em casa, pode constatar-se, através da tabela 10, que 80% (n=12) dos pais escolheram a opção “Sempre” e apenas 20% (n=3) referiu que só “Algumas vezes” procura saber a informação já mencionada.

Aprendizagens/Competências	Frequência	%
Sempre	12	80
Algumas Vezes	3	20
Nunca	0	0
Total	15	100

Tabela 10 - Aprendizagens/Competências JI

Já quando se questiona sobre as atividades que a instituição promove, ao nível do EP, pode verificar-se, na tabela 11, que 100% (n=15) dos inquiridos respondem positivamente a esta questão, referindo as atividades mais significativas. (Tabela 11)

Atividades significativas	Frequência	%
----------------------------------	-------------------	----------

Sim	15	100
Não	0	0
Total	15	100

Tabela 11 - Atividades significativas JI

Atividades	Frequência	%
Atividades Família em Sala	7	46,7
Elaboração trabalhos em casa	1	6,6
Atividades Lúdicas e Sugestões	2	13,3
Dias Temáticos	1	6,6
Não referiu	4	26,7
Total	15	100

Tabela 12 - Atividades JI

Quando questionados sobre a importância que o seu filho dá à presença dos pais nas atividades que acontecem no JI, 100% (n=15) dos pais afirmam positivamente, tal como se pode verificar, na tabela 13, mencionando os comportamentos de manifestação das crianças, visto que a maioria referiu que o seu educando demonstra comportamentos de felicidade. (Tabela 14)

Participação/Presença dos pais no JI	Frequência	%
Sim	15	100
Não	0	0
Total	15	100

Tabela 13 - Participação dos pais no JI

Manifestações	Frequência	%
---------------	------------	---

Ansiedade	2	13,3
Entusiasmo	2	13,3
Felicidade	7	46,7
Motivação	4	26,7
Total	15	100

Tabela 14 - Manifestações das crianças do JI

Em relação às estratégias que a educadora utiliza para fazer a comunicação escola-família, pode constatar-se, através da tabela 15, que a maioria dos pais classifica como “Muito Importante” a grande parte das estratégias utilizadas, sendo que apenas um pai considera uma das estratégias utilizadas como “Nada Importante”.

Estratégias	Nada Importante F	%	Importante F	%	Muito Importante F	%
Horário de Atendimento	0	0	7	46,7	8	53,3
Quadro de Informações	0	0	8	53,3	7	46,7
Exposições de Trabalhos	0	0	3	20	12	80
Bilhetes Informativos	0	0	2	13,3	13	
Reuniões	0		4		11	86,7
E-mail	0	0	4	26,7	11	
Contacto nos tempos de entrada e saída da Criança	0	0	7	26,7	8	73,3
Portefólio ou pasta de trabalhos da criança	0	0	5	46,7	10	
	1		6		8	53,3
Festas/Palestras		0		33,3		

	40	66,7
6,7		
		53,3

Tabela 15 - Estratégias de comunicação Escola-Família no JI

Relativamente à última questão onde é dada uma oportunidade aos pais para sugerirem em que aspetos poderia ser melhorada a relação escola-família, pode constatar-se, na tabela 16, que 46,7% (n=7) não sugere nada de novo e 53,3 (n=8) sugerem.

Sugestões	Frequência	%
Sala aberta aos pais para perceberem o dia a dia das crianças	1	12,5
Recolha de brinquedos e roupas para distribuir por quem precisa	1	12,5
Informação deve ser veiculada mais atempadamente em certas situações	1	12,5
Uma aplicação para dispositivo móveis com os alertas das atividades escolares e um <i>chat online</i> para manter a comunicação em tempo real	1	12,5
Sugestão de um caderno individual	1	12,5
Mostra satisfação com a relação escola/família	4	50
Total	8	100

Tabela 16 - Sugestões dos Pais do JI

1.5 Perceção dos Pais Instituição B

O questionário está estruturado em duas partes, tal como o questionário aplicado aos pais da instituição de JI: a primeira parte contém questões sobre os dados biográficos,

sendo que a segunda parte abrange questões sobre as percepções dos pais/cuidadores sobre a própria participação na escola. Na sua configuração final, o questionário é constituído por 20 questões claras e objetivas, num formato de escolha múltipla e, ainda, algumas de opinião própria. Uma vez que, no Plano anual de Atividades, não constam atividades de EP e visto que a estagiária finalista desenvolveu atividades do presente tema, foi conveniente realizar mais uma pergunta aos encarregados de educação dos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Neste item, apenas vão ser mencionados os dados relevantes para a investigação.

É de referir que as perguntas do questionário foram reformuladas, consoante as diferentes necessidades. Foram distribuídos 23 inquéritos, mas apenas foram validados 8.

Percepções dos pais/cuidadores sobre a própria participação na escola

Nesta segunda parte do questionário, pretende-se compreender a percepção dos pais relativamente ao envolvimento das famílias na vida escolar do seu filho, assim como a sua participação.

Tal como aconteceu no questionário dirigido aos encarregados de educação do grupo de JI a primeira questão desta segunda parte do questionário visa saber qual a opinião dos encarregados de educação acerca do envolvimento dos pais na escola, sendo que, nesta pergunta, se apresenta uma escala (Nada importante; pouco importante; Importante; Muito Importante).

Nesta primeira questão, foi possível constatar, através da tabela 17, que 75% (n=8) dos pais considera o envolvimento dos mesmos na vida escolar do aluno como “Muito importante” e apenas 25% (n=2) considera apenas “Importante”.

Envolvimento dos pais na escola	Frequência	%
Nada Importante	0	0
Pouco Importante	0	0
Importante	2	25

Muito Importante	6	75
Total	8	100

Tabela 17 - Importância da interação dos pais com a escola 1^oCEB

A questão que se segue é para perceber quais os momentos em que a família e/ou encarregados de educação comunicam com a professora. Com efeito, foi possível constatar, através da tabela 18, que 50 % (n=4) referiu que comunica com a docente por motivos de doença do seu discente, sendo que a maior parte dos pais 87,5% (n=7) assume que comunica com a docente por motivos de comportamento e apenas 12,5% (n=1) escolheu a opção “Outras”, referindo que comunica com a professora “Sempre que achar necessário”. É importante salientar que, nesta questão, o inquirido poderia selecionar mais que uma resposta.

Motivos	Frequência	%	Total da Amostra
Doença	4	50	8
Comportamento	7	87,5	8
Outras	1	12,5	8
Total			8

Tabela 18 - Motivos de comunicação com a professora 1^oCEB

A questão seguinte visa averiguar quais as situações/momentos em que os encarregados de educação/família costumam participar na escola. Também, nesta pergunta, os inquiridos poderiam selecionar mais que uma resposta. Através da análise da tabela 19, constata-se que 100% (n=8) dos inquiridos assume que participa nas reuniões de pais, apenas 50% (n=4) refere que participa em dias festivos e 37,5% (n=3) assume que participa nas atividades de sala. As opções “Palestras”, “Visitas de Estudo” e “Outras” não tiveram qualquer escolha por parte dos inquiridos.

Momentos	Frequência	%	Total da Amostra
Reuniões de Pais	8	100	8
Dias Festivos	4	50	8
Palestras	0	0	8
Visitas de Estudo	0	0	8

Atividades em Sala	3	37,5	8
Outras	0	0	8
Total			8

Tabela 19 - Momentos de participação dos pais na vida escolar dos seus filhos 1^oCEB

A presente questão visa perceber se os inquiridos colaboram nas atividades solicitadas, pela professora numa escala de três opções (Sempre; Algumas Vezes; Nunca). Tal como é visível, na tabela 20, a maioria dos participantes 62,5% (n=5) revelam colaborar “Algumas Vezes”, sendo que 37,5% (n=3) dos pais referem colaborar sempre que são solicitados.

Colaborar nas atividades	Frequência	%
Sempre	3	37,5
Algumas Vezes	5	62,5
Nunca	0	0
Total	8	100

Tabela 20 - Colaboração nas atividades 1^oCEB

A questão 2.5 tem como principal objetivo o de perceber de que forma os pais são chamados para colaborarem na participação do projeto lúdico da escola do seu educando. Desta forma e consultando a tabela 21, constata-se que, neste universo de inquiridos, os pais nunca são chamados para participar na elaboração do projeto lúdico, pois 100% (n=8) dos inquiridos selecionou a resposta “Nunca”.

Colaborar nas atividades	Frequência	%
Sempre	0	0
Algumas Vezes	0	0
Nunca	8	100
Total	8	100

Tabela 21- Participação dos pais no projeto lúdico 1^oCEB

Ainda nos mesmos moldes das duas questões anteriores, mas, desta vez, com o sentido de perceber se os pais inquiridos se disponibilizam para colaborar nas atividades realizadas na escola, através dos resultados, apresentados na tabela 22, pode verificar-se que 62,5% (n=5) dos pais se disponibilizam “Algumas vezes” enquanto que 37,5% (n=3) referem que se disponibilizam “Sempre”.

Colaborar nas atividades	Frequência	%
Sempre	3	37,5
Algumas Vezes	5	62,5
Nunca	0	0
Total	8	100

Tabela 22 - Colaboração nas atividades desenvolvidas pela professora 1ªCEB

No que diz respeito à questão 2.7, pretende-se perceber em que moldes os inquiridos participam na vida escolar e no quotidiano da escola. Assim, pretende-se que cada respondente escolha, numa escala de 3 opções, já referida no decorrer deste item. A alínea a) “Colabora na recolha de materiais” foi classificada por 50% (n=4) dos pais que referiu que colabora “Às vezes” e outros 50% (n=4) assume que colabora “Sempre”. (Tabela 23)

Na alínea b), a modalidade de participação dos pais refere-se ao acompanhamento na realização dos trabalhos de casa. Com efeito, os participantes selecionaram maioritariamente, a opção “Sempre”, o que corresponde a 75% (n=6), seguindo-se 25% (n=2) dos pais que o fazem “Algumas vezes”. (Tabela 23)

No que diz respeito à alínea c), a modalidade “Colabora em atividades promovidas pela escola”, a maioria dos pais 62,5% (n=5) refere “Às vezes”, sendo que 37,5% (n=3) refere que realiza “Sempre”. É de considerar que, em tempo de estágio, não foi realizada nenhuma atividade relacionada com EP, o que não foi permitido constatar se estes resultados são ou não verdadeiros. (Tabela 23)

Relativamente à alínea d), a modalidade “Sugere atividades e participa na organização de festas”, neste item, é possível constatar, através da tabela 23, que é a modalidade em que os pais menos participam, sendo que 62,5% (n=5) referem que

“Nunca” sugerem atividades nem participam em organização de festas e 25% (n=2) escolheu a opção “Às vezes” e apenas 12,5% (n=1) respondeu a opção “Sempre”.

Por fim, na alínea e) destinada a “Outras”, é importante salientar que não houve nenhuma sugestão neste item nem nenhuma resposta obtida nos 8 inquiridos.

Momentos	Nunca F	%	Às vezes F	%	Sempre F	%
A) Colabora na recolha de materiais	0	0	4	50%	4	50%
B) Acompanha o seu educando na realização dos trabalhos de casa	0	0	2	25%	6	75%
C) Realiza atividades com a criança no jardim de infância	5	62,5%	2	25%	1	12,5%
D) Sugere atividades e participa na organização de festas	0	0	0	0	0	0
E) Outras						

Tabela 23 - Participação dos pais no quotidiano da escola 1^oCEB

Acerca da questão que aborda a existência de diálogo em casa com os filhos sobre o que se passa no dia a dia da escola, pode comprovar-se, através da tabela 24, que 87,5% (n=7) dos inquiridos conversam com os seus filhos “Sempre” e 12,5% (n=1) conversa com o seu educando “Às vezes”.

Diálogo Pais/Filhos	Frequência	%
---------------------	------------	---

Sempre	7	87,5
Algumas Vezes	1	12,5
Nunca	0	0
Total	8	100

Tabela 24 - Diálogo Pais/Filhos 1ºCEB

No que diz respeito à pergunta na qual se questiona se o encarregado de educação se informa junto da professora para saber quais as aprendizagens/competências que a criança necessita de desenvolver para que os pais o possam ajudar em casa, pode constatar-se, através da tabela 25, que 75% (n=6) dos pais escolheram a opção “Sempre” e apenas 25% (n=2) referiu que só “Algumas vezes” procura saber a informação já mencionada.

Aprendizagens/Competências	Frequência	%
Sempre	6	75
Algumas Vezes	2	25
Nunca	0	0
Total	8	100

Tabela 25- Aprendizagens/Competências 1ºCEB

Já quando se questiona sobre as atividades que a instituição promove ao nível do EP, pode verificar-se, na tabela 26, que 100% (n=8) dos inquiridos respondem positivamente a esta questão, referindo as atividades mais significativas. (Tabela 27)

Atividades significativas	Frequência	%
Sim	8	100
Não	0	0
Total	8	100

Tabela 26 - Atividades significativas 1ºCEB

Atividades	Frequência	%
Enfeites Natal e Páscoa	5	63,5
Nada Referiu	3	37,5
Total	8	100

Tabela 27 - Atividades 1ºCEB

A questão 2.11 visa saber se, durante o presente ano letivo, os inquiridos perceberam se houve mais momentos de envolvimento das famílias. Quando questionados, 100% (n=8) dos inquiridos afirmaram que houve mais momentos/atividades de EP, tal como se pode confirmar na tabela 28. Mencionando as atividades, desenvolvidas na tabela 29, é de referir que os inquiridos citaram mais do que uma opção.

Mudanças nas atividades em 1.º CEB	Frequência	%
Sim	8	100
Não	0	0
Total	8	100

Tabela 28 - Mudanças nas atividades 1ºCEB

Atividades desenvolvidas em 1.º CEB	Frequência	%
Bichos da seda	8	100
Carnaval	5	62,5
Relvinhas	8	100

Tabela 29 - Atividades desenvolvidas em 1ºCEB

Quando questionados sobre a importância que o seu filho dá à presença dos pais nas atividades que acontecem na escola, 100% (n=8) dos pais afirmam “Sim”, tal como se pode verificar na tabela 30, mencionando os comportamentos de manifestação das crianças, visto que a maioria referiu que o seu educando demonstra comportamentos de

felicidade. No entanto, é importante salientar que vários inquiridos deram duas opções de resposta, ou seja, duas formas de manifestações distintas. (Tabela 31)

Participação/Presença dos pais no 1.º CEB	Frequência	%
Sim	8	100
Não	0	0
Total	8	100

Tabela 30 – Participação dos pais no 1ºCEB

Manifestações	Frequência	%
Comunicativo	1	12,5
Empenho	1	12,5
Entusiasmo	5	62,5
Felicidade	8	100

Tabela 31 - Manifestações dos alunos 1ºCEB

Em relação às estratégias que a docente utiliza para fazer a comunicação escola-família, pode constatar-se, através da tabela 30, que a maioria dos pais classifica como “Muito Importante” as seguintes estratégias: “Horário de atendimento”; “Bilhetes informativos”; “Reuniões de Pais” e “Contacto nos tempos de entrada e saída”. É importante referir que 25 % (n=2) inquiridos referiram que as estratégias “Quadro de informações”; “Exposição de trabalhos”; “Portefólio ou pasta de trabalhos da criança” não existem na presente instituição de ensino. Também outra informação relevante para o estudo é a de que 50% (n=4) considera a estratégia de “e-mail” como “Nada Importante” devido à falta de acesso à Internet. (Tabela 32)

Estratégias	Nada Importante		Importante		Muito Importante	
	F	%	F	%	F	%
Horário de Atendimento	0	0	1	12,5	7	87,5
Quadro de Informações	0	0	6	75	2	25
	0	0	5	62,5	3	37,5

Exposições de Trabalhos	0	0	0	0	8	100
Bilhetes Informativos	0	0	0	0	8	100
Reuniões	4	50	2	25	2	25
E-mail						
Contacto nos tempos de entrada e saída da Criança	0	0	1	12,5	7	87,5
Portefólio ou pasta de trabalhos da criança	0	0	5	62,5	3	37,5
Festas/Palestras	0	0	5	62,5	3	37,5

Tabela 32 - Estratégias de comunicação utilizadas pela docente 1^oCEB

Relativamente à última questão, na qual é dada uma oportunidade aos pais para sugerirem aspetos para melhorar a relação escola-família, pode constatar-se, na tabela 33, que 75% (n=6) não responde à pergunta e apenas 25% (n=2) sugerem melhorias, tais como “Deveria de existir mais momentos de escola aberta”; “Os pais deveriam ter mais oportunidades para participar no quotidiano da escola, de forma a serem integrados no contexto escolar dos seus educandos, deveriam existir mais atividades de sala onde os pais pudessem estar presentes.”

Sugestões	Frequência	%
Escola aberta aos pais para atividades	2	25
Sem resposta	4	75
Total	8	100

Tabela 33 - Sugestões dadas pelos pais 1^oCEB

1.6 Síntese dos inquéritos

Percebemos através dos inquéritos realizados aos EE que estes consideram o EP importante e muito importante, desta forma revelam que costumam comunicar com o profissional de educação em situação de doença e comportamento, no entanto os EE do contexto de EPE referem que costumam comunicar com a educadora sobre outros assuntos.

Constatamos em ambas as valências que os EE costumam participar mais nas reuniões de pais, atividades de sala e dias festivos. Quando questionados se participam ou não nas atividades fomentadas pela a educadora ou professora, percebemos que os EE apenas participam algumas vezes.

No que diz respeito à participação do projeto lúdico percebemos que a maioria dos EE da instituição A são sempre chamados a participar, ao invés dos EE da instituição B que nunca são chamados.

Segundo as opções dadas no inquérito realizado pela investigadora, foi perceptível observar quais os momentos em que os pais mais colaboram no quotidiano da vida escolar do seu educando, assim os pais da instituição A referem que o momento que mais participam é na elaboração de atividades com as crianças em casas, enquanto os EE da instituição B assume que atividade que mais participa é no acompanhamento dos trabalhos de casa do seu educando. Percebemos também, que só às vezes é que os EE da instituição A sugerem atividades e participam na organização de festas, enquanto que para os EE da instituição B esta opção não se torna válida, pois nenhum dos inquiridos assinalou esta opção.

A maioria dos inquiridos em ambos os contextos assumem que mantem um diálogo diário sobre a rotina da criança na escola, assim como procuram a profissional de educação para perceber quais as competências e aprendizagens que o seu educando está a desenvolver com objetivo de poder fazer um acompanhamento mais cuidado.

Também os EE então em concordância, quando referem que as atividades que são desenvolvidas tornam-se significativas, elencando algumas atividades que foram desenvolvidas, percebe-se que os EE da valência de EPE elencam mais atividades que os EE da valência de 1ºCEB.

Ao longo da investigação foi necessário acrescentar no guião do inquérito dos pais dos alunos de 1ºCEB duas questões, onde abordava as mudanças a nível de EP. Os EE de 1ºCEB assumiram que houve alterações a nível do tema abordado, e elencaram as atividades que foram desenvolvidas pela investigadora para fomentar o EP.

Ambos os inquiridos, consideram que a participação dos pais nas atividades desenvolvidas na escola é importante e benéfico, pois referem que as crianças mostram sentimentos de felicidade, entusiasmo e motivação.

Percebemos que para os EE da instituição A as estratégias que a educadora mobiliza com maior importância são exposição de trabalhos, reuniões, email, contacto nos tempos de entrada e saída da criança, bilhetes informativos e portefólio ou pasta de trabalhos da criança o que vai ao encontro daquilo que a educadora respondeu na entrevista. (cfr. apêndice 5)

Tal como aconteceu anteriormente em contexto de EPE, também em contexto de 1ºCEB os pais estão em concordância com as estratégias que a professora assume utilizar, assim os EE dos alunos do 1ºCEB as estratégias referem que a docente utiliza com maior importância são horário de atendimento, exposição de trabalhos, reuniões e contacto com os pais à entrada e saída dos alunos. (cfr. apêndice 7)

Por fim foi dado aos pais uma questão aberta onde podiam deixar sugestões sobre alguns aspetos a melhorar acerca do EP, os pais da instituição A elencaram mais aspetos que os pais da instituição B, no entanto tem uma sugestão em comum quando referem a sala aberta aos pais para perceberem o dia-a-dia (rotina) da criança.

1.7 Triangulação dos dados obtidos

A noção de “triangulação” sugere diferentes formas de combinar e usar as diferentes metodologias. No presente estudo, foi necessária a utilização de métodos mistos, dado que os tipos de investigação utilizados foram qualitativos e quantitativos.

Dezin (1989) define quatro tipos diferentes do termo “triangulação”, sendo eles: “triangulação de dados”, “triangulação de investigador”, “triangulação teórica” e, por fim, a “triangulação de metodológica”. Recorrendo ao mesmo autor, pode constatar-se que cada um dos diferentes termos trata de assuntos distintos, a saber:

- A “triangulação de dados” refere-se à recolha de dados recorrendo a diferentes fontes.

- A “triangulação do investigador” surge quando os investigadores recolhem dados sobre o mesmo fenómeno de outros investigadores e procedem à comparação de resultados.

- A “triangulação teórica” é quando são utilizadas diferentes teorias para sustentar e interpretar um conjunto de dados de um estudo.

- A “triangulação metodológica” é quando se utilizam diferentes métodos para estudar um determinado problema de investigação.

A análise e interpretação da informação recolhida é uma etapa fundamental de um trabalho de investigação. Ao longo deste capítulo, procurar-se-á fazer um cruzamento e, de certa forma, uma reflexão dos dados que foram obtidos. De forma a operacionalizar melhor esta etapa de trabalho, procurar-se-á responder às perguntas de investigação, formuladas no ponto 1.4, no que concerne ao capítulo metodológico deste estudo.

Esta investigação permitiu perceber que tanto os encarregados de educação como os profissionais da educação estão de acordo quanto ao facto de reconhecerem a importância da relação escola-família. Conseguiu-se perceber que é unânime que todos os agentes educacionais consideram o envolvimento das famílias um fator potenciador no desenvolvimento e sucesso educativo da criança. Zenhas (2006), suportado em Diogo (1998), afirma que “a colaboração entre a escola e as famílias promove, nas crianças, sucesso escolar, auto-estima e atitudes positivas face aprendizagem.” (p.23)

No que concerne ao primeiro objetivo desta investigação, conseguimos perceber através dos inquéritos aos encarregados de educação que a opinião dos pais, em relação ao tema escola-família é positivo, pois os dados adquiridos dizem-nos que os pais consideram este assunto “importante” e “muito importante”(cfr. Tabela 1 e 17).

Para perceber quais os diferentes papéis dos diferentes contextos escola/família, recorreu-se às entrevistas, realizadas às profissionais de educação. Deste modo, constata-se que a entrevistada (E) refere que “(...) é dever da escola: oferecer um espaço adequado, seguro, com condições e profissionais competentes que ajudem a criança na sua socialização, desenvolvimento cognitivo e ampliação cultural. É dever da família: incutir

hábitos, valores e comportamentos (educação).” (cfr. apêndice 6 -). Já a entrevistada (P) assume que ambas têm o mesmo dever “(...) estar atentas a todo o processo de desenvolvimento da criança, sendo ele emocional, cognitivo, social e de aprendizagem” (cfr. apêndice 7 -)

Pode verificar-se que a opinião da educadora vai ao encontro daquilo que está plasmado nas OCPE (2016). Esta refere-se aos “princípios orientadores, que adiante se apresentam, estão intimamente articulados e correspondem a uma determinada perspectiva de como as crianças se desenvolvem e aprendem, sendo de destacar, neste processo, a qualidade do clima relacional em que cuidar e educar estão intimamente interligados.” (p.8). Também Silva (1993) refere que

(...) A função da escola, para além de transmitir conhecimentos (...) é também a de contribuir para o desenvolvimento global do indivíduo, a nível cognitivo, motor, afetivo, criativo e contribuir para a sua socialização interiorização dos valores dominantes na sociedade. (p.71)

Também Gameiro (1998) vem reforçar as ideias das entrevistadas acerca das responsabilidades das famílias, salientando que “A família é uma rede complexa, de relações na qual se passam sentimentos e comportamentos” (p.45)

Ao longo desta investigação, foi perceptível que existe EP nas diferentes instituições de estágio. Desta forma, pode dizer-se que os pais se envolvem na vida escolar dos filhos nas diferentes valências e nos diferentes contextos, no entanto foi visível a discrepância que existe a nível de outros fatores, entre a Instituição A e Instituição B que são um entrave ao EP. Sem dúvida que o principal entrave se deve ao contexto social onde a criança/família está inserida. Verifica-se que, através das diferentes atividades desenvolvidas no período de estágio (cfr. Anexo 3 NC. 1) e da entrevista realizada à professora, o envolvimento dos pais é essencial, mas que o contexto social é um fator que influencia este processo

O acompanhamento em casa é muito pouco, particularmente na realização dos trabalhos de casa. Na nossa realidade é um ponto essencial para a ajuda na aquisição dos conteúdos trabalhados na sala de aula, uma vez que as dificuldades são muitas. O aluno na maioria das vezes não consegue realizar os exercícios e não tem ajuda porque os pais não o conseguem fazer, resultando em pouca motivação. Sinto que quando estes trazem os trabalhos feitos, muitas vezes ajudados

pelos irmãos mais velhos ficam satisfeitos e muito entusiasmados. (cfr. anexo 3)

Reforçando a ideia da profissional de educação, Davies (1989) cita Lareau onde afirma que “os pais de classe trabalhadora têm poucas competências profissionais. (...) Os pais da classe média, por outro lado, têm tanto ou mais prestígio e competências ocupacionais que os professores.” (p.44). Esta citação torna-se completamente válida nesta investigação, pois pode-se constatar que os pais da instituição A que pertenciam a um grupo social mais favorecido (cfr. gráficos 5 e 6) se envolviam mais (cfr. anexo 2. RO 1, 2, 3, 4, 6,10, 11, 12, 13) do que os pais da instituição B que integravam um grupo social mais desfavorecido. (cfr. gráficos 13 e 14)

Respondendo ao objetivo seguinte, indubitavelmente, o impacto do envolvimento das famílias na vida escolar do aluno pode ser negativo ou positivo. Deste modo, quando as famílias participam, pode assumir-se que só é um benefício para o aluno. As respostas das diferentes profissionais de educação completam-se entre si. A entrevistada E refere que “se os pais se envolverem nesse processo é meio caminho para o sucesso das crianças.” (cfr. apêndice 6 - p). Já a entrevistada P assume que o envolvimento dos pais só traz vantagens para o aluno “o partilhar de situações e acompanhamento de ambas as partes em sintonia são sempre uma mais-valia para o processo de aprendizagem e para todo o seu desenvolvimento, muito particularmente em situações onde existem dificuldades de aprendizagem, problemas emocionais e sociais.” (cfr. apêndice 8 - p). As palavras de Diogo (1998) contemplam aquilo que as profissionais de educação referiram, sendo levados a concluir que “A família, espaço educativo por excelência, é vulgarmente considerada o núcleo central do desenvolvimento moral, cognitivo e afectivo (...)” (p.37).

Ainda neste ponto, pode constatar-se quais as manifestações das crianças quando as famílias se envolvem. A profissional de educação P assume que, quando os pais participam no quotidiano da vida escolar do aluno, este se sente “acompanhado e motivado. (...) Quando realizamos atividades como apresentação de algum trabalho (peça de teatro, canções...), os alunos ficam muito satisfeitos por verem os pais na escola e se estes ou familiares não comparecem nota-se que a sua situação de fragilidade é vincada, quando existente. ” (cfr. apêndice 8 - p). Também os próprios encarregados de educação vêm reforçar estes sentimentos, já mencionados pela profissional de educação. Pode perceber-se que, apesar das valências serem diferentes, os sentimentos manifestados são

idênticos. Os pais mencionam os seguintes: ansiedade, comunicação, empenho, entusiasmo, felicidade, motivação. (cfr. tabelas 14 e 31)

Também através da intervenção educativa, pode-se verificar todas estas manifestações já mencionadas, no entanto podemos também apurar os sentimentos das crianças que não participaram na atividade, devido à falta da não participação dos pais. (cfr. anexo 4 RA1).

Pode-se constatar, também, que a maior parte destas crianças mostra felicidade e motivação quando a família se envolve na vida escolar. Quando os pais não colaboram ou não participam na vida escolar do seu filho, o impacto torna-se negativo, isto porque a criança se sente sozinha, triste e menos motivada. Durante esta investigação, pode comprovar-se que isto acontece quando se consultam os diferentes registos de observação e de atividades (cfr. anexo 4 RA1). Ainda assim, para algumas daquelas crianças, o facto de os pais não se envolverem já era um hábito. Então, tentavam dar a volta por cima, sozinhos ou recorrendo a outros membros da família, para além do pai ou mãe. Ainda assim, eram notórias as manifestações de falta de carinho e de tristeza, por parte da criança que não podia contar com a presença ou ajuda de familiares. Para comprovar esses resultados, cruza-se a informação, obtida através dos registos de observação, registo de atividades (cfr. anexo 4 – RA 3, 4, 5 e 6) e às entrevistas às profissionais de educação. Com efeito, a entrevistada E assume que “no presente grupo existe uma criança que devia de ser acompanhada pela terapeuta da fala pois apresenta muitas dificuldades neste campo e o desinteresse na não participação dos pais na escola faz com que a criança não seja acompanhada” (cfr. apêndice 5- m). Na presente valência, podem constatar-se, através dos registos de observações, as manifestações da criança em causa, com a não participação dos familiares. (cfr. anexo 2 – RO5 e RO12). Assim esta criança, quando os pais não estavam presentes, reage com manifestações de tristeza e de irritabilidade. Durante uma atividade do projeto EQuaP (cfr. anexo 1 atividade b)), a criança “não tinha ninguém que a estivesse a ver, então permaneceu junto do corpo docente, mostrou estar triste, mas não desistiu e continuou na luta de encontrar a mãe.” (cfr. RO5). Ainda noutra situação, a mesma criança

veio pedir à auxiliar se o podia ajudar a plantar o seu vaso pois os seus familiares não estavam presentes, ao realizar atividade a criança mostrava-se feliz. (...) Ao final do dia quando a mãe do G. o veio buscar a criança dirige-se à mãe a chorar compulsivamente, sem explicar o porquê desse mesmo comportamento. Após

várias perguntas dirigidas à criança esta respondeu que estava assim porque a mãe não tinha estado presente na plantação dos vasos. (cfr.RO11)

Ainda durante o mesmo ano letivo, a presente criança contou com os familiares numa das atividades desenvolvidas pela instituição no âmbito do projeto EQuaP (cfr. anexo 1 atividade c)). A criança mostrava-se “radiante ao realizar as atividades, depois deste feito ainda mostrou ao pai tudo o que estava na sala, os trabalhos que tinha feito assim como o funcionamento do comboio da sala. Mostrou-se predisposto a novas aprendizagens.” (cfr. anexo 2 RO12), o que vem comprovar aquilo que muitos autores defendem, ou seja, a participação dos pais na vida escolar do seu filho é o caminho para o sucesso escolar do mesmo. Marques (2001), defende que quando

Olhamos para o envolvimento parental como uma variável importante no processo de melhoria de qualidade de aprendizagem dos alunos (...), embora tenhamos presente os benefícios do envolvimento parental na vida da escola, consideramos que há zonas que devem estar reservadas aos professores e que devem ficar privadas da interferência exterior. Essas zonas incluem todas as decisões que dizem respeito aos modelos pedagógicos, metodologias de ensino e avaliações dos alunos. (p.13)

A entrevistada P vem reforçar a ideia da educadora de infância quando cita que “O aluno é completamente afetado, principalmente quando existem problemas de aprendizagem ou emocionais.” (cfr. apêndice 6 - p) posto isto, segundo Marques 2001 “os pais podem ter um papel determinante na fixação de expectativas realistas e de normas de conduta corretas, no desenvolvimento da curiosidade intelectual e no aumento do gosto pela aprendizagem.” (p.108)

Quanto a um dos pontos que se torna essencial é o de perceber se, durante o ano letivo, onde decorreu o estágio em 1.º CEB houve ou não mudanças no que diz respeito às atividades de EP, 100% dos inquiridos (cfr. tabelas 28 e 29), nesta valência, referem que houve mudanças nas atividades deste carácter, mencionando exemplos como: atividade dos bichos da seda, Carnaval e Relvinhas (cfr. anexo 4 RA 4, 5 e 6). Através dos registos de atividade, pode perceber-se que nem todas as crianças tiveram o apoio das famílias, contudo, ainda assim não deixaram de realizar a atividade e resolveram o problema sozinho. (cfr. anexo 4 - RA 4, 5 e 6)

Por fim, demos a oportunidade aos inquiridos de sugerirem melhorias face a este tema, para perceber de forma é que os pais poderiam vir a participar mais no quotidiano

da vida escolar do seu educando. Deste modo, percebe-se que os pais da instituição A dão várias sugestões, tais como:

“Sala aberta aos pais para perceberem o dia a dia das crianças”,

“Escolha de brinquedos e roupas para distribuir por quem mais precisa”

, “Informação deve ser vinculada mais atempadamente em certas situações”,

“ Uma aplicação para dispositivo com os alertas das atividades escolares e um *chat online* para manter a comunicação em tempo real”,

“Caderno individual” (cfr. tabela 16),

os pais da instituição B apenas sugerem “Escola aberta aos pais para atividades” (cfr. tabela 33).

A partir destas sugestões, infere-se que os pais da instituição A têm por hábito a oportunidade de participar em atividades dentro da instituição e na sala onde os filhos passam a maior parte do dia. Essas atividades não são apenas sugeridas pela instituição, instituição essa que está inserida num projeto promotor a práticas de EP, chamado EQuaP (cfr. anexo 1 atividades a)b)c)d)), mas também pela educadora, bem como pela estagiária cooperante, essas atividades surgiram através do interesse das crianças, nomeadamente a visualização das mudanças físicas ao longo da idade que tinham, também detetamos juntamente com a família, que o sentimento de medo estava muito presente naquele grupo, então a estagiária desenvolveu uma atividade para colmatar aquele sentimento que se fazia sentir. (cfr. anexo 4 - RA 1,2).

Os pais da instituição B não têm essa mesma oportunidade, uma vez que as sugestões passam apenas por solicitar a escola aberta. Este último ponto vai ao encontro do terceiro, na medida em que o facto de a escola não estar aberta aos pais da instituição se deve ao contexto social onde estão inseridos. Durante o período da investigação, apenas se pode constatar que as atividades, solicitadas pela instituição, não davam oportunidade aos pais de estar em contacto com o ambiente escolar. (cfr. anexo 4 - RA 3). Ainda nesse mesmo período, verifica-se que a professora cooperante não desenvolveu qualquer atividade, ao invés da estagiária finalista que desenvolveu atividades, de forma lúdica para que a família pudesse colaborar, essas atividades vinham, também, promover a escrita criativa, assim como a criatividade e imaginação do aluno. Atividades essas que

tenham como finalidade não só desenvolver a criatividade e a imaginação, mas também produção de texto. (cfr. anexo 4 - RA 4,5 e 6)

Em síntese, foi possível constatar que não há dúvidas de que o envolvimento dos pais na vida escolar do filho é completamente benéfico para o seu desenvolvimento global. É também possível verificar através desta experiência que o contexto social conta muito para a promoção nas instituições, o que não se torna benéfico para as crianças, pois foi possível concluir que as crianças onde os pais não se envolvem são as quem tem maior nível de dificuldades de integração, aprendizagem e desenvolvimento cognitivo e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta investigação, pretendeu-se estudar de que forma o envolvimento das famílias influencia o desenvolvimento global da criança. Desta forma, foi elaborada uma pergunta de partida que suportou todo o processo investigativo.

A escolha desta temática deve-se à curiosidade de perceber como mãe e futura docente quais os benefícios que existem a nível do desenvolvimento global da criança quando as famílias trabalham em conformidade com a escola. Assim, houve a oportunidade de realizar os dois momentos de estágio em PES I e PES II em instituições distintas no que diz respeito a nível do meio sociocultural. Estes dois momentos de estágio que decorreram respetivamente no contexto de JI e 1ºCEB foram cruciais para o sucesso desta investigação.

Como já foi possível constatar pelos dados anteriormente analisados, a família desempenha um papel fulcral na vida das crianças, tendo como um dos objetivos transmitir um vasto conjunto de valores, princípios e regras, preparando assim as crianças para que, no futuro, se tornem indivíduos responsáveis, sendo, por isso, considerada como o primeiro contexto educativo da criança.

Este estudo revelou-se bastante interessante e pertinente, em termos de aprendizagens profissionais na medida em que permitiu perceber as diferenças e especificidades das duas instituições cooperantes onde se realizou o estágio profissionalizante e simultaneamente esta pesquisa, no que diz respeito ao tema escola/família.

Ainda assim, foi um desafio para a investigadora conseguir definir e implementar estratégias de EP, ajustadas aos contextos de intervenção e à diversidade das famílias.

Quanto à finalidade maior desta pesquisa, o presente estudo procurou compreender se a implicação das famílias na vida escolar da criança traz ou não repercussões no desenvolvimento global da mesma.

Na valência respeitante à educação de infância, verificamos que através de inquéritos aos EE, registos de observação, notas de campo e intervenção educativa que a implicação das famílias teve repercussões a nível do desenvolvimento global da criança,

percebeu-se que quando as famílias se envolvem as crianças mostram-se mais predispostas a novas aprendizagens.

No que concerne à valência de 1ºCEB, percebemos através de inquéritos aos EE, registos de observação e intervenção educativa, que implicação das famílias neste contexto era menor. Ainda assim foi possível observar nos alunos com mais dificuldades de aprendizagem no decorrer do estudo alguma motivação e predisposição para aquisição de novas aprendizagens, através de atividades desenvolvidas pela estagiária no âmbito do EP. Contudo importa recordar que neste contexto existiram dificuldades e constrangimentos no que diz respeito às atividades propostas pela estagiária, tendo sido necessário implementar novas estratégias de EP.

Conseguimos dar resposta aos objetivos da investigação através das diferentes estratégias metodológicas, desta forma percebemos que os EE de JI e 1ºCEB através dos inquéritos por questionário percecionam o EP muito importante.

Através das entrevistas às profissionais de educação conseguimos dar resposta ao segundo objetivo da investigação, assim, constatamos que a educadora cooperante atribui um papel à família e outro à escola e conclui que ambas se complementam. Enquanto que a professora cooperante do 1ºCEB refere que tanto a escola como a família devem estar atentas a todo o desenvolvimento global da criança.

A intervenção nos dois contextos foi distinta, uma vez que no JI esta temática tem vindo a ser trabalhada ao longo dos anos nesta instituição, os pais já tinham hábito de participar, por isso o número de encarregados de educação ser maior no envolvimento das atividades. O que também ajudou adesão dos EE de JI nas atividades desenvolvidas foi a realização do projeto EQuaP que decorreu ao longo do ano letivo 2015/2016. Em contrapartida no 1ºCEB, podemos verificar uma menor participação por parte das famílias, isso deve-se ao facto destas apresentarem poucas habilitações académicas, baixos níveis socioeconómicos e diferenças culturais.

A participação das famílias, teve repercussões diferentes nas crianças, através dos inquéritos aos EE e registos de observação percebemos que as crianças mostraram-se: acompanhado, motivado, predisposto para novas aprendizagens, empenho, ansiedade e entusiasmo.

No entanto, não se pode universalizar as conclusões retiradas deste estudo, apenas devem ser avaliadas como resultado das diferentes realidades estudadas. Assim, pode constatar-se, através da análise e triangulação dos dados, que a não participação das famílias reflete-se nas crianças designadamente no seu desenvolvimento, apresentando dificuldades a nível emocional, social e de aprendizagem.

Com a prática de ensino supervisionada nas diferentes instituições, foi possível ter o conhecimento prático da temática em estudo, assim a observação participante e as atividades postas em prática constituíram, sem dúvida, uma mais-valia para a pesquisa desenvolvida.

Neste trabalho, foi possível constatar, através da revisão da literatura da efetuada bem como dos dados obtidos através das entrevistas realizadas às profissionais de educação educadora cooperante e professora do 1ºCEB que o envolvimento das famílias é benéfico para o desenvolvimento global da criança.

Através dos inquéritos aos EE de JI, percebemos que o seu nível de envolvimento vai ao encontro das propostas de EP que Marques (1988), sustentado nas teorias de Joyce Epstein refere, como a participação dos pais em atividades em sala de aula e conversa diária com os filhos sobre a rotina no JI. Já no contexto de 1ºCEB os EE através dos inquéritos referem que conversam com os filhos sobre a rotina da escola, assim como acompanham as crianças na realização dos trabalhos de casa, no entanto a intervenção revelou que a realidade não é exatamente assim, uma vez que apenas oito EE responderam ao inquérito num universo de 23 EE.

Conseguimos perceber pelos registos de observação das atividades desenvolvidas com as famílias em contexto de JI promovidas pela instituição no âmbito do projeto EQuaP e pela estagiária/investigadora que a presença ativa das famílias na vida escolar das crianças traz repercussões positivas no desenvolvimento global da mesma. Foi possível constatar que as crianças mostravam-se mais entusiasmadas, satisfeitas, felizes com a presença dos familiares, recordando com satisfação os momentos vividos com as famílias no JI.

Ao longo das atividades que foram sendo desenvolvidas no contexto do 1ºCEB, o grau de satisfação das crianças ia aumentando, mesmo quando estas não contavam com o acompanhamento das famílias na realização das mesmas. Todas as atividades realizadas

foram pensadas e ajustadas as necessidades das crianças. Foi também perceptível o entusiasmo, motivação e felicidade dos alunos quando as famílias se envolviam nas atividades de EP propostas pela estagiária/investigadora.

Assim constatamos que o “ (...) papel importante de complementaridade mútua, que cabe assumir a cada um dos dois contextos, (pré)escolar e familiar, devendo mobilizar e articular esforços para que as crianças usufruam de oportunidades educativas potencialmente facilitadoras do seu bem-estar e progressão nos vários domínios de desenvolvimento e aprendizagem.” (Sanches, 2012, p.85).

Salientamos ainda que, este estudo permitiu concluir que os pais e ou encarregados de educação são os principais agentes de socialização, principais educadores e responsáveis pela criança, mas o sucesso da sua ação, está fortemente ligado à parceria que estabelecem com a escola, o que confirma a perspetiva de Neves (2015) de que “A relação escola-famílias é entendida, por parte dos educadores de infância, como algo decisivo na educação que requer uma parceria estreita, contribuindo para que a escola seja uma comunidade educativa (que se abre às populações e suscita a sua participação ativa)” (p.249). Concluimos assim que hodiernamente, os efeitos da educação de infância estão totalmente de acordo com a educação que a criança traz de casa e também com a relação que a família estabelece com a escola.

Neves e Miranda (2015) referem que “A abertura da escola a todas as classes sociais está intimamente associada à ideia de democratizar a escola e, assim, também, democratizar a sociedade.” (p.34) Atualmente, não se procuram culpas para compensar o meio familiar, mas sim tirar partido do mesmo, assim como das suas próprias culturas de que a criança é proveniente.

Por seu lado, importa atender que vivemos um paradigma diferente, numa sociedade multicultural “(...) onde a realidade de uma escola para todos se torna desafiadora e geradora de pedagogias, se defendermos um projeto educativo inclusivo, potenciador de aprendizagens, ao serviço do desenvolvimento de competências sociais e pessoais de todos os que a frequentam.” (Neves & Miranda, 2015, p.35).

Esta constatação, esteve presente neste estudo uma vez que os contextos de intervenção eram diferentes e, especificamente, o contexto de 1ºCEB era povoado por culturas e valores diversos por parte das crianças e respetivas famílias. O que levou a que

a intervenção no decorrer desta pesquisa procurasse respeitar e valorizar sempre as características e necessidades das crianças.

Foi possível ainda concluir que, num contexto social desfavorecido, neste caso contexto de 1ºCEB existia menos envolvimento das famílias, o que em grande parte se devia à pouca abertura da escola para receber os pais e um grande distanciamento sociocultural das famílias em relação à cultura da escola. O que se revelou uma dificuldade na intervenção da estagiária/investigadora que foi procurando ultrapassar estes obstáculos através da persistência e criatividade nas estratégias de EP.

No decorrer da realização deste trabalho de pesquisa, foram, também, aparecendo algumas limitações, que se consideram pertinentes expor. Assim, no contexto da valência de 1.º CEB, foi proposta a realização da entrevista focalizada em grupo, isto devido às baixas habilitações académicas dos EE. Uma vez que não houve comparência por parte dos mesmos, este instrumento de investigação não foi possível realizar, foi necessário recorrer novamente aos inquéritos por questionário, onde a amostra ficou limitada a um número reduzido de apenas oito EE.

Para concluir esta investigação, propõem-se linhas de investigação futuras. Foi visível que os pais, de uma maneira ou outra, se envolvem na vida escolar dos seus filhos, no entanto a experiência - a valência de JI - mostrou-nos vários momentos de um bom exemplo de EP, já que não foi só a instituição, a educadora ou a estagiária a promover estes momentos, mas também houve vontade própria dos encarregados de educação em participar e promover momentos de partilha com o grupo de crianças onde estava inserido o próprio filho. Todavia, no que concerne à valência de 1.º CEB seria importante a própria instituição e docentes que a integram desenvolverem práticas e implementarem estratégias promotoras de EP de forma mais continuada, pois as atividades que foram desenvolvidas foram apenas dinamizadas, promovidas pela estagiária/investigadora deste estudo.

Para finalizar, Villas-Boas (2001) assume que “O sucesso para todas as crianças só pode ser conseguido através de parcerias entre a escola, família e comunidade.” (p.85). Não há dúvida de que os pais são parceiros importantes, sendo a sua contribuição extremamente valiosa para um bom desenvolvimento das crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Afonso, Natércio. (2005). *Investigação naturalista em educação: Guia Prático e crítico*. Porto: Asa Editores, S.A.

Afonso, Natércio. (2014). *Investigação naturalista em educação: um guião prático e crítico*. V. N. Gaia: Fundação Manuel Leão.

Amado, João. (2013). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2ª Edição (pp.19-72).

Amaro, Fausto (2014). *Sociologia da família*. Lisboa: Ed.Pactor – Edições de ciências sociais, Forenses e da Educação.

Bardin, Laurence (2011). *Análise de Conteúdo*. Coimbra: Edições 70, Lda.

Benavente, Ana., & Correia, Adelaide. P. (1981). *Obstáculos ao sucesso na escola primária*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, 1981.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e métodos*. Porto: Porto Editora.

Borràs, Lluís. (2002). *Manual da Educação Infantil, 1: O educando, A escola*. Setúbal: Marina Editores.

Correia L.M. & Serrano A.M. (2000). *Envolvimento parental em intervenção precoce: das práticas centradas nas crianças às práticas centradas na família*. Porto: Porto Editora.

Cortesão, Luíza. (2012). *Professor: produtor e/ou tradutor de conhecimentos? Trabalhando no contexto do arco-íris sociocultural em sala de aula*. Educ. Real., Porto Alegre, v.37, n. 3, p.719-735

Costa, Daniel Dinis (2015). *Investigação- Ação: Noções Básicas (Sebenta)*. ESTEC

Coutinho, Clara. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e prática*. Coimbra: Almedina.

- Creswell, John. W (2007). *Projeto de pesquisa – Método qualitativo, quantitativo e misto. (2ªed)*. Arfmed Editora
- Davies, Don. (1989). *As escolas e as famílias em Portugal: Realidade e perspectivas*. Livros Horizonte
- Delgado, Paulo (2011). *Acolhimento familiar de crianças. Evidências do presente, desafios para o futuro*. Porto: Maias leituras.
- Dias, Maria. O. (2000). A família numa sociedade em mudança: problemas e influências recíprocas. In *Gestão e Desenvolvimento*, 9, pp-81-102.
- Diogo, José M.L. (1998). *Parceria Escola – Família. A Caminho de uma educação participada*. Porto: Porto Editora
- Estrela, M., & Estrela, A. (1994). *A técnica dos incidentes críticos no ensino (2ªEd.)*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Fernandes, O. & Maia, C. (2015). *A Família portuguesa no século XXI*. Lisboa:Ed. Parsifal, Lda.
- Gameiro, José. (1998), *Quem sai aos seus*. 2.ª ed. Porto: Ed Afrotamento
- Gaspar, Filomena R.F. (2004). Projeto Mais-Pais. Factores socioculturais e interpessoais no desenvolvimento numérico de crianças em idade pré-escolar: o nome dos números e o envolvimento dos pais. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a ciência e tecnologia/ Ministério de ciência e do Ensino Superior.
- Gomes, M.P., Neves, I. e Silva, B. (2017). Qualidade na educação d einfância através do envolvimento parental – Projeto EQuaP. *REVISTA DE ESTUDIOS E INVESTIGACIÓN EN PSICOLOGÍA Y EDUCACIÓN*. Vol.05 A5- 264-268.
- Hohmann, Mary, Weikart David.P & Banett, Bérnard (1985). *A criança em Ação*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa
- Hohmann, Mary, Weikart, David P. (2004). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Instituto Nacional de Estatística (2014). *Conceito de Família Clássica*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I. P.
- Magalhães, G. (2007). *Modelo de Colaboração Jardim de Infância/Família*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Máxima- Esteves, Lúcia (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora
- Marques, Ramiro. (1988). *A Escola e os Pais – Como colaborar?* Lisboa: Texto Editora, 25.ª edição.
- Marques, Ramiro. (1997). *Professores e Famílias – Projecto Educativo*. Porto: Edições Asa
- Marques, Ramiro. (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Miguéns, Manuel. I. (dir.). (2005). *In Actas Seminário Educação e Família* [Seminários e Colóquios] (pp. 9-12). Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Miguéns, Manuel. I. (dir.). (2007). *Escola, Família, Comunidade*. *In Actas Seminário Educação e Família* [Seminários e Colóquios]. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Ministério de Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação / Departamento de Educação Básica.
- Ministério de Educação (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação / Departamento de Educação Básica.
- Neves, I. (2015). Um olhar sobre a escola e a ação docente na sociedade contemporânea: dilemas e desafios. *Revista Tendências pedagógicas*, 26, 237-252.
- Neves, I. & Miranda, M. N. (2015). Ser Professor: Quantos desafios!... *Revista Lumen*, 24 (1), jan./Jun., 33-42.
- Papalia D. E, OLDS S.W., & Feldman R. D (2001). *O mundo da Criança*. Lisboa: McGraw Hill.

Pedro, João. G . (2005). *A criança e a família no séc. XXI*. Lisboa: Dinalivro e Peterson Mars lta.

Quivy, R. & Campenhautd, L. (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Ed. Gradiva, Gol.Trajectos.

Sanches, M., Angelina. (2012). *Educação de Infância como Tempo Fundador -Repensar a Formação de Educadores para uma acção educativa integrada*. Aveiro: Universidade Aveiro

Sarmiento, T. & Marques, J. (2006). *A participação das crianças nas práticas de relação das famílias com as escolas*.INC

Seabra, Teresa. (1999). *Educação nas famílias – Etnicidade e classes sociais*. Lisboa: Ministério da Educação: Instituto da inovação educacional.

Sena, Jorge (1999). *Escola e família: educar, um projeto comum*. Braga: Editorial A. O.

Silva, Pedro. (1993). *A acção educativa: um caso particular: o dos pais difíceis de envolver no processo educativo escolar dos seus filhos*. In Os professores e as famílias Colaboração Possível. Lisboa: Livros Horizonte.

Silva, Pedro. (1994). “*Relação Escola-Família em Portugal*” *Revista Inovação*, vol.7, n. °3.

Silva, Pedro. (2002). *Escola-família, tensões e potencialidades de uma relação, in Pais e Professores, um desafio à cooperação*, Porto: Edições ASA.

Silva, Pedro. (2003). *Escola - Família, uma relação armadilhada: Interculturalidade e relações de poder*. Porto: Edições Afrontamento.

Simões, Maria. G (2013). *Formação parental em contexto escolar: Promoção da construção de pontes entre escola e família*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade de Coimbra.

Sousa, B. Alberto (2009). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte (2.^a Edição).

Sousa, M. J., & Baptista, C. S. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios*. Lisboa: Pactor.

Spodek, B., & Sarancho, O. (1998). *Ensinando Crianças dos três aos oito anos*. Porto Alegre: Artmed.

Tuckman, B. (2000). *Manual de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vasconcelos, Teresa. (2007). *A importância da educação na construção da cidadania*. ESEPF- *Saber E Educar*, N.º 12, pp-109-117;

Villas-Boas, M. Adelina. (2001). *Escola e Família. Uma relação produtividade aprendizagem em sociedades multiculturais*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Zenhas, A. (2006). *O papel do director de turma na colaboração escola-família*. Porto: Porto Editora

Legislação: (OCPE 97 E 2016)

Decreto-Lei n.º 5/97 de 10 de fevereiro. *Diário da República*, artigos 164.º, 168.º e 169.º. Ministério Público: Lisboa

Decreto-Lei n.º 49/2005 30 de agosto. *Diário da republica* artigos 5.º e 7.º. Ministério Público: Lisboa

Apêndice 1 – GUIÃO DA ENTREVISTA À EDUCADORA DE INFÂNCIA

A presente entrevista insere-se num trabalho de investigação, no âmbito de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

A intenção desta entrevista é a de perceber quais as atividades que o jardim/ educadora desenvolve para envolver as famílias, como os pais estão presentes na vida dos seus filhos, quais as vantagens da participação dos pais no desenvolvimento cognitivo da criança e, por fim, perceber por que razões reúne com os encarregados de educação.

É de salientar que os dados fornecidos e recolhidos serão confidenciais.

Bloco I – Dados de Identificação Pessoal e Profissional

Qual a sua idade?

Quais são as suas habilitações académicas?

Quanto tempo tem de serviço?

Há quanto tempo trabalha nesta instituição?

Qual a faixa etária do grupo de crianças com que está a trabalhar?

Acompanha este grupo desde quando?

Bloco II – Finalidades do Jardim de Infância

1- Sabendo que a família e a escola têm um papel simultaneamente complementar no desenvolvimento global da criança, identifique as principais responsabilidades que cabem a cada um destes contextos.

2- No projeto educativo da sua instituição, encontra-se alguma referência ao envolvimento parental?

3- Os pais tiveram alguma participação na elaboração do Projeto Educativo?

4- Quais as estratégias que utiliza para fomentar o envolvimento parental com o seu grupo de crianças?

Horário de atendimento	
Quadro de Informações	
Exposição dos trabalhos das crianças	
Bilhetes Informativos	
Reuniões	
E-mail	
Contacto nos tempos de entrada e saída da criança	
Portefólio ou pasta de trabalhos da criança	
Festas/Palestras	

5- Qual a estratégia em que os pais colaboram mais?

Colabora na recolha de materiais	
Elabora atividades com a criança em casa	
Realiza atividades com a criança no jardim de infância	
Sugere atividades e participa na organização de festas	

Outras. Qual? _____	
---------------------	--

6- Considera que a relação escola-família traz vantagens e desvantagens, se sim quais?

7- Para si, a presença dos pais na vida do seu filho no jardim de infância é sempre considerada uma situação positiva? Porquê?

8- Na sua opinião, acha que a participação dos pais na vida escolar/atividades influencia no processo de desenvolvimento/aprendizagem? Como?

9-O que deveria ou poderia ser feito para a promoção e aumento de situações de envolvimento parental?

Sendo que esta instituição é um parceiro do projeto EQuaP, que mais valias é que identifica nessa participação ao nível da relação Escola-Família?

Considera que o projeto EQuaP lhe trouxe estratégias inovadoras ao nível da participação da família?

Considera que quando os pais não participam na vida do jardim de infância a criança é afetada no seu desenvolvimento?

É capaz de eleger um momento que tenha sido relevante a participação dos pais no desenvolvimento das crianças?

Bloco III – Estratégias que o educador mobiliza para o envolvimento parental

Que meios de interação utiliza para se relacionar com a família?

Em que momentos costuma reunir com os pais e quais as informações que são partilhadas?

Considera que as reuniões de pais são um momento de relação escola-família? Que significado lhe atribui?

Bloco IV – Outros Aspectos

Considera que há algo mais a acrescentar relativamente às considerações que apresentou?

Grata pela colaboração

Carlota Muge

Apêndice 2 – GUIÃO DA ENTREVISTA À PROFESSORA DE 1.º CICLO

A presente entrevista insere-se num trabalho de investigação, no âmbito de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Assim sendo, venho solicitar a sua colaboração, para responder a todas as questões de forma clara e com toda a exatidão possível. A intenção desta entrevista é perceber quais as atividades que a escola e a própria professora cooperante desenvolvem para envolver as famílias, bem como perceber quais as vantagens da participação dos pais no desenvolvimento cognitivo da criança.

É de salientar que os dados fornecidos e recolhidos serão confidenciais.

Bloco I – Dados de Identificação Pessoal e Profissional

Qual a sua idade?

Quais são as suas habilitações académicas?

Quanto tempo tem de serviço?

Há quanto tempo trabalha nesta instituição?

Qual o ano de escolaridade com que está a trabalhar?

Acompanha esta turma desde quando?

Bloco II – Finalidades do 1.º Ciclo de Ensino Básico

Sabendo que a família e a escola têm um papel simultaneamente complementar no desenvolvimento global do aluno, identifique as principais responsabilidades que cabem a cada um destes contextos.

No Projeto Educativo da sua instituição, encontra-se plasmada alguma referência à necessidade de envolvimento parental?

Os pais tiveram alguma participação na elaboração do projeto educativo?

Quais as estratégias que utiliza para fomentar o envolvimento parental com a sua turma?

Horário de atendimento	
Trabalhos de Casa	
Exposição dos trabalhos dos alunos	
Bilhetes Informativos	
Reuniões	
E-mail	
Contacto nos tempos de entrada e saída da criança	
Portefólio ou pasta de trabalhos dos alunos	
Festas/Palestras	

Assinale a(s) estratégia(s) em que os pais colaboram mais?

Colabora na recolha de materiais/ pesquisas	
Acompanham os educandos na realização dos trabalhos em casa	
Colaboram em atividades promovidas pela escola	

Sugere atividades e participa na organização de festas	
Outras. Qual? _____	

Considera que a relação escola-família traz desvantagens, se sim quais?

Para si, a presença dos pais na vida escolar do seu filho é sempre considerada uma situação positiva? Porquê?

Na sua opinião, acha que a participação dos pais no quotidiano da vida escolar influencia o processo de desenvolvimento/aprendizagem do aluno? Porquê?

Considera que quando os pais não participam na vida escolar do aluno é afetada no seu desenvolvimento?

É capaz de eleger um momento em que tenha sido relevante a participação dos encarregados de educação no desenvolvimento dos discentes?

Bloco III – Estratégias que o professor mobiliza para o envolvimento parental

Que meios de interação utiliza para se relacionar com as famílias?

Em que momentos costuma reunir com os pais e quais as informações que são partilhadas?

Considera que as reuniões de pais são um momento integrante de relação escola – família? Que significado lhes atribui?

Considera que os encontros individuais com os pais são um momento integrante de relação escola-família? Que significado lhes atribui?

O que deveria ou poderia ser feito para a promoção de situações de envolvimento parental?

Bloco IV – Considerações Finais

Considera que há algo mais acrescentar relativamente às considerações que apresentou?

Grata pela colaboração

Carlota Muge

Apêndice 3 – GUIÃO DO INQUÉRITO AO ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO – Jardim de Infância

O presente questionário surge e debruça-se sobre a temática do Envolvimento Parental no Jardim de Infância e surge no âmbito de um trabalho de investigação do Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Será garantido o anonimato.

Instruções de Preenchimento

Indique com um X no adequado a opção que traduza a sua opinião.

1. Dados Biográficos

1.1 – Género: Masculino Feminino

1.2 – Idade: ____

1.3 – Habilitações Académicas:

9.º Ano 12.º Ano Bacharelato Licenciatura

Pós Graduação Mestrado Doutoramento

1.4 – Grau de parentesco:

1.5 – Estado Civil:

Solteiro/a Casado/a União de facto Separado/a Divorciado/a

Viúvo/a Outro Qual? _____

1.7- Indique a área da sua atividade profissional:

2. Relação Escola-Família

2.1 - O envolvimento dos pais no jardim de infância é:

Muito Importante Importante Pouco Importante Nada Importante

2.2 – Em que situações costuma comunicar com o educador:

Doença Comportamento Comportamento

Outras. Quais? _____

2.3 –Em que atividades costuma participar no jardim de infância do seu filho:

Reuniões de Pais Dias festivos Palestras Visitas de Estudo

Atividades em Sala Outras. Quais? _____

2.4– Costuma colaborar com as atividades solicitadas pela educadora:

Sempre Algumas vezes Nunca

2.5- É chamado a participar ao nível do projeto lúdico do Jardim de Infância:

Sempre Algumas vezes Nunca

2.6- Disponibiliza-se para participar nas atividades que o levam à sala do seu filho:

Sempre Algumas vezes Nunca

2.7 - De que forma se envolve nas atividades de envolvimento parental:

	Nunca	Às vezes	Sempre
Colabora na recolha de materiais			
Elabora atividades com a criança em casa			
Realiza atividades com a criança no jardim de infância			

Sugere atividades e participa na organização de festas			
Outras. Qual? _____			

2.8 - Conversa com o filho acerca do que se passa no jardim de infância:

Sempre Algumas vezes Nunca

2.9 - Procuram saber informações sobre o seu filho no que concerne aos progressos/dificuldades:

Sempre Algumas vezes Nunca

2.10 - Informa-se junto da educadora para saber quais as aprendizagens que o seu filho necessita, para o poderem ajudar em casa?

Sempre Algumas vezes Nunca

2.11 - Considera que a instituição tem tido iniciativas de qualidade ao nível de envolvimento parental:

Sim Não

Se sim, quais? _____

2.12 - Considera que o seu filho valoriza a sua participação/presença nas atividades promovidas de envolvimento parental:

Sim Não

Se sim, como manifesta? _____

3- Como avalia as estratégias utilizados pelo educador para fazer a comunicação escola-família:

	Nada Importante	Importante	Muito Importante
Horário de atendimento			

Quadro de Informações			
Exposição dos trabalhos das crianças			
Bilhetes Informativos			
Reuniões			
E-mail			
Contacto nos tempos de entrada e saída da criança			
Portefólio ou pasta de trabalhos da criança			
Festas/Palestras			

4 – Que sugestões daria para melhorar a participação dos pais/famílias no jardim de infância:

Verifique se respondeu a todas as questões. Obrigada pela sua colaboração.

Carlota Muge

Apêndice 4 – GUIÃO DOINQUÉRITO AO ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO – 1.º CICLO

O presente questionário debruça-se sobre a temática do Envolvimento Parental no 1ºCEB e surge no âmbito de um trabalho de investigação do Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico a realizar na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Será garantido o anonimato.

Instruções de Preenchimento

Indique com um X no adequado a opção que traduza a sua opinião.

1. Dados Biográficos

1.1 – Género: Masculino Feminino

2.2 – Idade: _____

2.3 – Habilitações Académicas:

9.º Ano 12.º Ano Bacharelato Licenciatura

Pós Graduação Mestrado Doutoramento

2.4 – Grau de parentesco:

2.5 – Estado Civil:

Solteiro/a Casado/a União de facto Separado/a Divorciado/a

Viúvo/a Outro Qual? _____

1.7- Indique a área da sua atividade profissional:

3. Relação Escola-Família

3.1 - O envolvimento dos pais na vida escolar do filho é:

Muito Importante Importante Pouco Importante Nada Importante

3.2 – Em que situações costuma comunicar com a professora do seu filho(a):

Doença Comportamento

Outras. Quais? _____

3.3 – Em que momentos costuma participar na escola do seu filho:

Reuniões de Pais Dias festivos Palestras Visitas de Estudo

Atividades em Sala Outras. Quais? _____

2.4 – Costuma colaborar nas atividades solicitadas pela professora:

Sempre Algumas vezes Nunca

2.5 – É chamado a participar no projeto lúdico que o seu filho vivencia na escola:

Sempre Algumas vezes Nunca

2.6 – Disponibiliza-se para colaborar nas atividades na escola do seu educando:

Sempre Algumas vezes Nunca

2.7 – De que forma se envolve no quotidiano da escola:

	Nunca	Às vezes	Sempre
--	-------	----------	--------

Colabora na recolha de materiais			
Acompanha o seu educando na realização dos trabalhos de casa			
Colabora em atividades promovidas pela escola			
Sugere atividades e participa na organização de festas			
Outras. Qual? _____			

2.8 – Conversa com o filho acerca do que se passa na escola:

Sempre Algumas vezes Nunca

2.9 – Informa-se junto da professora para saber quais as aprendizagens /competências que o seu filho necessita, para o poder ajudar em casa?

Sempre Algumas vezes Nunca

2.10 – Considera que a escola tem promovido iniciativas significativas ao nível do envolvimento parental:

Sim Não

Se sim, quais? _____

2.11 – No decorrer do presente ano letivo, considera que houve mudanças no que diz respeito às atividades de envolvimento parental?

Sim Não

Se sim, quais? _____

2.12 – Considera que o seu filho valoriza a sua participação/presença nas atividades que acontecem na escola:

Sim Não

Se sim, como manifesta? _____

3- Como avalia as estratégias utilizados pela professora para fazer a comunicação escola-família:

	Nada Importante	Importante	Muito Importante
Horário de atendimento			
Quadro de Informações			
Exposição dos trabalhos das crianças			
Bilhetes Informativos			
Reuniões			
E-mail			
Contacto nos tempos de entrada e saída da criança			
Portefólio ou pasta de trabalhos da criança			
Festas/Palestras			

4 – Que sugestões daria para melhorar a relação escola-família:

Verifique se respondeu a todas as questões. Obrigada pela sua colaboração.

Carlota Azevedo

Apêndice 5 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – EDUCADORA DE INFÂNCIA

Bloco I – Dados de Identificação Pessoal e Profissional

1- Qual a sua idade?

50 anos.

2- Quais são as suas habilitações académicas?

Pós-Graduação.

3- Quanto tempo tem de serviço?

26 anos.

4- Há quanto tempo trabalha nesta instituição?

20 anos.

5- Qual a faixa etária do grupo de crianças com que está a trabalhar?

$\frac{3}{4}$ anos.

6- Acompanha este grupo desde quando?

Desde os $\frac{2}{3}$ anos.

Bloco II – Finalidades do Jardim de Infância

7- Sabendo que a família tem um papel simultaneamente complementar no desenvolvimento global da criança, identifique as principais responsabilidades que cabem a cada um destes contextos.

Na minha opinião é dever da escola: oferecer um espaço adequado, seguro, com condições e profissionais competentes que ajudem a criança na sua socialização, desenvolvimento cognitivo e ampliação cultural.

É dever da família: inculcar hábitos, valores e comportamentos (educação).

8- No projeto educativo da sua instituição encontra-se plasmada alguma referência à necessidade de envolvimento parental?

Sim.

9- Os pais tiveram alguma participação na elaboração do projeto educativo?

Sim.

10 - Quais as estratégias que utiliza para fomentar o envolvimento parental com o seu grupo de crianças?

Horário de atendimento	X
Quadro de Informações	X
Exposição dos trabalhos das crianças	X
Bilhetes Informativos	X
Reuniões	X
E-mail	X
Contacto nos tempos de entrada e saída da criança	X
Portefólio ou pasta de trabalhos da criança	X
Festas/Palestras	X

11 - Assinale a(s) estratégia(s) em que os pais colaboram mais?

Colabora na recolha de materiais/ pesquisas	X
Elabora atividades com a criança em casa	X
Realiza atividades com a criança no jardim de infância	X
Sugere atividades e participa na organização de festas	X

Outras. Qual? _____	
----------------------------	--

12 - Considera que a relação escola-família traz desvantagens, se sim quais?

Não.

13 - Para si a presença dos pais na vida do seu filho no jardim de infância é sempre considerada uma situação positiva? Porquê?

Sim ou não, depende um pouco do grupo de crianças e de pais. Por isso é muito importante que exista um entrosamento entre pais e escola e também muitos diálogos.

14 - Na sua opinião, acha que a participação dos pais no quotidiano do jardim de infância influencia o processo de desenvolvimento/aprendizagem das crianças? Porquê?

Sim, pois se os pais se envolverem nesse processo é meio caminho para o sucesso das crianças.

15 - Considera que quando os pais não participam na vida do jardim de infância a criança é afetada no seu desenvolvimento?

Sim, em alguns casos.

Pode referir algum exemplo?

Por exemplo, no presente grupo existe uma criança que devia de ser acompanhada pela terapeuta da fala pois apresenta muitas dificuldades neste campo e o desinteresse na não participação dos pais na escola faz com que a criança não seja acompanhada. Neste preciso momento a criança tem 5 anos, mas está ao nível de uma criança de 3 anos.

16 - É capaz de eleger um momento em que tenha sido relevante a participação dos encarregados de educação no desenvolvimento da criança?

Todos os momentos são importantes, contudo mostrar à criança que a escola e os profissionais são de sua inteira confiança, vão ajudar no desenvolvimento da criança, à medida que a criança também se sente segura.

Bloco III – Estratégias que o educador mobiliza para o envolvimento parental

17 - Que meios de interação utiliza para se relacionar com as famílias?

Todos os meios que achar conveniente, como por exemplo os e-mails, ou reuniões, recados, encontros à entrada e saída, entrega de avaliações, etc.

18 - Em que momentos costuma reunir com os pais e quais as informações que são compartilhadas?

Existe um dia por semana que está definido para atender os pais. Também temos a entrega das avaliações por trimestre. Todas as informações ao nível do desenvolvimento global da criança são compartilhadas, bem como algumas estratégias para contribuir no desenvolvimento global da criança.

19 - Considera que as reuniões de pais são um momento integrante de relação escola-família? Que significado lhe atribui?

Sim, muito importante, uma vez que faz a ponte da relação escola-família, como põem as famílias ao corrente das atividades que a instituição/educadora promove.

20 - O que deveria ou poderia ser feito para a promoção de situações de envolvimento parental?

Muito já é feito, mas pode-se criar sempre mais é preciso criatividade e vontade. Por exemplo, envolver os pais no projeto pedagógico.

	<p>Competências favoráveis e desfavoráveis à participação na vida escolar da criança</p>	<p>f) “colabora na recolha de materiais/pesquisas; elabora atividades com a criança em casa; realiza atividades com a criança no jardim de infância; sugere atividades e participa na organização de festas.” (cfr. apêndice 5)</p> <p>g) “Não” (cfr. apêndice 5)</p> <p>h) “Sim ou não, depende um pouco do grupo de crianças e de pais (...)” (cfr. apêndice 5)</p> <p>i) “Sim, pois se os pais se envolverem nesse processo é meio caminho para o sucesso das crianças.” (cfr. apêndice 5)</p> <p>j) “Sim, em alguns casos.” (cfr. apêndice 5)</p> <p>k) “(...) no presente grupo existe uma criança que devia de ser acompanhada pela terapeuta da fala pois apresenta muitas dificuldades neste campo e o desinteresse na não participação dos pais na escola faz com que a criança não seja acompanhada.” (cfr. apêndice 5)</p> <p>l) “Todos os momentos são importantes” (cfr. apêndice 5)</p>
	<p>Estratégias utilizadas pela educadora para fomentar o envolvimento parental</p>	<p>m) “Todos os meios que achar conveniente (...)” (cfr. apêndice 5)</p> <p>n) “(...)um dia por semana que está definido para atender os pais (...) entrega das avaliações por trimestre. Todas as informações ao nível do desenvolvimento global da criança são</p>

<p>Estratégias que o educador mobiliza para o envolvimento parental</p>		<p>partilhadas, bem como algumas estratégias para contribuir no desenvolvimento global da criança.” (cfr. apêndice 5)</p> <p>o) “(...)faz a ponte da relação escola-família, como põem as famílias ao corrente das atividades que a instituição/educadora promove.” (cfr. apêndice 5)</p> <p>p) “pode-se criar sempre mais é preciso criatividade e vontade (...)” (cfr. apêndice 5)</p>
-------------------------------------------------------------------------	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Apêndice 7- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – PROFESSORA 1.º CICLO

Bloco I – Dados de Identificação Pessoal e Profissional

1- Qual a sua idade?

41 anos.

2- Quais são as suas habilitações académicas?

Licenciatura em professores do Ensino Básico, Variante Educação Visual e Tecnológica e especialização em Educação Especial.

3- Quanto tempo tem de serviço?

14 anos.

4- Há quanto tempo trabalha nesta instituição?

7 anos.

5- Qual o ano de escolaridade com que está a trabalhar?

2.º ano

6- Acompanha esta turma desde quando?

Desde o 1.º ano.

Bloco II – Finalidades do 1.º Ciclo de Ensino Básico

7- Sabendo que a família e a escola têm um papel simultaneamente complementar no desenvolvimento global do aluno, identifique as principais responsabilidades que cabem a cada um destes contextos.

Ambas devem estar atentas a todo o processo de desenvolvimento da criança, sendo ele emocional, cognitivo, social e de aprendizagem.

8- No projeto educativo da sua instituição encontra-se plasmada alguma referência à necessidade de envolvimento parental?

No plano de ação temos o projeto (...) *uma cultura relacional e de Escola*, com o objetivo de fomentar a relação Escola – Família – Comunidade e parcerias, consciencializando para a missão da Escola enquanto instituição educativa de carácter obrigatório.

9- Os pais tiveram alguma participação na elaboração do projeto educativo?

Sim. Um elemento da associação de pais fez parte do grupo de trabalho criado para a elaboração do projeto.

10- Quais as estratégias que utiliza para fomentar o envolvimento parental com a sua turma?

Horário de atendimento	X
Trabalhos de Casa	X
Exposição dos trabalhos dos alunos	
Bilhetes Informativos	X
Reuniões	X
E-mail	X (apenas dois E. Educação)
Contacto nos tempos de entrada e saída da criança	X
Portefólio ou pasta de trabalhos dos alunos	
<u>Festas</u> /Palestras	X

11 -Assinale a(s) estratégia(s) que os pais colaboram mais?

Colabora na recolha de materiais/ pesquisas	
Acompanham os educandos na realização dos trabalhos em casa	X
Colaboram em atividades promovidas pela escola	

	X
Sugere atividades e participa na organização de festas	
Outras. Qual?_____	

12 - Considera que a relação escola-família traz desvantagens, se sim quais?

A Relação Escola-Família não traz desvantagens.

13 - Para si a presença dos pais na vida escolar do seu filho é sempre considerada uma situação positiva? Porquê?

Sim. Pois o partilhar de situações e acompanhamento de ambas as partes em sintonia são sempre uma mais-valia para o processo de aprendizagem e para todo o seu desenvolvimento, muito particularmente em situações onde existem dificuldades de aprendizagem, problemas emocionais e sociais.

14 - Na sua opinião, acha que a participação dos pais no quotidiano da vida escolar influencia o processo de desenvolvimento/aprendizagem do aluno? Porquê?

Influencia muito, pois o aluno sente-se acompanhado e motivado. O acompanhamento em casa é muito pouco, particularmente na realização dos trabalhos de casa. Na nossa realidade é um ponto essencial para a ajuda na aquisição dos conteúdos trabalhados na sala de aula, uma vez que dificuldades são muitas. O aluno na maioria das vezes não consegue realizar os exercícios e não tem ajuda porque os pais não o conseguem fazer, resultando em pouca motivação. Sinto que quando estes trazem os trabalhos feitos, muitas vezes ajudados pelos irmãos mais velhos ficam satisfeitos e muito entusiasmados.

Quando realizamos atividades como apresentação de algum trabalho (peça de teatro, canções...) os alunos ficam muito satisfeitos por verem os pais na escola e se estes ou familiares não comparecem nota-se que a sua situação de fragilidade é vincada, quando existente.

15 - Considera que quando os pais não participam na vida escolar do aluno é afetada no seu desenvolvimento?

O aluno é completamente afetado, principalmente quando existem problemas de aprendizagem ou emocionais.

16 - É capaz de eleger um momento em que tenha sido relevante a participação dos encarregados de educação no desenvolvimento dos discentes?

Quando os discentes têm problemas de autoestima e percebem que os seus Encarregados de Educação estão presentes nos momentos em que são solicitados a participar na vida da escola (feirinha do outono, desfile de Carnaval...).

Bloco III – Estratégias que o professor mobiliza para o envolvimento parental

17 - Que meios de interação utiliza para se relacionar com as famílias?

Contacto diário quando estes trazem os seus educandos; contacto telefónico; via e-mail (apenas com dois encarregados de educação); reuniões de avaliação; notificação por carta; via assistente social em casos limite, quando estes não comparecem, já depois de terem sido notificados por carta.

18 - Em que momentos costuma reunir com os pais e quais as informações que são partilhadas?

Reúno apenas na reunião de acolhimento, no primeiro dia de aulas. Todas as outras são feitas na entrega das avaliações, mas individualmente, uma vez que os assuntos a serem tratados são muitas vezes delicados. Também me diz a experiência que nas reuniões feitas em conjunto uma grande maioria não compreende a informação que lhe pretendo transmitir, estando sempre com pressa e com pouco tempo para dedicar a estes assuntos. Apenas estão preocupados em levar os registos de avaliação para entregar às assistentes sociais e se os seus educandos transitam de ano, mesmo sabendo que muitas vezes os seus conhecimentos não permitem a passagem. Como a escolaridade de uma grande parte dos pais é muito baixa ou inexistente, não sabendo assinar o próprio nome, o facto de os seus filhos saberem ler e escrever minimamente é suficiente para pensarem que estes estão a ter sucesso. Todos estas situações têm de ser bem explicadas individualmente.

19 - Considera que as reuniões de pais são um momento integrante de relação escola- família? Que significado lhe atribui?

A reuniões são de extrema importância, mas neste contexto não há grande participação em grande grupo.

20 - Já referiu que reúne individualmente, considera que encontros individuais com os pais são um momento integrante de relação escola-família? Que significado lhes atribui?

Como referi anteriormente a maior parte das reuniões são realizadas individualmente para melhor comunicação entre professor e encarregado de educação.

21 - O que deveria ou poderia ser feito para a promoção de situações de envolvimento parental?

Um trabalho de educação social com as famílias desde o pré-escolar, ou mesmo anteriormente, com ações de sensibilização, no sentido de perceberem a importância da escola nas suas vidas e principalmente na dos seus filhos.

Bloco IV – Considerações Finais

22 - Considera que há algo mais acrescentar relativamente às considerações que apresentou?

Existência de um maior número de técnicos (educadores sociais, terapeutas, psicólogos...). Os meios no terreno terão que ser mais participativos e ativos. Com estes, criar equipas multidisciplinares colaborativas para uma melhor eficácia na atuação e assim rentabilizar os recursos existentes.

Apêndice 8 – GRELHA DE ANÁLISE DE ENTREVISTA PROFESSORA 1.º CICLO

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo
Perfil do entrevistado	Experiência profissional	<p>a) “14 anos” (cfr. Apêndice 7)</p> <p>b) “2.º ano” (cfr. Apêndice 7)</p> <p>c) “Desde o 1.º ano” (cfr. Apêndice 7)</p>
Finalidades do 1.º CEB	Competências de cada contexto	<p>d) “Ambas devem estar atentas a todo o processo de desenvolvimento da criança, sendo ele emocional, cognitivo, social e de aprendizagem.” (cfr. Apêndice 7)</p> <p>e) “(...) temos o projeto Cercando, uma cultura relacional e de Escola, com o objetivo de fomentar a relação Escola – Família – Comunidade e parcerias , consciencializando para a missão da Escola enquanto instituição educativa de carácter obrigatório.” (cfr. Apêndice 7)</p> <p>f) “(...) Um elemento da associação de pais fez parte do grupo de trabalho criado para a elaboração do projeto.” (cfr. Apêndice 7)</p>

	<p>Meios utilizados pela professora do 1.º CEB e momentos em que os familiares mais participam</p> <p>Competências favoráveis e desfavoráveis à participação na vida escolar da criança</p>	<p>g) “horário de atendimento; quadro de informações; bilhetes informativos; reuniões; e-mail (apenas dois EE); contacto com tempos de entrada e saída das crianças; portefólio ou pasta de trabalhos de casa; festas/palestras.” (cfr. Apêndice 7)</p> <p>h) “acompanham os educandos na realização dos trabalhos de casa; colaboram em atividades promovidas pela escola;” (cfr. Apêndice 7)</p> <p>i) “(...) não traz desvantagens.” (cfr. Apêndice 7)</p> <p>j) “(...) o partilhar de situações e acompanhamento de ambas as partes em sintonia são sempre uma mais-valia para o processo de aprendizagem e para todo o seu desenvolvimento, muito particularmente em situações onde existem dificuldades de aprendizagem, problemas emocionais e sociais.” (cfr. Apêndice 7)</p> <p>k) “Influencia muito, pois o aluno sente-se acompanhado e motivado. (...) Na nossa realidade é um ponto essencial para a ajuda na aquisição dos conteúdos trabalhados na sala de aula, uma vez que dificuldades são muitas. (...) Quando realizamos atividades como apresentação de algum trabalho (peça de teatro, canções...) os alunos ficam muito satisfeitos por verem os pais na escola e se estes ou familiares não comparecem nota-se que a sua situação de fragilidade é vincada, quando existente.” (cfr. Apêndice 7)</p> <p>l) “ (...) completamente afetado, principalmente quando existem problemas de aprendizagem ou emocionais.” (cfr. Apêndice 7)</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>m) “têm problemas de autoestima e percebem que os seus Encarregados de Educação estão presentes nos momentos em que são solicitados a participar na vida da escola (feirinha do outono, desfile de Carnaval...).” (cfr. Apêndice 7)</p> <p>n) “Contacto diário quando estes trazem os seus educandos; contacto telefónico; via e-mail (apenas com dois encarregados de educação); reuniões de avaliação; notificação por carta; via assistente social em casos limite, quando estes não comparecem, já depois de terem sido notificados por carta.” (cfr. Apêndice 7)</p>
<p>Estratégias que o professor mobiliza para o envolvimento parental</p>	<p>Estratégias utilizadas pelo professor 1.º CEB para fomentar o envolvimento parental</p>	<p>o) “Reúno apenas na reunião de acolhimento, no primeiro dia de aulas. (...) entrega das avaliações, mas individualmente, uma vez que os assuntos a serem tratados são muitas vezes delicados. (...) Também me diz a experiência que nas reuniões feitas em conjunto uma grande maioria não compreende a informação que lhe pretendo transmitir, estando sempre com pressa e com pouco tempo para dedicar a estes assuntos. Apenas estão preocupados em levar os registos de avaliação para entregar às assistentes sociais e se os seus educandos transitam de ano, mesmo sabendo que muitas vezes os seus conhecimentos não permitem a passagem (...)” (cfr. Apêndice 7)</p> <p>p) “(...) são de extrema importância, mas neste contexto não há grande participação em grande grupo.” (cfr. Apêndice 7)</p>

<p>Considerações finais</p>		<p>q) “(...) são realizadas individualmente para melhor comunicação entre professor e encarregado de educação.” (cfr. Apêndice 7)</p> <p>r) “Um trabalho de educação social com as famílias desde o pré-escolar (...) com ações de sensibilização, no sentido de perceberem a importância da escola nas suas vidas e principalmente na dos seus filhos.” (cfr. Apêndice 7)</p>
-----------------------------	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	Sugestões do professor de 1.º CEB	“Existência de um maior número de técnicos (educadores sociais, terapeutas, psicólogos...). Os meios no terreno terão que ser mais participativos e ativos. (...) criar equipas multidisciplinares colaborativas para uma melhor eficácia na atuação e assim rentabilizar os recursos existentes.” (cfr. Apêndice 7)
--	-----------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ANEXO 1 - REGISTOS DE ATIVIDADE PROJETO EQauP

a) Celebração do Magusto



EMPLATE FOR THE DESCRIPTION OF PRACTICES ON FAMILY PARTICIPATION

The document can include photos or other audiovisual material to describe the practice

NAME OF THE ORGANIZATION: (Nome da Organização)	Instituição A
CONTACT PERSON(S): (Pessoa(s) de contacto)	Diretora, Coordenadora, Educadores e Auxiliares da instituição.
Which are the goals of the practice? (Quais os objetivos da prática)	Comemorar com as famílias e instituição o dia festivo.
When is the practice used? (Quando a prática é usada)	Promovida pela instituição Dia: 14/11/2016
Where is the practice used? (Onde é efetuada a prática)	Nos campos exteriores do colégio.
What kind of material is used? (Que tipo de material é usado)	Jogos Tradicionais: Sacos, Cordas, Latas, Bolas, Colheres, Batatas
Describe the methodology: (Descrever a metodologia)	Jogos Tradicionais e Lanche ao ar livre
Who are the participants? (Quem são os participantes?)	Crianças e Pais
Describe their roles: (Descrever os papéis)	Pais e Crianças participaram em jogos tradicionais
Conclusion: (Conclusão)	Descrição dos comportamentos As portas da instituição abriram por volta das 14 horas, os familiares das crianças foram acolhidos num átrio exterior, sendo que por volta das 14:25 os familiares

	<p>começaram a dirigir-se aos espaços que estavam destinados para a realização da atividade.</p> <p>Dos familiares presentes apenas duas crianças chegaram quase na hora do lanche (momento de convívio entre famílias)</p> <p>Ao longo que a atividade dos jogos tradicionais foi decorrendo, foi visível o empenho dos familiares das crianças do grupo dos 3/4 anos. Ainda assim foi possível verificar que os familiares da L estavam apenas sentados a observar as outras crianças e suas famílias, é importante salientar que a L foi acompanhada pelos padrinhos que não estão muito familiarizados com as famílias das restantes crianças, ainda assim a educadora e auxiliar foram encoraja-los a participar na atividade.</p> <p>Durante a atividade, presenciei a falta de interesse da mãe e da tia do P em participar nos jogos tradicionais, permaneceram sentadas nas bancadas, enquanto a criança brincava com os colegas e seus familiares.</p> <p>O avô da E mostrou-se muito interessado em participar na atividade, via-se não só o entusiasmo por parte do adulto, mas também por parte da criança, ainda assim é de referir que, enquanto o senhor participava na atividade, a mãe e avó da E apenas registavam os momentos através de uma máquina fotográfica.</p> <p>Foi notório que tanto a S como os seus pais, não estavam envolvidos na atividade, por muito mais que tivessem sido encorajados a participar, apenas se limitaram a “brincar” os três em família (crianças, pai e mãe).</p> <p>O pai da F só após de muita persistência por parte da equipa docente é que decidiu participar na atividade, até ao momento apenas tirava fotografias à filha na realização da atividade com os colegas e outras famílias.</p> <p>No que diz respeito às restantes crianças, foi bem visível o envolvimento e preocupação constante por parte dos familiares na realização da atividade, mostram-se prestáveis com outras famílias e crianças. Através desta postura dos familiares, foi visível os comportamentos positivos por parte das crianças, como empenho, autoconfiança, autoestima e acima de tudo mostravam estar felizes, com a presença da família num contexto escolar.</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

OBS:

Criança	Familiar	Não Participa	Participar Quando é Solicitado	Participa Ativamente Por sua Iniciativa
A	FALTOU	_____	_____	_____
B	FALTOU	_____	_____	_____
C	Mãe e Pai			X
D	Pai e Mãe			X
E	Mãe e Avós			X
F.C	FALTOU	_____	_____	_____
F.S	Pai		X	
G	FALTOU	_____	_____	_____
I.O	FALTOU	_____	_____	_____
I.S	Pai e Mãe			X
L	Pai e Mãe			X
L	Padrinhos	X		
M	Mãe e Pai			X
M	Mãe			X
P	Mãe e Tia			X
S	Mãe e Pai			X
S	Mãe e Pai	X		

b) Confeção de produtos para a feira



TEMPLATE FOR THE DESCRIPTION OF PRACTICES ON FAMILY PARTICIPATION

The document can include photos or other audiovisual material to describe the practice

NAME OF THE ORGANIZATION: (Nome da Organização)	Instituição A
CONTACT PERSON(S): (Pessoa(s) de contacto)	Diretora, Coordenadora, Educadores e Auxiliares da instituição.
Which are the goals of the practice? (Quais os objetivos da prática)	Confeção de produtos para venda num dia festivo. Dia: 6/04/2016
When is the practice used? (Quando a prática é usada)	Promovida pela instituição Dia: 6/04/2016
Where is the practice used? (Onde é efetuada a prática)	Sala dos ¾ anos.
What kind of material is used? (Que tipo de material é usado)	Terra; Vasos; Sementes; Pás; Ancinhos; Água
Describe the methodology: (Descrever a metodologia)	Plantar os vasos para vender numa feira dinamizada pelos pais.
Who are the participants? (Quem são os participantes?)	Crianças e Pais
Describe their roles: (Descrever os papéis)	Crianças: Decoração com tintas os vasos que trouxeram de casa; Pais e Crianças: Plantar as sementes e regá-las.
Conclusion: (Conclusão)	A atividade iniciou logo às 9h da manhã. Os pais chegaram à sala e foram acolhidos com duas canções cantadas pelas crianças. Depois disto, cada criança pegou no seu vaso que já tinha decorado na semana transata e foi plantar a semente com o seu familiar. Não foi preciso muita explicação da atividade, pois os pais já estavam ao corrente do processo da atividade, antes de esta iniciar. Apenas os familiares do A e do G

	<p>é que não estiveram presentes. O G pediu à auxiliar para fazer de mãe dele para plantar o vaso com ele, até ao momento de realizar atividade notava-se uma enorme irritabilidade por parte da criança através dos seus comportamentos agressivos para com os colegas, mostrando ser desagradável com os familiares dos colegas. No momento da realização da atividade, o G mostrava-se envolvido na realização da mesma, ainda assim mostrava comportamentos agressivos. O A fez atividade com a auxiliar, mostrando-se envolvido com um comportamento adequado, não se mostrando perturbado pela ausência dos seus familiares.</p> <p>Em relação às restantes crianças, foi visível o envolvimento das famílias no decorrer da atividade, estas crianças mostraram comportamentos de autoconfiança, autoestima, predisposição para atividade, era evidente o sorriso das crianças.</p> <p>Depois da atividade, as crianças quiseram mostrar aos pais como funcionava a nova área da sala, a felicidade das crianças e o envolvimento dos pais era tanto que tanto as famílias e as crianças brincaram ao faz de conta na nova área da sala. Foi notória a predisposição para as atividades/brincadeiras que as crianças mostraram, durante o resto do dia.</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

OBS:

Criança	Familiar	Não Participa	Participa Quando é Solicitado	Participar ativamente por sua iniciativa
A	FALTOU	_____	_____	_____
B	Mãe			X
C	Mãe			X
D	Pai			X
E	Mãe			X
F.C	Mãe			X
F.S	Mãe			X
G	FALTOU	_____	_____	_____

I.O	Mãe			X
I.S	Mãe			X
L	Pai			X
L	Pai e Mãe			X
M	Mãe			X
M	Mãe			X
P	Mãe			X
S	Mãe			X
S	Mãe			X

Fotografias:



Figura 1 - I com a mãe a realizar atividade



Figura 2 - M com avó a realizar atividade



Figura 3 - C a realizar atividade com a mãe



Figura 4 - Auxiliar com o G a realizar atividade



Figura 5 L com o pai com o trabalho final



Figura 6 - P com a mãe a mostrar o trabalho final

c) Confeção de produtos para a feira



TEMPLATE FOR THE DESCRIPTION OF PRACTICES ON FAMILY PARTICIPATION

The document can include photos or other audiovisual material to describe the practice

NAME OF THE ORGANIZATION: (Nome da Organização)	Instituição A
CONTACT PERSON(S): (Pessoa(s) de contacto)	Diretora, Coordenadora, Educadores e Auxiliares da instituição.
Which are the goals of the practice? (Quais os objetivos da prática)	Confeção de produtos para venda num dia festivo; Dia: 11/05/2016
When is the practice used? (Quando a prática é usada)	Para a preparação de produtos para venda numa feira dinamizada pelos pais.
Where is the practice used? (Onde é efetuada a prática)	Sala dos ¾ anos.
What kind of material is used? (Que tipo de material é usado)	Bacias; Tabuleiro; Forno; Rolo da massa; Formas cortantes; Panela; Fogão; Facas; Farinha; Açúcar; Peras; Manteiga;
Describe the methodology: (Descrever a metodologia)	Confecionar produtos para venda neste caso, compota de pera e bolachas de manteiga.
Who are the participants? (Quem são os participantes?)	Crianças e Pais
Describe their roles: (Descrever os papéis)	Pais e Crianças: confeccionar doce de pera e bolachas de manteiga; Pais: cortam a fruta e amassam a massa das bolachas; Crianças: dão forma à massa com as diferentes formas cortantes.
Conclusion: (Conclusão)	A atividade iniciou por volta das 9 horas na sala dos ¾ anos. Ao chegar à sala os familiares das crianças já tinham à sua disposição os materiais que seriam necessários para a realização da atividade. Uma vez que seriam confeccionados produtos diferentes, foi pedido aos familiares das crianças que se dividissem pelos dois postos de trabalho que estavam na sala. Foi

	<p>notório que esta divisão não foi coerente, visto que a maior parte dos familiares questionaram a criança para qual dos postos queria ir e como era de esperar a maior parte das crianças quis ir fazer as bolachas de manteiga. Apenas os pais da L se disponibilizaram para fazer a compota de pera. Durante a confeção destes dois doces, foi notório que alguns familiares apenas observaram as crianças, sendo necessário o apelo para se envolverem na atividade, no entanto as crianças vinculadas a esses familiares mostravam-se satisfeitas com a presença da família mesmo esta não estando envolvida a 100% na atividade. No entanto, é visível na tabela de observação que a maioria dos pais esteve envolvido por vontade própria na atividade, é de salientar que quem acompanhou a S e o L foram as avós, sendo que a avó do L mostrava vontade, interesse e predisposição para ajudar em todos os processos da confeção das bolachas. Na presente atividade, o pai do G esteve presente, foi visível que o pai apenas se envolveu quando necessário, no entanto é de salientar que com a presença do progenitor o G mostrou um comportamento calmo, enorme envolvimento na atividade e acima de tudo mostrava estar feliz, no fim da atividade foi mostrar ao pai o funcionamento da nova área da sala assim como algumas brincadeiras do faz de conta.</p> <p>Em relação a resto do grupo, foi visível a vontade e a predisposição que o grupo mostrou perante a confeção das doçarias, assim como era notável a felicidade de cada uma das crianças do grupo.</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

OBS:

Criança	Familiar	Não Participa	Participa Quando é Solicitado	Participa
A	Pai		X	
B	Mãe			X
C	Mãe			X
D	Mãe			X
E	Mãe			X
F.C	Pai		X (atrasado)	
F.S	Pai e Mãe	X (10 MINT)		

G	Pai		X	
LO	Mãe			X
LS	Pai		X	
L	Avó			X
L	Pai e Mãe			X
M	Mãe			X
M	Mãe			X
P	Mãe			X
S	Avó		X	
S - FALTOU	FALTOU	_____	_____	_____

Fotografias:



Figura 7 Crianças com uma avó a realizar atividade



Figura 8 Crianças e seus familiares na confecção de bolachas



Figura 9 Confeção de bolachas



Figura 10 I a colocar as bolachas no tabuleiro



Figura 11 Pais e crianças a confeccionar doce de pera



Figura 12 E a fazer bolachas

d) Feira da Primavera



TEMPLATE FOR THE DESCRIPTION OF PRACTICES ON FAMILY PARTICIPATION

The document can include photos or other audiovisual material to describe the practice

NAME OF THE ORGANIZATION: (Nome da Organização)	Instituição A
CONTACT PERSON(S): (Pessoa(s) de contacto)	Diretora, Coordenadora, Educadores e Auxiliares da instituição.
Which are the goals of the practice? (Quais os objetivos da prática)	Feira em família venda da confeção dos produtos Dia: 14/05/2016
When is the practice used? (Quando a prática é usada)	Para angariação de dinheiro para uma associação de apoio às crianças refugiadas.
Where is the practice used? (Onde é efetuada a prática)	Espaços interiores e exteriores do colégio.
What kind of material is used? (Que tipo de material é usado)	Mesas; Toldos; Produtos confeccionados pelos pais e crianças; Brinquedos antigos; Aparelhagem.
Describe the methodology: (Descrever a metodologia)	Na presente atividade os pais é que dinamizaram e decoraram o posto de venda dos produtos que em outros momentos tinham confeccionado com os seus filhos.
Who are the participants? (Quem são os participantes?)	Crianças, Pais, Familiares e Amigos;
Describe their roles: (Descrever os papéis)	Pais e Crianças: Venda de Produtos.
Conclusion: (Conclusão)	A presente atividade iniciou por volta das 10 horas da manhã de sábado. O objetivo era serem os pais a montar o posto de venda dos produtos que já tinham confeccionado com os filhos. Apenas a mãe do L, M, da S e da B é que compareceram para montar o posto de venda. A feira iniciou às 14:30. sendo que havia uma escala de horários para uma melhor gestão do tempo de trabalho de cada familiar. Foi notória a

	<p>enorme adesão dos familiares a esta atividade, foi também evidente a boa relação que existe entre este grupo de pais com o corpo docente da instituição. É importante salientar que mesmo em dia de aniversário do M a família marcou presença na atividade assim como esteve inteiramente envolvida na mesma. Também a mãe da B esteve presente e participou na atividade com bastante empenho, mesmo sem a presença da filha. Mais uma vez, é de salientar que o pai da F apenas observou o que o rodeava, não mostrando vontade de participar na venda dos produtos, no entanto comprou alguns dos artigos que estavam à venda na banca da sala dos 3/4 anos. Tal como o pai da F mais uma vez os padrinhos da L voltaram a ser os familiares que acompanharam à feirinha da escola, também estes apenas observaram o que os rodeava, sendo que quando a L lhes pedia alguma coisa eles, concediam-lhe o pedido.</p> <p>Nesta atividade, notava-se grande excitação por parte das crianças, pois talvez por ser um dia em que não é habitual encontrarem-se no contexto escolar. É de referir que a mãe da C foi a protagonista de um leilão, conseguindo com as suas palavras gentis e simpáticas vender todos os bolos que estavam destinados ao leilão. Em suma, considero que o à vontade das famílias para com o corpo docente e outras famílias deve-se, aos diversos momentos de atividades promovidas pela instituição, onde o principal objetivo sempre foi envolver as famílias na comunidade escolar.</p> <p>Mais uma vez alegria e felicidade das crianças eram totalmente visíveis.</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

OBS:

Criança	Familiar	Não Participa	Participa Quando é Solicitado	Participa ativamente por vontade própria
A	FALTOU	_____	_____	_____
B	Mãe			X
C	Mãe e Pai			X
D	Mãe e Pai			X
E	Mãe e Avós			X

F.C	FALTOU	_____	_____	_____
F.S	Pai	X		
G	FALTOU	_____	_____	_____
IO	Mãe			X
IS	Mãe e Pai			X
L	Mãe e Pai			X
L	Padrinhos	X		
M	Mãe e Pai			X
M	Mãe			X
P	Mãe			X
S	Mãe e Pai			X
S	Mãe			X

Fotografias:



Figura 13 Pais e crianças nos jogos tradicionais



Figura 14 Venda de produtos



Figura 15 Venda de produtos



Figura 16 Venda de produtos



Figura 17 Leilão de bolos dirigido pelos pais



Figura 18 Venda de produtos

ANEXO 2 – REGISTOS DE OBSERVAÇÃO

Registo de Observação 1 (RO1)

Data: 14/11/2015

No dia já mencionado, realizou-se uma atividade com a finalidade de festejar o dia do Magusto. Para tal, foi organizada uma tarde temática onde os pais poderiam brincar e divertir-se com as crianças e, posteriormente, conviver com as outras famílias.

As atividades iniciaram as 15:00h. À medida que os pais/familiares das crianças iam chegando, estas dirigiam-se para o campo de jogos que está inserido num recreio exterior coberto, nele estavam instalados em diferentes espaços diversos jogos tradicionais como: Corrida de Sacos; Jogo da Lata; Jogo da Corda; Jogo do Pião.

Durante uma hora e meia, os pais tiveram a oportunidade de brincar com os seus educandos assim como com as outras famílias e o corpo docente. Foi possível constatar que nem todas as crianças da sala dos $\frac{3}{4}$ anos compareceram ao evento de 17 crianças, apenas 10 estiveram presentes e dessas 10 apenas a L. não teve como companhia os pais, mas sim a tia e o padrinho. Assim sendo, a estagiária apercebeu-se de que estes não se sentiam integrados no ambiente que estava a ser vivido pelas restantes famílias, mas nada disso interferiu no envolvimento em que a criança mostrava durante a realização dos jogos, ainda assim foi possível constatar que a E. para além da presença da progenitora contou também com a presença dos avós paternos. Apenas os pais da S. mostraram ainda não se sentirem integrados no grupo de famílias das crianças em questão pois a S. apenas queria brincar com os pais fora do alcance das outras crianças e corpo docente, este comportamento deve-se ao facto de esta criança apenas ter ingressado na presente instituição no início do ano letivo.

Quanto às restantes famílias, foi possível verificar que todas estavam envolvidas nas atividades promovidas pela instituição dado que, durante o momento destinado à brincadeira, os pais divertiam-se com as crianças assim como com as outras famílias e restante corpo docente. Foi possível constatar também que estes pais se sentiam totalmente à vontade com as outras famílias, este feito deve-se à presença do filho mais velho na instituição.

Terminado o tempo de diversão, as famílias dirigiram-se para o recreio exterior para um lanche onde a presença da castanha era inevitável. Para acompanhar, tinham sumos que anteriormente tinham trazido de casa. É de referir que todas as crianças que participaram no evento trouxeram as castanhas e sumos que foram pedidos, é de evidenciar que também aconteceu crianças trazerem os alimentos e bebidas pedidas e não aparecerem no dia. Durante este momento, foi evidente o convívio entre famílias e os profissionais de educação.

No fim do dia, foram diversas as palavras de apreço pelos familiares das crianças perante o corpo docente. Como: “Parabéns, foi um dia bem passado.”; “Temos que repetir estes momentos.”; “Estava tudo muito bem organizado parabéns.”

Registro de Observação 2 (RO2)**Data:** 10/12/2015

No dia já mencionado, a I. entra na sala com um saco cheio de biscoitos e diz: “Meninos fiz estes biscoitos com a minha avó e é para comermos todos.”

Na hora do lanche a I. distribuiu os biscoitos por todas as crianças e adultos da sala.

Comentário da estagiária finalista:

A I. é uma criança que, em atividades de envolvimento parental, conta sempre com os familiares, mais propriamente, pais, avós e irmão.

Registo de Observação 3 (RO3)

Data: 17/12/2015

No dia já mencionado, enquanto a auxiliar ia colocando os lanches que as crianças trazem de casa em cima da mesa, deparou-se com um *Tupperware* na lancheira da S. onde constavam biscoitos de manteiga com formas alusivas ao Natal. Dentro da tampa, vinha um recado escrito pela mãe da S. que dizia: “Para os miúdos e graúdos da sala dos 3/4 anos com os votos de um Feliz Natal.”



Figura 19 - Recado da mãe da S

com os votos de um Feliz Natal.”

Após terminarem de lanchar, a S. foi distribuir os biscoitos por cada criança e por cada adulto. Mostrava-se satisfeita por estar a dar aos colegas os biscoitos que tinha feito juntamente com a mãe e a irmã.

Comentário da estagiária finalista:

A S. é uma criança que, por norma, tem sempre os pais envolvidos nas atividades de EP, salientando mais a presença da figura materna. Também em diversos momentos, a S. contou com a presença da avó materna. Com

este registo, podemos perceber que a mãe da S. mesmo não podendo estar presente em todas as atividades, esta preocupa-se em envolver-se na rotina diária da filha.

Registo de Observação 4 (RO4)

Data: 17/12/2015

No dia já mencionado, a E. trazia um na mão. Depois de alguma birra para deixar a mãe e entrar na sala, sentou-se no lugar que é destinado à mesma e, na hora do acolhimento, depois de todas as crianças insistirem para que mostrasse o que continha no saco, a E. lá mostrou.

Era um presépio reciclado, depois de mostrar a cada criança individualmente, surgem as perguntas curiosas do grupo: “Quem fez?”; “Como fizeste o bebé?”; “É para a nossa sala?” Após estas questões, foi necessário a estagiária colocar ordem na sala, pois as crianças ficaram muito agitados, o caos instalou-se e assim a E. não conseguia

responder às questões dos colegas.

A estagiária sentiu a necessidade de realizar com as crianças o jogo do lobo, uma das estratégias para os preparar para uma atividade, desta vez, foi posta em prática para os colocar mais calmos e atentos. Terminado



Figura 20 Presépio da mãe da E

o jogo, fizemos um jogo de pergunta-resposta. A criança que queria questionar a E. colocava-se de pé e fazia a questão com um microfone, de seguida a E. respondia também de pé com a posse do microfone improvisado.

Tudo correu com normalidade e facilmente as crianças perceberam que aquele presépio tinha sido feito com materiais reciclados, quem o construiu foi a E. o irmão e a mãe e também que ficaram a perceber que o objetivo do mesmo era fazer parte da decoração natalícia da sala dos 3/4 anos

Comentário da estagiária finalista:

A mãe da E. é bastante envolvida não só nas atividades promovidas pela instituição, mas também se envolve na vida escolar da filha por vontade própria. Este é apenas um registo dos diferentes momentos em que a mesma se envolve.

Registo de Observação 5 (RO5)

Data: 18/12/2015

No dia já mencionado, pelas dezoito horas e trinta minutos. iniciou-se a festa de Natal juntamente com a sala dos três anos. O salão estava repleto de gente, nomeadamente familiares das crianças que iam atuar. O dia foi diferente dos outros, as crianças não tiveram as atividades habituais como música e expressão motora, ensaiaram os últimos pormenores durante a manhã e durante a tarde muitas das crianças foram para casa, descansar.

Apenas duas das dezassete crianças permaneceram na instituição até à hora do início da festa. Às cinco horas e trinta minutos, as outras crianças chegavam à sala para acertar os pormenores das roupas ou da maquiagem.

Os pais estavam curiosos, fotografavam os bastidores, as crianças mostravam-se felizes, agarravam-se aos colegas para registar aquele momento através de uma fotografia tirada pela mãe.

Mas o G. não tinha nenhum familiar ali presente, então tentava sempre chamar a atenção dos outros pais.

A festa iniciou os pais riam, batiam palmas, fotografavam, filmavam e até cantaram. A festa terminou com as crianças e os pais a cantarem uma música. Os pais liam a letra, através da tela que constava no palco, as crianças mostravam saber a letra de cor e, no final, cada criança dirigia-se ao seu progenitor, mas o G. não tinha ninguém que o estivesse a ver. Então, permaneceu junto do corpo docente, mostrou estar triste, mas não desistiu e continuou na luta de encontrar a mãe.

Até que ainda tocava a música o último refrão da música e, ao longe, aparece a mãe do G. em passo apressado, dizendo ao filho que sempre esteve na festa.

Comentário da estagiária finalista:

Com este registo, podemos constatar que todos os familiares compareceram na festa de Natal, sendo que apenas a mãe do G. chegou atrasada. Assim sendo, posso constatar que este atraso se deve à atividade profissional.

Registo de Observação 6 (RO6)

Data: 02/2016

Durante o mês de fevereiro, foram várias as pesquisas que as crianças realizaram com as famílias em casa no âmbito do projeto de sala. Inicialmente, as crianças fizeram



Figura 21 L e a sua pesquisa

uma pesquisa alargada acerca do tema “O comboio”, depois de realizarem as pesquisas em casa, durante este mês as crianças iam apresentando cada um a sua. Mas, infelizmente, nem todas as crianças trouxeram a pesquisa que teria sido solicitada.

Como tudo, conseguiu-se constatar que existem as pesquisas mais elaboradas e outras

menos

trabalhadas, o que dá para perceber quais os pais que se implicam mais ou que se implicam menos nas atividades solicitadas pela educadora/estagiária.



Figura 23 D e a sua pesquisa

Com o decorrer do projeto, as crianças



Figura 22 F e a sua pesquisa

começaram a ter mais dúvidas e novamente foram pesquisar para casa e, mais uma vez, muitas das pesquisas não foram feitas.

Comentário da estagiária finalista:

Com este registo de observação, consegui verificar que muitas das crianças que não realizaram as pesquisas, são aquelas que os pais não comparecem às atividades promovidas pela instituição.



Figura 24 Pesquisa da E

No dia já mencionado, após o acolhimento a E. fez a sua apresentação da pesquisa que tinha realizado com a família em casa.

Depois de toda a teoria, a E. referiu que trouxe uma cartolina para as crianças pintarem para decorar a sala que havia ter sido feita pela mãe. Para além disso, trouxe folhas individuais para cada criança pintar o seu próprio comboio.

Comentário da estagiária finalista:

Tal como já foi dito, a mãe da E. envolve-se por vontade própria. Assim sendo, após ter realizado a pesquisa com a filha, disponibilizou desenhos da pesquisa para todas as crianças do grupo, para cada um colorir a seu gosto.

Registo de Observação 9 (RO9)**Data:** 02/03/2016

No dia já mencionado, a C. entra na sala e pede à educadora para ir à porta pois sua mãe queria falar com a mesma. Após a conversa entra a mãe da C. e a educadora, a C. apresenta aos amigos o trabalho que tinha feito em casa com a mãe no âmbito da dinâmica do “Tesouro” promovida pela educadora, ao longo do ano.

A C. depois de apresentar o seu trabalho onde o tema era “Os amigos” anunciou que, na sexta-feira, a sua mãe ia e o seu tio iam à sala dos $\frac{3}{4}$ anos para ensinar aos colegas a música dos amigos.

É notório o interesse desta mãe em sugerir e envolver-se em atividades não sugeridas pela instituição/educadora.

Comentário da estagiária finalista:

Após este registo, pode constatar-se que a mãe da C. tem vontade em envolver-se nas atividades, assim como sugerir atividades na rotina diária da filha.

Registo de Observação 10 (RO10)

Data: 04/03/2016

No dia já mencionado, tal como combinado anteriormente com a educadora, a mãe da C. entrou na sala juntamente com o tio da C.



Figura 25 C e familiares apresentar a música

Antes de iniciarem a atividade, a mãe da C. distribuiu por cada pessoa um panfleto com a letra da música que tinham composto com o irmão, sendo que o panfleto das crianças continha imagens para que fosse mais fácil estas

interpretarem a canção.

À medida que a mãe da C. cantava a música, mostra as imagens para as crianças associarem à palavra correta. Foi visível a preparação prévia que a mãe da C. fez.

Foi uma atividade que correu muito bem. É importante referir que a C. não mudou o seu comportamento com a presença da família na sala. Inicialmente, mostrou-se envergonhada, mas depressa se mostrou feliz, entusiasmada enquanto cantava a canção. Na hora da família ir embora, a C. deu um beijinho a cada familiar e permaneceu calma e tranquila.

Comentário da estagiária finalista:

Com este registo de observação, pode verificar-se o envolvimento da mãe e do tio da C. Para além de sugerir atividade, a mãe da C. preocupou-se em levar material, para mimar a música, assim como a letra para os adultos.

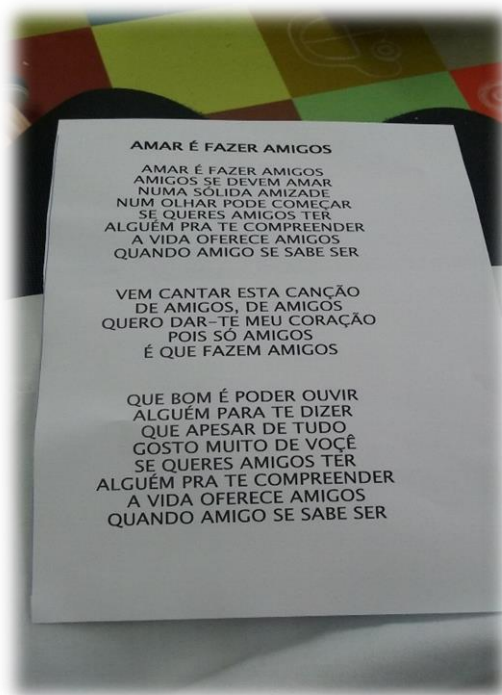


Figura 26 Letra da música "Amizade"

Registro de Observação 11 (RO11)

Data: 6/04/2016

No dia já mencionado, foi realizada uma atividade no JI com a presença dos pais, surge no âmbito do projeto EQuaP. O objetivo da atividade era semear uma planta num vaso que, anteriormente, tinha sido decorado ao gosto de cada criança, para, posteriormente, ser vendido numa feira que iria ser realizada pelos familiares das crianças do JI.

Assim sendo, observei que a maior parte dos pais das crianças estiveram presentes, sendo que algumas crianças contaram com a presença dos dois progenitores, outras apenas com a presença de um e até outras que contaram com outro familiar, mais propriamente avó.



Figura 26 Realização da atividade

Às nove da manhã do presente dia, as crianças entraram com os pais na sala. Ao seu dispor, tinham os vasos e o material para fazer a plantação (instrumentos de jardinagem, terra e semente). Juntamente com os familiares, as crianças realizaram todo o processo da plantação.

Foi visível o envolvimento dos familiares. No decorrer da atividade, mostraram-se bastantes ativos.

Enquanto as crianças realizavam a atividade, a criança G. veio pedir à auxiliar se o podia ajudar a plantar o seu vaso pois os seus familiares não estavam presentes. Ao realizar a atividade, a criança mostrava-se feliz, o que nada faria prever o comportamento que mais à frente será descrito.



Figura 27 P a mostrar atividades realizadas no âmbito do trabalho de projeto

Após terminar a presente atividade, os familiares foram brincar com as crianças para o comboio da sala que surgiu no âmbito do trabalho de projeto, que foi construído pelos familiares e crianças. Depois de muitas fotografias e brincadeiras, os pais foram embora e o dia correu normalmente, sem nenhum comportamento anormal.

No final do dia, quando a mãe do G. o veio buscar, a criança dirige-se à mãe a chorar compulsivamente, sem explicar o porquê desse mesmo comportamento. Após várias perguntas dirigidas à criança, esta respondeu que estava assim porque a mãe não tinha estado presente na plantação dos vasos. A mãe explicou à criança que

não tinha estado presente devido à sua atividade profissional. A criança pediu à mãe para nunca mais faltar a estes momentos pois referiu ser “sempre o mesmo sem os familiares”.



Figura 28 Auxiliar a realizar atividade com o G

Comentário da estagiária finalista:

Com este registo de observação, pode verificar-se a diferença de comportamentos entre as crianças que tiveram os pais presentes na atividade e as que não tiveram, como foi o exemplo do G.

Registo de Observação 12 (RO12)

Data: 11/05/2016

No dia já mencionado, no âmbito do projeto EQuaP, realizou-se uma atividade com as famílias na sala. Às oito e quarenta e cinco, as crianças entraram na sala juntamente com os pais, não estavam todas as crianças presentes à mesma hora. Mas a atividade tinha que dar início pois havia pais que não poderiam estender-se muito mais,

devido ao horário da sua atividade profissional.

A sala estava dividida em dois postos: o posto das bolachas de manteiga e o posto da compota de pera.



Figura 28 Confeção do doce de pera

Os pais dividiram-se entre os dois postos, a maior parte foi para as bolachas de manteiga pois eram conduzidos pelos gostos dos próprios filhos, outros influenciavam as crianças para ir para o posto com menos gente, pois no final acabavam todos por conseguir fazer bolachas.



Foi visível que muitos pais e crianças apenas chegaram a meio da atividade, mas, para que estivessem todos envolvidos na atividade, foram fornecidos mais materiais para a realização da compota e bolachas. Assim todos tiveram as mesmas oportunidades de se envolver na atividade que decorria.

Durante este momento, foi visível que apenas dois familiares não eram pai ou mãe, duas das dezassete crianças contavam com ajuda das avós para esta atividade.

Ainda assim, houve um pai que, ao levar o seu filho à sala, ficou surpreendido com o aparato pois não sabia do que se passava. Mostrou-se indisponível para entrar na

sala e realizar atividade com o seu educando, mas, depois de tanta insistência, por parte da auxiliar, lá entrou e realizou a mesma junto do filho que mostrou estar feliz com a presença do progenitor.

Apenas duas crianças continham a presença dos dois progenitores, no entanto os pais da F. foram embora sem dar uma explicação à criança e, quando reparei, esta chorava compulsivamente sem explicar o porquê deste comportamento até que a estagiária o questionou: “F. o que se passa, por que é que estás a chorar?” a F. responde: “Os meus papás foram embora e não me disseram nada nem um beijinho me deram.” A estagiária tenta apaziguar os sentimentos das crianças, explicando que os pais tinham ido trabalhar e, faz-lhe companhia para lavar a cara e, de seguida, voltam à sala e dirigem-se ao posto das bolachas onde as duas juntas realizam atividade. Depois desta situação, os pais que tinham que ir embora iam deixando as crianças junto da estagiária para que estas não sentissem tanto a “perda” dos pais naquele momento.

É importante referir que foi a única atividade em que se constata a presença dos familiares do G. Ele estava radiante ao realizar as atividades. Depois deste feito, ainda mostrou ao pai tudo o que estava na sala, os trabalhos que tinha feito assim como o funcionamento do comboio da sala. Mostrou-se predisposto a novas aprendizagens.

Foi visível que todos os pais estavam inteiramente envolvidos na realização da atividade assim como se disponibilizaram de imediato para fazer parte da organização da feira que se ia realizar no fim de semana, pois os produtos que haviam sido confeccionados eram para vender na feira da família.

Registo de Observação 13 (RO13)

Data: 15/05/2016



Figura 30 S com a mãe nos jogos tradicionais

No sábado, dia quinze de maio de dois mil e seis, marcava no relógio onze horas da manhã quando apenas três dos dezassete pais entram na instituição para preparar a feira da família.

Foi totalmente visível o envolvimento total destas mães, acartaram mesas, cadeiras, artigos para vender. Após estar tudo pronto, estas mães foram almoçar para voltarem às duas horas para iniciar a venda dos produtos que tinham sido confeccionados pelas crianças e suas famílias.

Eram duas horas da tarde quando as

famílias das crianças do JI começaram a chegar à instituição.



Figura 31 Venda de produtos

Cada família era encarregue de ficar uma hora numa barraca específica, a distribuição das barracas pelas famílias já tinha sido previamente estabelecida durante a semana.

Das dezassete crianças, apenas onze compareceram na feira, mas é importante referir que houve uma mãe que foi uma hora para o posto combinado mesmo não tendo a filha com ela.

É de referir que três das crianças apenas tiveram a presença da mãe e um apenas a presença do pai, sendo que as restantes sete crianças contaram com a presença dos dois progenitores e irmãos.

Foi uma atividade que deu para perceber que os pais se envolveram totalmente, não só no dia da feira como também nas atividades anteriores.

Comentário da estagiária finalista:

Com este registo, é possível verificar que todo o empenho destas famílias se deve aos momentos de EP que a instituição A promoveu ao longo do ano.

Registo de Observação 14 (RO14)

Data: 22/11/2016

No dia vinte e dois, já antes de iniciar a aula, a professora estagiária questionou o aluno A qual o motivo da falta no dia anterior. Este referiu que não foi à escola porque a mãe adormeceu. Assim como o A foi questionado, também à aluna S foi pedida uma justificação do motivo da falta do dia anterior, a S referiu que faltou porque tinha ido para a esquadra da polícia, porque, no dia anterior, tinha havido “barulho” com o tio que tinha fugido com a filha. Durante este relato, o comportamento da S era de forma tranquila, visto que é uma situação repetitiva.

Comentário da estagiária finalista:

Com este exemplo de registo, pode verificar-se o desleixo dos pais de ambos os alunos, dado que não é a primeira vez que o aluno A dá a mesma justificação.

Registo de Observação 15 (RO15)

Data: 21/11/2016

No dia já mencionado, antes de iniciar a aula os alunos S, D e L entregaram à professora a autorização e o dinheiro para a sessão fotográfica. Após entregarem a circular, foi notável que os pais não reconhecem o sítio onde têm que assinar, visto que assinam onde supostamente é a data ou o nome do educando.

Comentário da estagiária finalista:

Com este registo, podem confirmar-se os dados mencionados na caracterização das famílias da instituição B que são informações de carácter verdadeiro, pois aqui verifica-se a analfabetização dos encarregados de educação.

Registo de Observação 16 (RO16)

Data: 16/11/2016

No dia dezasseis de novembro de dois mil e seis, a mãe do M dirigiu-se à escola no término das atividades letivas com o objetivo de justificar as faltas do seu educando, mas como não possuía de nenhuma justificação nem da caderneta do aluno, pediu à professora titular para escrever num papel a justificação de o aluno ter faltado e o encarregado de educação apenas assinava. Como esta situação está a tornar-se repetitiva, a professora não facilitou e chamou a atenção da importância da caderneta do aluno, implorando-lhe a compra de uma, mas a senhora não se mostrou disponível para ir comprar, justificando que não tinha tempo de ir ao agrupamento, visto ter que tratar dos cinco filhos sozinha. Pediu à professora para ser ela a comprar a caderneta, tendo a professora referido que tinha que ser a própria a adquirir a caderneta do seu educando.

Comentário da estagiária finalista:

Através desta observação, podem cruzar-se os dados com a caracterização das famílias da instituição B e perceber que a constituição do agregado familiar é bastante elevada.

Registo de Observação 17 (RO17)

Data: 15/11/2016

No dia já mencionado, no decorrer da atividade da disciplina de matemática, onde o conteúdo abordado era o dinheiro, foi realizada uma “feira”, para que os alunos pudessem ter contacto com problemas e situações onde utilizassem o dinheiro. No fundo, foi recriar situações do dia a dia.

Durante a atividade, um aluno vendia o produto. Este aluno era encarregue de dar preço aos produtos, o outro aluno com amostras de dinheiro tinha que pagar o produto visto que, se desse mais dinheiro que o valor total da compra, o “vendedor” teria que fazer o troco.

No decorrer da atividade D, referiu qual o pregão que a mãe utiliza nas feiras exemplificando “é cinco euros, é dois euros” e a L disse “ a minha mãe vende todos os perfumes a cinco euros”. Depois deste momento, todos os alunos que são filhos de vendedores quiseram mencionar quais os produtos que os pais vendiam.

Os pais da G vendem sapatilhas assim como os pais do A, os da D vendem meias e cuecas, os da L produtos de beleza e perfumes os da R guarda-chuvas e a mãe do M vende roupa.

Comentário da estagiária finalista:

Pode verificar-se, através deste registo, que a maioria dos pais da turma do 2.º ano são vendedores ambulantes. Pode, assim, considerar-se que todas aquelas crianças têm contacto com o dinheiro e sabem como lidar com o mesmo. A maior parte destes alunos passa o seu tempo livre nas feiras com os pais.

Registo de Observação 18 (RO18)

Data: 31/10/2016

No dia já mencionado, a mãe do L dirigiu-se à escola durante a hora do intervalo, para entregar o bolo de aniversário e um sumo para que o filho tivesse a oportunidade de festejar o aniversário com os colegas. Na hora de cantar os parabéns, o L foi chamar as primas às diferentes salas do 1.º e 3.º ano.

Comentário da estagiária finalista:

É de salientar que a mãe do L se preocupou em lhe proporcionar uma festa de aniversário com os colegas de turma e com os familiares que frequentam a mesma escola.

Registo de Observação 19 (RO19)

Data: 14/11/2016

No dia já mencionado, o F, quando entrou na sala, dirigiu-se à professora assim como à professora estagiária e referiu que a mãe comprara um saco de bombons, para distribuir pelos colegas e pelas professoras. Antes do intervalo, o F distribuiu os chocolates e, enquanto isso, mencionava que era um mimo de Natal.

Comentário da estagiária finalista:

Durante as vivências de estágio, foi visível que a encarregada de educação do F sempre entregou as circulares, como o dinheiro que tenha sido solicitado para fins lúdicos, como visitas de estudo. Ainda assim, envolveu-se com a escola ao enviar pelo filho os chocolates para toda a turma.

Registo de Observação 20 (RO20)

Data: 25/10/2016

No dia já mencionado, após o almoço, a professora resolveu um momento para resolver um problema que teria acontecido no dia anterior, na aula de educação física (atividade extracurricular). Depois do problema resolvido entre as quatro alunas, a professora avisou as mesmas que os encarregados de educação seriam chamados à escola devido à gravidade da situação.

Os encarregados de educação da D, L e L chamaram a atenção os educandos, dando razão à professora, enquanto que o encarregado de educação da L desculpou a educanda e, ainda, discutiu com a professora dando sempre razão à sua educanda.

Comentário da estagiária finalista:

Com o presente registo de observação, pode concluir-se que nem sempre os pais estão em sintonia com a escola. Neste caso, o pai da L desculpou a filha num momento em que a aluna não tinha razão alguma, pois tinha errado com o professor. Com este tipo de comportamento, torna-se complicado estabelecer uma boa relação entre escola-família.

Registro de Observação 21 (RO21)

Data: 30/11/2016

No dia já mencionado, passada uma hora de entrar na sala, a R não parava de tremer, foi-lhe tirada a temperatura e estava com febre. Após o sucedido, a professora cooperante ligou ao encarregado de educação para vir buscar a sua educanda. Questionei a R para saber o porquê de ter vindo para a escola naquele estado, a aluna respondeu que gostava muito de ir para escola e que não gostava de estar em casa porque o pai estava sempre a dormir.

Comentário da estagiária finalista:

Com este registo, é notório o descuido que os familiares deste contexto têm para com os filhos, pois os alunos preferem estar na escola do que em casa porque não tem atenção por parte dos familiares. Em contexto escolar, mostram ser carinhosos e, sempre que é dado um carinho a estes alunos, eles mostram comportamentos de alegria e felicidade.

Registo de Observação 22 (RO22) **Data:** outubro 2016 a maio 2017

Durante o ano letivo de estágio na instituição B, foi possível constatar a presença dos pais nos intervalos das atividades letivas (a meio da manhã, almoço e meio da tarde). Estes familiares encontram-se encostados às grades que rodeiam o recreio, vão à escola nestes diversos momentos já mencionados para entregar os lanches aos seus educandos/familiares (sobrinhos, primos, irmãos) ou apenas para fazerem companhia. É, também, nestes momentos que muitas das vezes são tratados de assuntos entre a professora cooperante e encarregados de educação, visto que, quando a professora marca uma hora para falar com os encarregados de educação, estes quase nunca aparecem no dia e hora marcada.

Comentário da estagiária finalista:

Através deste registo contínuo, pode constatar-se que estes pais estão presentes na rotina do dia a dia dos filhos. Mesmo não podendo entrar na escola em horário de atividades escolares, estes permanecem no recreio e os filhos passam o intervalo junto dos familiares.

Registro de Observação 23 (RO23)

Data: 8/03/2017

No dia já mencionado, era curioso ver a alegria e satisfação que o aluno S demonstrava na realização das atividades. Para além de estar empenhado, estava bastante animado. As atividades eram realizadas com sucesso.

Depois de perceber esta motivação diferente daquela que mostra habitualmente, questionei o aluno sobre qual o motivo da sua alegria naquele dia e ele respondeu com um enorme sorriso “Professora, hoje o meu pai vai ser ouvido pelo senhor juiz e se calhar já vem de vez para casa.”.

Comentário da estagiária finalista: Após ter este diálogo com este aluno, consegui perceber o porquê dos diferentes estados de espírito que este apresenta, ao longo dos diferentes dias da semana. É um aluno carente que, por vezes, mostra ser bastante desmotivado para as atividades propostas. Pode constatar-se, através deste registo, que a realidade desta criança é completamente desfavorável para a aquisição da aprendizagem, pois em casa falta-lhe o apoio necessário.

ANEXO 3 – NOTAS DE CAMPO

Nota de Campo n.º 1

Data: 12/12/2016

No dia doze de dezembro de dois mil e seis, a estagiária finalista questionou os alunos que realizaram a atividade em casa com os familiares. Assim, consegui constatar que dos vinte e três alunos, apenas doze decoraram a estrela de Natal e trouxeram para a escola. Através das respostas dos alunos, constatei que cinco alunos realizaram a atividade com a mãe, três alunas realizaram a atividade sozinhas, um teve ajuda da cunhada e outra aluna contou com a ajuda da irmã mais velha e apenas um aluno realizou a atividade com a presença e ajuda dos pais e irmão mais novo.

Após as respostas dos alunos que entregaram o trabalho, a R dirigiu-se à professora estagiária e referiu que não tinha decorado a estrela porque o pai e a mãe não sabiam fazer nada daquilo.

Comentário da estagiária finalista:

Após analisar as respostas da turma, foi visível perceber que as famílias não estão habituadas a realizar trabalhos com os educandos. Mesmo assim, é notável a força de vontade na realização dos trabalhos por parte dos alunos, pois todos aqueles que não tiveram o apoio da família, não deixaram o trabalho por realizar.

Nota de Campo n.º 2

Data: 13/12/2016

No dia já mencionado, a professora estagiária estava a despedir-se da turma, visto que se tratava do último dia de estágio no que diz respeito ao primeiro semestre. Nesse preciso momento, o F referiu que estavam quase de férias de Natal e a G disse que não gostava nada de estar de férias, preferia ir para a escola porque em casa não fazia nada e que era obrigada a tomar conta da irmã mais nova enquanto a mãe tratava das lides domésticas. A R reforçou a ideia de que também preferia estar na escola, porque as professoras eram amigas e, em casa, o pai e a mãe não faziam nada.

Comentário da estagiária finalista:

Mais uma vez, é possível constatar a preferência dos alunos em estar na escola do que em casa. Isto porque em casa, durante o seu tempo livre, têm que ajudar os pais em casa ou até mesmo nas feiras.

A aluna L. já andava, há mais de uma semana, a queixar-se de uma afta que tinha na boca. Durante esse período de queixas, a professora cooperante salientou a importância da aplicação de um produto para a cicatrização da mesma, dizendo à aluna para esta ir com a mãe à farmácia para adquirir o medicamento mais apropriado.

No dia já mencionado, a L. foi queixar-se do mesmo problema à professora estagiária, esta questionou-a se já tinha abordado a mãe para a compra do medicamento. A aluna referiu que já tinha falado com a mãe, mas que a resposta que obteve da progenitora foi “O que é que queres que eu faça?”.

Depois deste diálogo, a professora estagiária chamou a atenção do problema à professora cooperante. A mesma realizou logo uma chamada para a mãe da aluna em questão, chamando-a a atenção das dores e desconforto que as aftas causam, sendo que a aconselhou a ir ou ao centro de saúde ou à farmácia. Salientou que, se o motivo de ainda não ter adquirido o produto fosse por falta de verbas, poderia então recorrer à ajuda do centro de saúde.

No dia seguinte, a aluna já trazia consigo o medicamento.

Comentário da estagiária finalista:

Foi necessário o telefonema da professora cooperante, para a encarregada de educação tratar do assunto de saúde da filha. Neste contexto social, os pais, quando contactados pela escola numa situação destas, tomam logo medidas para solucionar os problemas, pois muitas das vezes estas crianças estão sinalizadas na CPCJ e os próprios pais têm medo das represálias que possam surgir.

O aluno F andava a ter um comportamento muito agitado desde o início do período. A professora, após muitos avisos, decidiu telefonar ao encarregado de educação, para o colocar a par da situação, uma vez que o aluno, para além de estar constantemente distraído, distraía e perturbava a turma toda, o que tornava impossível um ambiente calmo e propício para a aprendizagem.

No dia já mencionado, a professora cooperante questionou o aluno F se o pai tinha falado com ele acerca do assunto também já referido. O F respondeu que sim, que o pai tinha falado com ele, que o castigou e ameaçou que, se o comportamento não melhorasse, o aluno, no próximo ano letivo, iria estudar para um colégio interno.

Após esta conversa, tem-se vindo a notar um melhor comportamento por parte do aluno, sendo que o encarregado de educação mostra interesse, ligando constantemente à professora cooperante para saber como anda o comportamento do seu educando.

Comentários estagiária finalista:

Nesta situação, percebe-se que o pai do aluno tomou medidas após as queixas do comportamento do seu filho. Ao ter conversado com o filho, este melhorou o comportamento.

No início da semana, dia 27 de março de 2017, a professora cooperante avisa os alunos de uma visita de estudo que se iria realizar no dia 3 de abril de 2017 e seria ao aeroporto Sá Carneiro. Depois do aviso oralmente, entrega as circulares para os encarregados de educação darem a sua autorização.

No dia já mencionado, dia 28 de março de 2017, a aluna G avisa a professora que a mãe não a deixa ir porque tem medo que ela se perca ou que alguém a roube. Depois deste relato da aluna, a professora liga à progenitora para explicar no que consistia a visita e que, para além dela, ainda levava a professora estagiária e que não havia nenhum perigo da aluna se perder ou de a roubarem.

No dia seguinte, dia 29 de março de 2017, a aluna entregou à professora a autorização. É de salientar que, no dia da visita, a encarregada de educação da aluna ligou para a professora uma vez, para saber se estava tudo bem.

Comentário da estagiária finalista:

Com esta nota de campo, pode constatar-se que os pais se preocupam com os filhos, isto também se considera uma prática de EP. Os pais têm receio que aconteça alguma coisa aos filhos, daí a não autorizarem as saídas da escola.

No dia já mencionado, realizou-se a visita de estudo ao aeroporto Sá Carneiro. Às duas da tarde, o autocarro estava à porta da escola. A mãe da aluna C dirigiu-se à professora estagiária e pediu várias vezes para que não largasse a mão da sua filha e apenas saiu da porta da escola quando o autocarro partiu.

Havia uma curiosidade, pois seria a primeira visita de estudo do aluno G, pois o aluno nunca teria tido vontade em ir a visitas de estudo. Também o avô do aluno G estava à porta da escola e também só quando o autocarro partiu é que o senhor se foi embora. Durante a viagem, o aluno mostrava-se bastante feliz. Durante a visita, questionava várias vezes a guia pois queria tirar as dúvidas que apareciam.

A mãe da aluna G, que inicialmente não a queria deixar ir à visita de estudo, porque tinha medo que esta se perdesse ou que fosse levada por alguém, ligou apenas uma vez para a professora para saber como é que as coisas estavam a correr.

Quando a turma chegou à escola, o avô do G. estava à porta da escola e, quando o neto apareceu, este, em voz bastante alta chamava pelo neto “Ai meu filho, como tu estás? Correu bem? Gostaste?”. Ao entregar o aluno, o avô agradeceu muito à professora estagiária bem como à professora cooperante.

Comentário da estagiária finalista:

Com esta nota de campo, pode constatar-se que tanto o aluno G como a aluna G se mostravam entusiasmados e felizes ao participar na visita de estudo. Na chegada à escola, os familiares esperavam pelos alunos, mostrando-se ansiosos em saber como tinha corrido.

No dia já mencionado, realizou-se a entrega das avaliações correspondente ao segundo período do ano letivo. Após terminarem as atividades letivas, os encarregados de educação começaram a chegar, aguardavam à porta da sala a permissão da professora cooperante para entrar. Iam entrando, consoante a ordem de chegada.

De vinte e três alunos, apenas oito encarregados de educação é que apareceram para receber as avaliações dos alunos.

Os primeiros a entrar foram os pais da D. Para além dos pais, estiveram a aluna e os irmãos presentes na reunião. Foi notório que a preocupação dos pais era se a aluna estava em risco de reprovar. A professora referiu que a aluna tinha que se esforçar mais este período para conseguir transitar de ano para o 3.º ano de escolaridade. Salientou a importância da realização dos trabalhos de casa, mas logo esta informação foi rejeitada pela mãe, tendo esta referido que “A D. não vai fazer os trabalhos de casa, pois chega a casa cansada e com fome senta-se no sofá a comer e pouco depois já está cheia de sono. Entretanto, chega a hora do culto e, como chega a casa muito tarde, já não vai fazer trabalhos nenhuns.” A professora referiu que “Mais não posso fazer, eu faço a minha parte, vocês como família têm que fazer a vossa parte.”

A mãe do R. foi a segunda a entrar, a professora salientou que o R. era um aluno com um excelente desempenho no que diz respeito a todas as áreas e que era incrível a sua cultura. O ponto a melhorar no aluno será a conversa, pois os pequenos erros que comete deve-se à distração em sala de aula. A mãe refere que o aluno não admite que a progenitora apague os trabalhos de casa para que este volte a repetir os exercícios. Salientou que, a partir de agora, ia investir mais nas leituras do filho e que ia começar a cortar o tempo de videojogos.

Seguidamente, entraram os pais do N. A professora referenciou que o aluno estava a ter um excelente desenvolvimento a nível de todas as áreas e que este período se revelou uma criança mais autónoma e menos mimada. A encarregada de educação apenas concordou com a docente e assinou os papéis, não foi feito qualquer comentário para além deste assunto.

Depois dos pais do N, entrou a mãe do S. A professora salientou os progressos do aluno, sendo que este aluno ainda está a trabalhar conteúdos do primeiro ano. Ainda assim, a encarregada de educação perguntou se havia a possibilidade de o aluno passar de ano. A professora nunca respondeu uma resposta óbvia, pois o aluno estava presente na reunião. Então, dava a entender que o aluno estava melhor, mas que estava a um nível de alunos de primeiro ano. Deu a entender que, pelo facto de o pai do S estar preso, poderia ser bom ele transitar de ano. Mais uma vez, a professora referiu que não ia passar um aluno sem as competências pretendidas para um segundo ano de escolaridade.

Após a mãe do S, entrou a mãe da L. que é tia da M. e que pediu autorização à professora para assinar as provas da sobrinha. Depois disto, a professora iniciou a reunião, referindo que tanto a L. como a M. têm muito que trabalhar este período e estar mais atentas, pois só assim conseguiam adquirir as competências esperadas para transitarem de ano. Salientou que das duas alunas, a M. é que se deve esforçar mais. A encarregada de educação disse à professora que não queria que passasse a filha de ano, se esta não tivesse as competências esperadas. Uma vez que a filha estava presente, esta dirigiu-se à filha, dizendo “Se não passares de ano, já sabes o que te acontece.”.

Seguidamente, entrou na sala a mãe da I. A professora referiu o bom desempenho da aluna em todas as áreas, assim como referiu que a aluna se apresenta com mais maturidade no dia a dia escolar. A mãe preocupou-se em saber em que é que podia ajudar mais a filha em casa. A professora referiu que apenas deve acompanhar a aluna nos trabalhos de casa e não ensinar matéria nova.

O último encarregado de educação a chegar foi o pai do G. A docente salientou o bom desempenho do aluno em todas as áreas, referenciou também que o aluno está muito mais extrovertido e integrado na turma, também mencionou o quanto foi importante para o aluno ter ido a uma visita de estudo, que só lhe fez mais com que o G. tivesse ganho mais autonomia. O pai concordou com o que a professora disse, questionou o que poderia ser feito pela parte da família para um melhor desempenho do filho.

ANEXO 4 – REGISTOS DE ATIVIDADES

Registo da Atividade 1

Data: 25/05/2016

No decorrer do acolhimento do dia 2 de março, as crianças contaram, como habitual, as novidades. A estagiária também tinha uma novidade, tinha sido tia. Então, mostrou a fotografia do bebé às crianças. De seguida, iniciaram diversos comentários feitos pelas crianças como: “Eu nunca fui assim bebé”; “Eu era careca e agora tenho cabelo”; “Eu era mais gordinho”; “Não me lembro de ser assim”. Seguidamente, a estagiária questionou as crianças se estas gostariam de ver quais as diferenças que surgiram à medida que as crianças iam crescendo.

Com euforia, as crianças disseram logo que sim e que iam pedir aos pais fotografias para depois mostrar aos colegas quais as diferenças que aconteceram.

Como iam iniciar as férias da Páscoa, a estagiária aproveitou esse momento de pausa para pedir aos pais as fotografias das crianças durante o primeiro ano de vida e uma mais atual, pois assim teriam mais tempo e disponibilidade para organizar esta documentação.

As fotografias iam chegando, mas nem todas as crianças tinham as fotografias. Então, a estagiária decidiu adiar a atividade tão esperada pelas crianças.

No dia vinte e cinco de maio de dois mil e dezasseis, após o acolhimento, a estagiária mostrou às crianças as diferentes fotografias que havia trazido assim como diferentes imagens de tecnologias. Após um momento de observação, a estagiária pede às crianças para fazerem dois conjuntos do antigamente e do atual. Foi notório que as crianças conseguiram diferenciar quais os objetos que eram utilizados anos antes de nascerem assim como os atuais. Após este momento, as crianças referiram diferentes características que mudaram, tais como: “O telemóvel antes não tinha câmara”; “As televisões antigamente eram mais grossas”; “Agora já não se usa esse computador, agora é o *tablet*, eu tenho um”; “O telemóvel da minha avó é assim



Figura 32 Realização do friso

(aponta para um antigo) e o da minha mamã é assim (aponta para o mais recente) e tira fotografias e mexe-se com o dedo.”

Terminados os comentários sobre as mudanças que surgiram nas tecnologias, iniciaram os comentários às próprias fotografias assim como as suas. “I. quando eras bebé tinhas o cabelo em pé, agora está grande e para baixo”; “L. és igual mas agora já caminhas e estás maior.”

De seguida, em grande grupo apenas com as crianças que tinham as fotografias, foi exposta, no chão na horizontal, uma cartolina. A estagiária iniciou a colagem da sua fotografia em bebé assim como o ano e as tecnologias que constavam naquela altura. De seguida, juntamente com as crianças foram traçados os anos até chegar ao ano em que as crianças nasceram. Cada criança colou a sua fotografia no respetivo ano, tendo-se repetido o mesmo processo com as crianças dos 3 anos. Posteriormente, foram novamente traçados os anos até chegar ao atual. Novamente, a estagiária colou a sua fotografia assim como cada criança e, por fim, foram coladas as imagens das tecnologias atuais.

Considero uma atividade bastante importante, uma vez que quem mostrou o interesse foram as próprias crianças, apesar de não terem noção do tempo. Ao olhar para



Figura 33 Construção do friso cronológico

o friso que construíram juntamente com a estagiária, mostram saber que já passou algum tempo desde que nasceram até ao momento assim como referem as mudanças que

apareceram. Foi essencial a colaboração das famílias para a elaboração desta atividade.

O registo da atividade foi exposto na parede de fora da sala para os pais poderem visualizar. As crianças mostravam-se felizes e empolgadas em mostrar aos pais o trabalho realizado, isto porque apareciam as suas próprias fotografias. As crianças que não tinham

material para a construção do friso, mostravam-se entusiasmados, mas ao mesmo tempo mostravam tristeza, por não constar as suas fotografias, no friso. Esta exposição fez com que a mãe do P. trouxesse as fotografias da criança, que depois foram adicionadas ao friso.

Durante os momentos de acolhimento, a estagiária constatou que havia sempre uma novidade que era muito repetida pelas crianças, o assunto dizia respeito aos pesadelos. Então, após



Figura 35 Crianças com o pom pom

constatar que este tema era um tormento para as crianças assim como para os pais, pois, muitas destas crianças ainda dormem com os adultos, a estagiária preparou uma atividade com o objetivo de superar este medo e ajudar os pais a mudarem a criança para o

seu próprio quarto.

Em grande grupo, a estagiária mostrou às crianças um pompom e questionou-as sobre o que seria aquele objeto, poucas souberam responder. Depois disto, cantou uma canção que fala de um pompom que é amigo das crianças pois ajuda-as a não ter pesadelos, mas sim a ter bons sonhos. De seguida, foi feito o registo da canção em pictograma para, posteriormente, as crianças cantarem a canção e,



Figura 36 Crianças a cantar e mimar a música do pom pom

simultaneamente, mimarem os movimentos estabelecidos pela estagiária. Foi afixado o cartaz com a música numa parede da sala mais propriamente num lugar estratégico com o objetivo de todas as crianças conseguirem olhar para ele e “ler” o que nele constava.

A estagiária distribuiu por cada criança um pompom de diversas cores, todas elas diferentes. Cantou a canção e mimou os gestos. As crianças repetiram o feito durante duas vezes até que, sozinhas, começaram a cantar e a mimar os gestos.



Figura 37 Registo da música

Depois de aprenderem a música, foram vários os comentários “A partir de hoje só durmo com o meu pompom.”(E); “Já não vou ter pesadelos.” (M); “Agora vou aprender a sonhar.” (G); “Vou ter que levar o meu pompom comigo, ele é meu amigo e ajuda-me a ter sonhos bons.” (D)

Cada criança levou um pompom para casa. No dia seguinte, foram vários os comentários de agradecimento feitos pelos pais, pois o pompom tinha feito o efeito pretendido durante a noite anterior.

Registo da Atividade 3

Data: 05/12/2016

Como forma de envolver as famílias na vida escolar dos próprios educandos, a instituição B teve como princípio distribuir uma forma de cartolina alusiva à época festiva, Natal. As crianças, juntamente com as famílias, poderiam transformar a sua estrela com os materiais e ao gosto que quisessem.

Alguns alunos pediram à docente se poderiam levar lápis de cor para casa, pois, em casa, não possuíam qualquer material. O prazo de entrega era de uma semana. Após essa semana, os alunos trouxeram o trabalho, mas, em 23 alunos, apenas onze fizeram o trabalho.

Cinco dos alunos referiram que realizaram o trabalho sozinhos, dois com os irmãos, três com as mães e um com toda a família.



Figura 38 Trabalhos realizados em casa com os familiares

Registo da Atividade 4

Data: 8/02/2017

Como forma de envolver as famílias em atividades escolares dos seus filhos, a estagiária finalista entregou a cada criança de toda a escola um molde de uma máscara em cartolina, máscara de Carnaval. Juntamente com a máscara, foi também enviada uma circular onde apelava à criatividade e empenho das famílias na realização da atividade, pois essa máscara seria um acessório fundamental para um desfile de máscaras que se iria



Figura 39 I a desfilar

realizar no último dia de aulas antes da pausa do Carnaval.

Mais uma vez, alguns alunos solicitaram a docente para o empréstimo de material para decorarem a sua máscara. As máscaras foram chegando e, mais uma vez, a turma não participou toda na atividade. É de realçar que alguns dos pais dos alunos não perceberam a atividade e, em vez de decorarem a máscara, recorreram a uma loja onde compraram máscaras já feitas.

É importante salientar que todas as crianças que tinham máscaras participaram no desfile, no entanto só as máscaras que cumpriam com os requisitos pedidos é que foram para concurso.

O júri era composto por três docentes da instituição, eram avaliados numa grelha de 0 a 3 onde os itens avaliados eram a criatividade, o desfile e, por fim, a simpatia.

Durante o desfile, foi curioso perceber o à vontade do aluno G que, na sala, para além de ser dos melhores amigos, é muito envergonhado e é uma criança difícil de se adaptar a novas situações do dia a

dia, ou seja, sair da rotina diária. Este aluno ficou num dos lugares do pódio. Ao conversar



Figura 40 A a desfilar



Figura 41 F a desfilar

com ele, foi notória a satisfação do mesmo por ter alcançado aquele lugar, pois segundo o G seria um motivo de “orgulho para toda a família, pois todos construíram a sua máscara.” No entanto, é impressionante como os alunos com mais à vontade em sala de aula foram os mais tímidos no desfile.

Foi perceptível que a presente atividade foi bem-sucedida. Ainda assim percebe-se que a realização das máscaras, em vários casos, não teve qualquer apoio dos familiares.



Figura 42 D a desfilar

Durante o mês de abril, a professora estagiária presenciou-nos com a visita de 6 novos inquilinos para morarem na sala da turma do 2.ºA instituição B. A turma recebeu muito bem, estes novos amigos. Mas do que será que estão a falar?

Estamos a falar dos Bichos da Sede, depois de serem apresentados à turma, recorremos a uma pequena pesquisa realizada em conjunto, descobrimos que a sua alimentação era apenas folhas de amoreira, descobrimos assim que o nosso recreio continha uma árvore que nos dava o alimento que precisávamos para os nossos novos amigos.

Depois disto, fomos desafiados a levar para casa os nossos amigos, para passarem uma noite com a nossa família. Uma vez que estávamos a dar início à realização de escrita criativa, tínhamos também que elaborar um texto com os nossos familiares.

Para a realização desse texto, a professora estagiária deu-nos algumas questões para respondermos e desenvolvermos.

- Quando chegaste a casa com os bichos da seda, o que fizeste?
- Como reagiram as pessoas que vivem contigo?
- Que perguntas te fizeram?
- Onde dormiram os bichos?

Todos os dias, eram sorteados 3 alunos para levar os bichos.

À medida que as crianças levavam os bichos, via-se alegria dos mesmos pela professora confiar neles. Quando chegavam no dia seguinte à escola, faziam um relato de como tinha corrido, foram muitos os alunos que pediram para voltar a repetir a experiência. Constatou-se, também, que os intervalos destas crianças era procurar as folhas das árvores que eram o alimento dos bichos.

Foi perceptível que as crianças que tinham mais dificuldades e que não contaram com ajuda dos familiares não realizaram o texto que tinha sido pedido. Em 23 alunos, apenas 7 realizaram o registo.

Registos:

“Os bichos da seda”

Quando cheguei a casa mostrei-os à minha família.

A minha mãe sentiu medo e nojo, o meu irmão também e o meu pai nada.

A minha mãe perguntou quando eles iam embora e quantos alunos já os levaram.

Os bichos dormiram no meu quarto. (R)

“Os bichos da seda”

Quando cheguei a casa pousei os bichos em cima da mesa.

As pessoas que vivem comigo reagiram bem.

Ficaram entusiasmados e com muita curiosidade.

Perguntaram o que era aqueles bichinhos.

Dormiram bem, na minha casa, no meu quarto. (N)

“Os bichos da seda”

Um dia eu trouxe os bichos da seda para casa e eu dei comida aos bichos da seda e brinquei com os bichos. Depois eu vi vários casulos e dei mais folhas de amoreira e depois apaguei as luzes. (I)

“Os bichos”

Pousei os bichos da seda num sítio fresco. A minha família ficou com curiosidade. A minha família perguntou o que comiam os bichos da seda. Os bichos dormiram dentro da sua caixa num lugar fresco. No meu quarto. (A)

“Os bichos”

A minha família ficou entusiasmada com os bichos e também adoraram ver.

A minha mãe perguntou qual é a espécie dos bichos e eu disse-lhe que eram bichos da seda. Mas toda a família gostou dos bichos. (F)

“Os bichinhos”

Quando cheguei a casa pousei os bichos na mesa e mostrei à minha família. As pessoas que vivem comigo reagiram bem e ficaram entusiasmados. Perguntaram o que era aqueles bichos. Dormiram bem, na minha casa e no meu quarto. (GP)

“Os bichos da seda”

No dia 19 de maio (quarta-feira). Chegaram 3 novos habitantes a minha casa, os bichos da seda.

Os meus pais quando chegaram a casa ficaram muito admirados, mas receberam-nos bem.

Escolhemos entre todos um lugar para eles viverem com todo conforto que eles merecem. (G)

Como forma de sinalizar o Dia Internacional da Família, a professora estagiária deu a cada criança um kit composto por uma meia de vidro, areia, sementes de relva, olhinhos e um copo. Com estes materiais, as crianças e as próprias famílias eram desafiadas a construir um Relvinhas da forma mais criativa. Foi explicado que, para além dos materiais que o kit continha, podiam decorar o seu Relvinhas com materiais ao próprio gosto. No caderno diário, seguia um registo, a explicar como realizar atividade passo a passo. Para além da realização do Relvinhas, as crianças teriam que escrever um texto em que respondesse aos seguintes tópicos:

- Qual o nome do novo membro da família?
- Em que divisão da casa vive?
- Quem te ajudou a realizar o Relvinhas?
- Que reações manifestaram as pessoas que vivem contigo, com a presença do novo membro da família?

Foi proposto às crianças trazerem o Relvinhas para comparar o crescimento do seu cabelo (relva) com o dos colegas. Então, à medida que iam trazendo o seu novo membro da família, liam também o texto que realizaram. Durante as apresentações, as crianças mostravam-se contentes com resultado final. No entanto, algumas das crianças da turma apresentavam o trabalho como se fosse mais um trabalho de casa, que tivessem realizado sozinhos.

Foi notório que a maior parte das crianças com um grau de dificuldade mais agravada apenas trouxeram o Relvinhas e não o texto que também tinha sido pedido.

Conseguiu-se, também, constatar, tal como na atividade do Carnaval, que algumas famílias recorreram a supermercados para comprar um Relvinhas já feito. Foi, ainda, perceptível que a maior parte da turma que realizou a atividade apenas utilizou os materiais facultados pela professora estagiária.

Durante 15 dias, as crianças regavam os seus Relvinhas todos os dias. Era um dos seus momentos favoritos na rotina da escola, adoravam comparar o crescimento da relva

de cada um. Foi visível que foi uma atividade bem-sucedida e que a turma, apesar de individualmente, se mostrava feliz com o resultado final. Constatou-se, também, a bondade e o bom coração que as crianças desta turma tinham, pois foi perceptível que, à medida que o tempo ia passando, alguns dos Relvinhas não cresciam. Então, percebe-se que não estavam bem feitos e os mais perspicazes ajudavam arranjar uma solução para os Relvinhas que não estavam a crescer, ou seja, que não estavam bem feitos. Foi bonito de se ver a entreatada e companheirismo da turma.

Percebi que estas famílias, ao não estarem habituadas a atividades como estas, procedem da maneira mais simples possível. Penso que, se estas famílias fossem habituadas a atividades deste carácter, os resultados seriam muito mais ricos e positivos.

Registos:



Figura 43 Trabalho realizado em casa

Kiko

A minha família ficou contente com o novo membro da família. Estamos muito curiosos para ver o cabelo dele a crescer.

O meu Kiko vive na cozinha. Fiz o meu Kiko com a minha mãe. (GP)



Figura 44 Trabalho realizado em casa

Sou Luna

Com a chegada do novo membro da família, a minha família ficou contente. Queremos muito ver o cabelo dele a crescer. A Luna vive na minha cozinha e fiz a minha Luna com a minha mãe. (L)

Relvinhas



Figura 45 Trabalho realizado em casa

Quando cheguei a casa, mostrei para a minha família o saco que tinha as coisas para fazer o Kellin, ficaram todos contentes. Estamos todos muito ansiosos para ver o cabelo do meu Kellin a crescer. Ele vive na sala. O meu Kellin foi feito com toda a minha família. Gostamos muito de fazer o Kellin. (G)

O Maia Novo



Figura 46 Trabalho realizado em casa

A minha família ficou contente com o novo membro da família, vive no meu quarto e fiz com a minha irmã. (S)

Sou Luna



Figura 47 Trabalho realizado em casa

Toda a minha família ficou feliz com o novo membro da família, que se chama Sou Luna. Queremos muito ver o cabelo dele a crescer, a Sou Luna vive na varanda de minha casa. Fiz a minha Sou Luna sozinha. (LM)



Figura 48 Trabalho realizado em casa

Violeta

Ficámos muito felizes com o novo membro da família. Estamos ansiosos para ver o cabelo dele a crescer. A minha Violeta vive na sala da minha casa e fiz a minha Violeta com a minha mãe. (M)



Figura 49 Trabalho realizado em casa

Bolinhas

A minha família ficou entusiasmada para fazer o Bolinhas, para ver a crescer as folhas. Ele vive na cozinha. Agora temos um novo membro na família. Fiz o Bolinhas com a minha mãe. (F)



Figura 10 Trabalho realizado em casa

João

O Relvinhas chama-se João. Vai viver na varanda da minha casa. A minha família ficou feliz. Fiz o João com os meus irmãos. (N)